

RITA ISABEL PEREIRA TRAQUINO

**O Envelhecimento e as Tecnologias de Informação e
Comunicação**



Escola Superior de Educação e Comunicação

2018

Rita Isabel Pereira Traquino

O Envelhecimento e as Tecnologias de Informação e Comunicação

Mestrado em Gerontologia Social

Trabalho efetuado sob orientação
do Professor Doutor Joaquim Arco



Escola Superior de Educação e Comunicação

2018

O Envelhecimento e as Tecnologias de Informação e Comunicação

Declaração da autoria do trabalho

Eu, _____, declaro ser a autora deste trabalho, que é original e inédito. Autores e trabalhos consultados estão devidamente citados no texto e constam da listagem de referências incluída.

Copyright © Rita Traquino 2018

A Universidade do Algarve tem o direito, perpétuo e sem limites geográficos, de arquivar e publicitar este trabalho através de exemplares impressos reproduzidos em papel ou de forma digital, ou por qualquer outro meio conhecido ou que venha a ser inventado, de o divulgar através de repositórios científicos e de admitir a sua cópia e distribuição com objectivos educacionais ou de investigação, não comerciais, desde que seja dado crédito ao autor e editor.

AGRADECIMENTOS

O caminho que percorri até à presente data tornou-se tão belo quanto as pessoas que tive a sorte de ter e/ou encontrar.

A família, que me deixou voar, mal sabia que os trilhos de conhecimentos e aprendizagens para o qual me incentivara, colocaria todos os meus valores e crenças à prova. Por todo o colo que recebi, todo o meu amor.

Os amigos que se cruzaram comigo a cada paragem, entenderam as minhas ausências, ouviram os meus desabafos...divido agora o mérito desta caminhada com todos vocês.

Os idosos que participaram no estudo de forma prestável e dinâmica. Sem eles o trabalho não poderia ter sido realizado. O maior agradecimento para todos eles.

O meu orientador, Professor Doutor Joaquim Arco que, com todo o seu mérito enquanto ser, converteu todas as minhas incertezas e receios em atitudes e trabalho. Olhando para tudo o que ficou desta aprendizagem, concluo que, para esta viagem não poderia ter escolhido um melhor guia.

No rumo que escolhi percorrer, todos os que nele participaram de alguma forma, me recompensaram com conhecimento e experiência e isso ficará para sempre na minha história.

E, como afirmou Isaac Newton, se conseguimos ver mais longe hoje, foi por estar de pé sobre ombros de gigantes.

A todos vós o meu sincero e mais profundo agradecimento.

LISTA DE SIGLAS

OMS- Organização Mundial da Saúde

EBS - Envelhecimento Bem-Sucedido

QV - Qualidade de Vida

IDH – Índice de Desenvolvimento Humano

WHO – World Health Organization

UNESCO – Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

UTI – Universidades da Terceira Idade

TIC – Tecnologias de Educação e Comunicação

CE - Comissão das Comunidades Europeias

RESUMO

Na sociedade contemporânea, a intensa revolução tecnológica associada ao crescimento da população idosa tem resultado numa inclusão social e digital para aqueles que conseguem acompanhar e dominar o contexto tecnológico. Contudo, a existência de grupos infoexcluídos torna necessárias mais abordagens de incentivo e inovação para que os idosos possam estar incluídos social e digitalmente de modo a se adaptarem às mudanças ocorridas ao longo da vida.

A presente investigação é centrada no processo ensino-aprendizagem das Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) pelos mais velhos tendo como objetivos gerais delineados: I) compreender o processo de aprendizagem relacionado com as TIC; II) Perceber de que forma é que o uso das TIC contribuem para a qualidade de vida dos idosos; III) Estabelecer a relação entre a aprendizagem ao longo da vida e as TIC na terceira idade.

A metodologia por base deste projeto assenta sobre o estudo de caso, tendo como amostra 97 pessoas com idades compreendidas entre os 54 e os 80 anos que frequentam Academias Séniores no Algarve (Faro, Olhão, Loulé e São Brás de Alportel) e que têm como disciplina a Informática. As técnicas de recolha de dados incidem na análise documental, inquéritos por questionário, entrevistas semi-diretivas, observação não-participante e no diário de campo.

Os resultados desta investigação revelam que, o trabalho realizado nas Universidades/Academias Seniores do concelho de Faro é o reflexo de práticas inquestionáveis quanto ao bem-estar, à participação social e melhoria da qualidade de vida de todos os envolvidos.

É relevante inventariar novos incentivos de aplicação/utilização das TIC junto da população idosa, no sentido de reforçar estratégias para uma aprendizagem ao longo da vida.

Palavras-Chave: Envelhecimento Bem-Sucedido, Tecnologias de Informação e Comunicação, Aprendizagem ao longo da Vida, Qualidade de Vida

ABSTRAT

In the contemporary society, the intense technological revolution associated with the growth of the elderly population has resulted in a social and digital inclusion for those who can follow and dominate the technological context. However, the existence of info excluded groups demand more approaches of incentives and innovations so that the elderly can be socially and digitally included in order to adapt themselves to the changes that take place throughout life.

The present research is based on the problems of learning and the usage of Information and Communication Technologies (ICT) in the elderly, being the general objectives: to understand the learning process related to ICT; To understand how the use of ICT contributes to the quality of life of the elderly; Establish the relationship between lifelong learning and ICT in the elderly.

The methodology of this project is sustained on the case study with a sample of 97 elderly people aged between 54 to 80 who attend Senior Academies in the Algarve (Faro, Olhão, Loulé and São Brás de Alportel) who attend the discipline of Informatics. The techniques of data collection focus on documentary analysis, inquiries by questionnaire, semi-directive interviews, non-participant observation and the field diary.

The results of this research reveal that the work carried out at the University / Senior Academies of the municipality of Faro is a reflection of unquestionable practices regarding well-being, social participation and improvement of the quality of life of all those involved.

It is important to register new incentives for the application / use of ICTs before the elderly population, in order to reinforce strategies for lifelong learning.

Key Words: Well-succeeded Aging, Information and Communication Technologies, Lifelong Learning, Quality of Life

ÍNDICE GERAL

INTRODUÇÃO	10
I. ENQUANDRAMENTO TEÓRICO-CONCEPTUAL	14
1. O Envelhecimento em Portugal: situação demográfica.....	14
2. As Ciências do Envelhecimento: da Gerontologia à Gerontologia Social	15
3. Envelhecimento Bem-Sucedido	18
4. Qualidade de Vida.....	20
4.1 Conceito	20
4.2 Qualidade de vida das pessoas idosas	22
5. Educação ao Longo da Vida.....	25
5.1 Conceito	25
5.2 Universidades da Terceira Idade	27
6. Tecnologias de Informação e Comunicação	31
6.1 Conceito	31
6.2 A sociedade da Informação	32
6.3 Os idosos na Era Digital.....	33
II. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	37
2.1 Tema e objetivos da Investigação	37
2.2 Justificação dos métodos e técnicas	38
2.2.1 Paradigma.....	38
2.2.2 Metodologia de investigação.....	39
2.2.3 Estudo de caso.....	40
2.2.4 Técnicas da Investigação.....	40
2.2.5 Análise de conteúdo	43
2.2.6 Triangulação.....	43
2.2.7 Diário de Campo	44
2.2.8 Participantes	45
2.2.9 Delineamento do estudo: Procedimentos de recolha e análise	45
III. APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS	48
3. Apresentação dos dados Quantitativos.....	48
3.1. Caracterização dos académicos	48
3.2. Utilização de equipamentos e acesso à Internet	50
3.3. Funcionamento das Universidades/Academias Sénior.....	54
4. Apresentação dos dados Qualitativos.....	58

4.1 Interpretação das Observações Diretas.....	58
4.2 Interpretação das Entrevistas Semi-Estruturadas	61
5. Síntese Reflexiva – Discussão dos resultados	74
IV. CONCLUSÃO	80
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	85
ANEXOS.....	92

INTRODUÇÃO

INTRODUÇÃO

O envelhecimento da população e a baixa taxa de natalidade associados à globalização e ao contexto socioeconómico incitam à procura de novas estratégias face aos desafios biológicos e socioeconómicos que promovam a cidadania ativa, a inclusão social e o crescimento económico. A revolução da longevidade iniciada no séc. XX tem vindo a aumentar ao longo das décadas fazendo com que esta realidade a que assistimos nos dias de hoje, seja cada vez mais vista de uma forma ampla que abranja aspetos biológicos, fisiológicos, ambientais, sociais, culturais e económicos.

Como forma de ações individuais e coletivas de promoção da saúde é esperado que se recupere, mantenha e promova a autonomia e independência dos indivíduos idosos. Assim sendo, a aquisição de competências ao longo da vida torna-se cada vez mais relevante para uma maior e melhor adaptação à sociedade globalizante, tecnológica e digital em que estamos inseridos. A aprendizagem ao longo da vida, segundo Gil (2013), quando se trata de idosos deve estar equacionada não somente para o mercado de trabalho mas mais numa dimensão que se relacione com o exercício pleno da cidadania, através do seu envolvimento ativo e responsável.

Os idosos continuam aptos para adquirirem novas aprendizagens para que possam agir de uma forma ativa, em processos inovadores e de mudança, como afirmam Repetto e Trentin (2008). Assim sendo, a aposta nas TIC no âmbito da aprendizagem ao longo da vida, como referem Patrício e Osório (2012), é considerada como uma oportunidade para que os adultos idosos sejam ativos na sociedade ao nível social, económico, cívico e laboral e ainda melhorando o nível físico e cognitivo de uma forma mais saudável.

O presente projeto pretende incidir no processo ensino-aprendizagem das Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) pelos mais velhos. A Organização Mundial da Saúde (1999) refere que as pessoas idosas são referenciadas a um grupo com idade igual ou superior a sessenta anos.

De forma a responder á questão de partida: “De que forma é que a aprendizagem das TIC pode contribuir para o envelhecimento bem sucedido e para a qualidade de vida na terceira idade?”, os objetivos gerais delineados são:

- I) Compreender o processo de aprendizagem relacionado com as TIC;
- II) Perceber de que forma é que o uso das TIC contribuem para a qualidade de vida dos idosos;

- III) Estabelecer a relação entre a aprendizagem ao longo da vida e as TIC na terceira idade.

Para a concretização de cada um dos objetivos gerais referidos foram definidos dois objetivos específicos:

- i) Identificar as estratégias utilizadas no ensino das TIC nas respetivas Academias Sêniores;
Identificar necessidades e motivações para a aprendizagem das TIC;
- ii) Conhecer a forma e o modo de utilização das TIC por parte dos idosos;
Relacionar o uso das TIC e a inclusão social e digital;
- iii) Conhecer a importância do uso das TIC nos processos da aprendizagem ao longo da vida;
Relacionar a aprendizagem ao longo da vida com uma cidadania ativa e inclusiva.

A metodologia desta dissertação assenta num paradigma interpretativo baseado numa abordagem mista cujas técnicas a utilizar serão inquéritos por questionário, entrevistas semi-diretivas, observação não-participante e diário de campo. Posteriormente para tratamento dos dados será efetuada uma triangulação dos dados (através das técnicas utilizadas) recorrendo á análise de conteúdo e tratamento estatístico.

Neste sentido, para este projeto de investigação foi tido em conta a relevância da problemática abordada na área de Gerontologia fazendo uma ressalva à importância do desenvolvimento de trabalhos e pesquisas que visem contribuir para o estudo e a pesquisa sobre a inclusão social e digital de idosos.

CAPÍTULO I

Enquadramento Teórico- Conceptual

I. ENQUANDRAMENTO TEÓRICO-CONCEPTUAL

A revisão da literatura presente neste capítulo inicial é significativa para a compreensão da realidade de muitos idosos no que diz respeito à era digital bem como nas propostas de estratégias para interferir positivamente nessa mesma realidade. É resultado de uma revisão bibliográfica coerente e fidedigna e irão orientar e enriquecer a investigação.

1. O Envelhecimento em Portugal: situação demográfica

As sociedades atuais deparam-se com um aumento acentuado do envelhecimento demográfico relacionado com a redução das taxas de natalidade e o aumento da esperança de vida, o qual leva ao aumento da proporção de pessoas com mais de 65 anos, idade que em Portugal está associada à idade de reforma.

De acordo com o Instituto Nacional de Estatística (INE, 2002) o envelhecimento pode ser analisado sob duas perspetivas:

- De forma individual, o envelhecimento assenta na maior longevidade dos indivíduos e, conseqüentemente ao aumento da esperança média de vida. O envelhecimento individual está subjacente ao envelhecimento biológico, a alterações a nível psicológico, perdas de memória ou maior dificuldade no raciocínio são alguns exemplos. Por outro lado, as pessoas mais idosas estão também sujeitas a determinantes externos que podem desencadear algumas perturbações mentais ou comportamentais como por exemplo a exclusão social. No domínio das relações familiares e sociais nos idosos, estas são muitas vezes escassas e todos estes fatores podem condicionar o desenvolvimento de uma sociedade onde o envelhecimento possa ser vivido com maior qualidade de vida.
- Através do envelhecimento demográfico, que se caracteriza pelo aumento da proporção das pessoas idosas na população total. Esse aumento consegue-se em detrimento da população jovem, e/ou em detrimento da população em idade activa ou potencialmente activa (15-64 anos).

O fenómeno do envelhecimento resulta da transição demográfica, ou seja, da passagem de um modelo demográfico de fecundidade e mortalidade elevados para um modelo em que ambos os fenómenos atingem níveis baixos, dando origem a um estreitamento da base da pirâmide relativamente às idades mais jovens e o alargamento do topo, com acréscimo da população idosa.

O INE (2012) comprova isto mesmo com os dados registados quando comparados os anos de 2001 e 2011. A nível nacional, o indicador da população idosa é de 19,0% e representa em 2011 cerca de 19,5% no Algarve. Vejamos que, a região do Algarve em 2001, representava 20,6% da população jovem passando para 16,3% em 2011 ao passo que a população com 65 e mais anos registou 18,6% no ano de 2001 e em 2011 atinge os 19,5%. Ressalta ainda que a população com 70 e mais anos em 2001 era de 13,0% da população e em 2011 passou a atingir os 14,2%. De acordo com o mesmo Instituto, os municípios mais afastados do litoral apresentam maiores percentagens de população idosa. Alcoutim surge com 43,9% da população com 65 e mais anos, seguido de Monchique com 31,7%.

A PORDATA (2016), indica que o índice de envelhecimento no ano de 1970 seria de 32,9%, tendo aumentado ano após ano, registou-se em 2016 um índice de 148,7%.

A Organização Mundial de Saúde (OMS, 2005) prevê que em 2025 existirá um total de aproximadamente 1,2 bilhões de pessoas com mais de 60 anos e até 2050, esse valor subirá para dois milhões, sendo que 80 % localizar-se-á nos países em desenvolvimento.

2. As Ciências do Envelhecimento: da Gerontologia à Gerontologia Social

O processo de envelhecimento interfere na estrutura etária da população e, conseqüentemente gera significativas alterações nas necessidades sociais e na atividade económica e política de um país. Desta forma, com as estatísticas a apontar para este fenómeno do envelhecimento, torna-se necessário o desenvolvimento nesta área de estudo.

Na perspetiva de Paúl (2005 citado em Alves, 2017), o desenvolvimento desta área científica ganhou posição a partir da década de 80, do século XX, desenvolvendo-se como uma ciência que visa compreender e estudar as alterações que ocorrem no processo de envelhecimento, em diversas áreas. De acordo com Neri (2008 citado em Alves, 2017), a essa ciência designada Gerontologia, no ano de 1903, por Metchnikoff, tem origem grega, é composta pela palavra *gero* que significa velho e *logía* que se traduz em estudo. No entanto, Bramwell (1985 citado em Pereira, Mata e Pimentel, 2012) já havia considerado a Gerontologia como:

(...) estudo do envelhecimento humano na perspectiva do ciclo de vida, com metodologias de investigação próprias como o estudo de marcadores biológicos da idade e metodologias qualitativas no campo das ciências sociais e humanas, uma comunidade académica ativa e organizada e, por último, uma atividade intelectual contínua plasmada em inúmeras publicações científicas periódicas e não periódicas. (p.180)

O estudo de Schaie e Willis (2003) sobre a gerontologia indica que esta disciplina estuda os fenómenos associados ao processo de envelhecimento desde o nascimento até à velhice do indivíduo, assim como o estudo de idosos como população específica. Neri afirma ainda que, a Gerontologia é uma ciência que abrange um campo multi e interdisciplinar cujos objetivos de estudo passam pela descrição e explicação das mudanças que ocorrem no processo de envelhecimento e ainda pelo estudo das características dos idosos, segundo as suas vivências e contextos socioculturais e históricos. Além disso, a mesma autora alega que engloba aspetos do envelhecimento normal e patológico, abrangendo também conhecimentos biológicos, psicológicos e sociais, pois tem como base o conhecimento de outras áreas de estudo, tendo uma aproximação à teoria bio-psico-social (Fernández-Ballesteros, 2004 citado em Alves, 2017). O mesmo autor refere ainda que esta ciência é de carácter interventivo, com vista à melhoria das condições de vida dos idosos em contextos quer públicos quer privados.

Por sua vez, no ramo da Gerontologia estão inseridas outras áreas, como a Geriatria e a Gerontologia Social. De acordo com Alves (2017), o termo Gerontologia Social “surgiu em 1954 por Clark Tibbis, para referir a área da Gerontologia que se ocupa de estudar a influência das condições sociais e socioculturais sobre o processo de envelhecimento e as consequências sociais que derivam desse processo.” Assim sendo, para Neri (2008, citado em Alves 2017), a Gerontologia visa estudar as atitudes em relação à velhice, práticas e políticas de gestão da velhice pelas instituições sociais e pelas organizações não-governamentais, o bem-estar das populações idosas, redes de suporte social e por fim relações intergeracionais.

Para Fernández-Ballesteros, R., Caprara, M., & García, L. (2004), a Gerontologia Social é uma especialização da Gerontologia que se dedica ao estudo do impacto das condições socioculturais, políticas, jurídicas, económicas, educativas e ambientais inerentes ao processo do envelhecimento e que permitam de alguma forma, uma compreensão abrangente de modo a otimizar esse mesmo processo. Este conjunto de saberes deve permitir uma reflexão sobre a velhice de uma forma abrangente e ao mesmo tempo essencial para o surgimento de um novo agir face à dimensão do envelhecer.

Considerando o envelhecimento como um processo contínuo ao longo da vida, desde a concepção até à morte do indivíduo, a Gerontologia Social enquadra-se predominantemente na perspetiva do ciclo de vida proposta por Baltes no ano de 1987, que propende para a mudança ao longo de toda a vida de uma forma multidirecional, multidimensional e multicausal. Pereira (2016) refere que se trata de “uma abordagem multidisciplinar ao desenvolvimento, tendo como premissa central as mudanças verificadas nos indivíduos ao longo das suas vidas que afetam, potencializam e condicionam o seu desenvolvimento.”

Neste campo de estudos, a autora declara que os investigadores são confrontados com problemas de investigação desde os efeitos do envelhecimento da população sobre presente e futuro de estruturas sociais até às melhorias das políticas públicas instauradas. Gonçalves (2007) acredita que o gerontólogo seja dotado de algumas características como:

Compreensão do significado social da ação gerontológica; apreensão histórico-crítica do processo do envelhecimento humano; competência teóricocrítica, técnico-operativa, ético-política; abertura às mudanças e valer-se de imaginação e criatividade em suas ações; compreensão da natureza interdisciplinar da gerontologia para a busca de ações compatíveis de ensino, pesquisa e extensão/assistência; consideração ao sujeito de suas ações, a pessoa do idoso, como o protagonista da ação benfeitora; entre outros. (p.13)

O gerontólogo social é detentor de saberes biospsicossociais acerca do idoso, da velhice e do envelhecimento, podendo fazer com que esses conhecimentos melhorem a qualidade de vida e o bem-estar do indivíduo numa ótica social e interventiva.

Gonçalves (2007) conclui o seu estudo afirmando que “De todos os princípios educacionais da gerontagogia, há que se destacar a real necessidade do protagonismo desta educação ou seja, o ser idoso aprendente sendo o ator protagonista do processo educativo para o seu próprio benefício além dos demais.” Assim sendo, considera-se que o indivíduo em idade avançada está no centro de todos os campos de estudo da ciência aqui abordada e, deve ser ele, o protagonista da sua própria história com a ajuda das restantes personagens como a família, os amigos e os profissionais que o acompanham lembrando ainda que, quando falamos em viver muito e viver bem, o setor privado, o público e a sociedade na qual estamos inseridos têm todos um papel ativo e interventivo.

3. Envelhecimento Bem-Sucedido

3.1 Conceito

O crescimento da população em idade avançada conduz a uma preocupação constante acerca das questões e consequências do processo de envelhecimento. Este processo tem sido estudado ao longo das últimas décadas de forma a ser criado um conceito que englobe todas as condições inerentes à velhice, procurando um funcionamento contínuo a nível físico, emocional e social dos idosos de maneira que consigam viver ativamente com a maior qualidade de vida possível.

O conceito de Envelhecimento Bem-Sucedido (EBS) segundo Ribeiro, Neri, Cupertino e Yassuda (citado por Fernandes, Silva, Loureiro, & Medeiros, 2011) foi introduzido na Gerontologia a partir dos anos 60, especialmente nos países com elevado bem-estar social, trazendo importante mudança ideológica na conceção da velhice e do envelhecimento. De encontro a esta afirmação, Fonseca (2006) atesta que o conceito surgiu em 1960 e define-o como sendo um mecanismo de adaptação às condições específicas da velhice e numa procura de um equilíbrio entre as capacidades do indivíduo e as exigências do ambiente. Tendo em conta esta definição, verifica-se que este termo engloba intrinsecamente aspetos biológicos, psicológicos, sociais. Fernandes et al. (2011) mencionam que o processo de envelhecimento enquanto associado à atividade, à satisfação individual e à preservação da saúde poderá ser modificável. Por outras palavras, Simões (2005) refere que o EBS tem por base três componentes: evitar

a doença, manter um elevado funcionamento físico e mental e ter empenho ativo na vida.

Fernández-Ballesteros (2008) reconhece que a multidimensionalidade do EBS resulta de fatores como: saúde física e mental, regulação emocional e motivacional, funcionamento cognitivo ótimo, participação e envolvimento social. Facto provado é que o estilo de vida que cada um de nós adota tem influência na saúde e no nosso bem-estar facilitando ou impedido o envelhecimento bem-sucedido. Para isso é necessária a promoção de um envelhecimento ativo e bem sucedido a partir da melhoria de todos estes fatores ao longo da vida do indivíduo.

De forma a agrupar as diferentes ideias acerca do envelhecimento bem-sucedido, Villar (2012 citado em Guimarães, 2013) sugeriu a sua divisão em dois grupos distintos. Num primeiro grupo, os modelos que definem o EBS como um resultado alcançado no final da vida do indivíduo, cujo objetivo é identificar e justificar um conjunto de critérios ou indicadores de sucesso em idades mais avançadas. O autor agrupou num segundo grupo, os modelos que concebem o EBS como o envolvimento em processos de adaptação e estratégias utilizadas face às condições de mudança que ocorrem à medida que o indivíduo envelhece.

As pessoas envelhecem de maneiras e ritmos distintos uma vez que as características individuais de cada um assim como os estilos de vida que cada um adota interferem nesse processo. Fonseca (2012 citado em Alves, 2017) indica que, essas características individuais são resultantes das “mudanças ocorridas no *self*, das alterações corporais, cognitivas e emocionais, expectativas sociais, relações interpessoais, alterações familiares, profissionais e das suas relações, leva a que o idoso apresente uma variabilidade inter individual.” (p.17) Apesar das perdas inerentes ao processo de envelhecimento, há ganhos nesta fase da vida e, desta forma, ambos os modelos inseridos nestes dois grandes grupos encaram o envelhecimento de forma positiva. Assim, para diminuir os fatores de risco é necessária a prática de atividade física regular, a adoção de um estilo de vida saudável assim como estar envolvido em atividades de cariz intelectual e social. As alterações que ocorrem a nível físico não são suficientes para uma vida satisfatória.

Trentini, 2004; Oliveira, Santos, Cruvinel, & Néri (2006 citados em Costa, 2013), acreditam que os indivíduos que vivem negativamente a velhice apresentam uma maior probabilidade de vivenciarem emoções negativas e, dessa forma os sintomas de

depressão são mais evidenciados. A promoção da saúde e os cuidados de prevenção, dirigidos aos idosos, para além de melhorar o seu estado clínico e a sua qualidade de vida, ajudam a racionalizar os recursos da sociedade. Guiomar (2010) afirma que “está provada a eficácia da prevenção dos fatores de risco comuns a várias patologias incapacitantes de evolução prolongada, pelo que é prioritária uma ação concertada, de todos os atores da sociedade”. Para a autora é necessária uma melhoria de comportamentos no que diz respeito a uma boa nutrição, desincentivar o consumo de álcool e tabaco, fomentar uma prática regular de atividade física e controlar fatores de stress. Por outro lado, a participação ativa dos idosos na sociedade conduz a um maior e melhor conhecimento acerca dos valores da cidadania e das experiências individuais, promovendo igualdade e sem negar acesso ao emprego e à formação aos mais velhos, tal como refere a Organização das Nações Unidas na sua segunda Assembleia Mundial sobre o Envelhecimento:

A participação na vida social, económica e política, a par do acesso a oportunidades de emprego, com horários e condições de trabalho adequadas, proteção adequada das pessoas idosas mais pobres, no respeito pela sua dignidade e integridade, proteção contra as formas de exploração de que podem ser alvo, assegurando o respeito pelos seus direitos fundamentais. (World Health Organization [WHO], 2002).

Em suma, envelhecer de forma ativa e bem-sucedida é envelhecer com um projeto de vida, participar de forma livre, autónoma, e ativa na sociedade, na qual os idosos possam ocupar os seus tempos livres com atividades educativas, de lazer e culturais, valorizando as suas capacidades para assim ensinarem e aprenderem ao longo do seu percurso de vida. Nesta perspetiva, as universidades seniores constituem uma resposta social face aos desafios colocados pelo envelhecimento bem-sucedido.

4. Qualidade de Vida

4.1 Conceito

A observação das transformações demográficas na população portuguesa incita a uma crescente preocupação com o bem-estar dos indivíduos indissociável às condições de vida relativamente à saúde, educação, lazer, entre outras. A preocupação com a

qualidade de vida face às ciências sociais tem como foco a definição e as medidas de utilização da qualidade de vida. Segundo Kluthcovsky A. e Kluthcovsky, F. (2009), as medidas de qualidade de vida podem fornecer informações sobre aspetos pessoais e sociais, bem como medidas de incapacidade e bem-estar psicológico, do ponto de vista do paciente e focalizando a avaliação e tratamento no paciente mais do que na doença.

A realidade é que no último século a esperança média de vida tem vindo a ser mais evidente e isso acarreta outras questões que não sejam apenas o controlo da saúde dos indivíduos e, conseqüentemente, a diminuição da taxa de mortalidade. Vive-se mais mas vive-se com qualidade?

A Qualidade de Vida (QV) é um conceito subjetivo e tem sido definido ao longo dos anos por diversos autores consoante a perspectiva, valores e conhecimentos de cada um. Nesta linha de pensamento, Leal (2008 citado em Praça, 2012) refere que a interpretação deste conceito é complexa, ambígua e difere consoante a cultura, a época e a pessoa em si uma vez que esta está em constante mudança e se modifica conforme as adversidades e as circunstâncias. Nesse sentido, o que hoje é uma boa qualidade de vida, pode não ter sido ontem e poderá não ser amanhã.

A literatura apresenta as mais variadas definições conceptualmente diferentes, o que implica diversas formas de avaliação. Uma têm por base a satisfação com diversas áreas da vida, outras assentam no bem-estar, outras na funcionalidade, outras na diferenciação entre o que o indivíduo tem e o que deseja ou espera ter (Pires, 2009).

O conceito aqui abordado foi definido pela OMS, na década de 90, como sendo a perceção de cada indivíduo sobre a sua posição na vida face à sua cultura e aos seus valores, objetivos de vida, expectativas, modelos e preocupações (Paúl, Fonseca, Martín, & Amado, 2005). Esta definição afirma que a qualidade de vida é um conceito subjetivo, multidimensional e inclui elementos de avaliação tanto positivos como negativos de acordo com o contexto cultural, social e do meio ambiente nos quais os indivíduos estão inseridos. Seguindo a mesma linha de pensamento, Fleck (2000) acrescenta que o conceito abrange não só a saúde física e mental como também o seu nível de autonomia e independência, as suas representações e crenças, as relações sociais e a autoproteção de saúde.

O conceito dado pela OMS tem sido interpretado sob diversas perspectivas, incluindo pelas dimensões acima supramencionadas.

Para Sampaio (2007 citado em Pires 2009), a qualidade de vida é o grau de consciência entre a vida real e as expectativas do indivíduo, refletindo a satisfação de objetivos e sonhos do próprio indivíduo.

Qualquer avaliação de QV deve incluir dimensões positivas e negativas, dando assim ênfase às percepções dos indivíduos acerca dessas mesmas dimensões. Enquanto dimensões positivas pode-se abordar a mobilidade e a autonomia do indivíduo, ao passo que, nas dimensões negativas, pode-se abordar a dor, a fadiga e a dependência (Santos, 2009 citado em Praça 2012).

O Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) é uma das formas mais tradicionais de se avaliar qualidade de vida em grandes populações. Segundo Minayo, Harts e Buss (2000 citado em Pereira, Teixeira e Santos, 2012) o IDH visa ser um indicador sintético de qualidade de vida e assenta na noção de capacidades de desenvolvimento humano como por exemplo, a saúde e a educação dos indivíduos. Para os autores, uma análise crítica deste indicador é sempre importante, pois este poderia estar mais relacionado com o crescimento e menos com o desenvolvimento que seria um conceito mais amplo considerando mudanças histórias da sociedade.

Atendendo à complexidade deste conceito assim como a sua relatividade face às mais variadas perspetivas, cada vez mais se tem em conta a sua relevância no que diz respeito à intervenção e/ou comunicação com o outro.

4.2 Qualidade de vida das pessoas idosas

No decorrer do século XX, a esperança média de vida aumentou assim como as preocupações com o estado de saúde dos indivíduos idosos uma vez que o processo de envelhecimento acarreta algumas consequências, nomeadamente na área da saúde.

No ano de 1946, a WHO definiu saúde como um completo estado de bem-estar físico, mental e social e não meramente a ausência de doença, enfatizando a importância da qualidade de vida. Paúl et al. (2005) afirmam que a WHO nos dias de hoje enfrenta o desafio de proporcionar aos idosos uma maior qualidade de vida face às suas necessidades, mantendo-os ativos e participativos.

A qualidade de vida engloba as dimensões físicas, psicológicas e sociais o que faz com que a qualidade de vida dos indivíduos, especialmente dos indivíduos em idade avançada, seja influenciada por estes fatores. Fernandes, 1996 (citado em Romão, 2013)

acredita que a qualidade de vida em Gerontologia está relacionada com a forma como cada pessoa encara e vivencia o seu próprio envelhecimento. Desta forma, a qualidade de vida do idoso deve ser vista como um conceito multidimensional, sendo fundamental olhar para cada idoso de forma individual, percebendo como este encara o seu envelhecimento, o seu contexto e os fatores que poderão contribuir para o seu bem-estar.

Analisando diversos estudos e inquéritos, Jacob (2007), verificou que a qualidade de vida do idoso depende de fatores como:

- Possuir autonomia para executar as atividades do dia-a-dia;
- Manter uma relação familiar e/ou com o exterior regular;
- Ter recursos económicos suficientes;
- Realizar atividades lúdicas e recreativas regularmente. (p.21)

Após a pesquisa documental acerca de estudos centrados no conceito aqui abordado é possível retirar conclusões importantes acerca da temática. O estudo de Santos SR, Santos IBC, Fernandes, e Henriques (2002) objetivou avaliar a satisfação de 128 idosos em relação à sua qualidade de vida, com idades compreendidas entre os 60 e os 91 anos. Os resultados verificaram a satisfação regular desses idosos acerca das dimensões da qualidade de vida apontadas na escala de Flanagan. Concluiu-se que o desenvolvimento pessoal, as relações com familiares e amigos, a participação social, o bem-estar físico e material e a aprendizagem contribuem positivamente para a melhoria da qualidade de vida deste grupo de estudo. Esta conclusão foi feita também no estudo de Oliveira (2011) que teve como objetivo avaliar a qualidade de vida de 10 idosos que frequentam o Centro de Convívio de Carnidelo. Com os resultados obtidos observou-se uma qualidade de vida satisfatória no domínio ambiental, social e psicológico, tendo sido o domínio físico o menos classificado devido à condição do estado de saúde dos idosos participantes nesta amostra.

Com base em compreender a relação deste domínio físico com o bem-estar e a qualidade de vida dos idosos, Fernandes (2012) quis perceber se o grau de atividade influencia de facto a qualidade de vida percebida pelos idosos. O seu estudo reuniu três grupos com perfis diferentes de atividade: um mais ativo, um intermédio e um menos ativo. Após análise estatística dos resultados comprovou-se a existência de diferenças significativas entre o grupo mais ativo, em relação a qualquer um dos outros dois

grupos, que não apresentam diferenças significativas entre si. Deste modo, constata-se que a qualidade de vida desta amostra é boa, tendo sido influenciada pelas experiências e expectativas de cada um e, confirma-se que uma maior atividade conduz a uma melhor percepção de qualidade de vida.

O interesse de Campos, Cordeiro, Rezende, Vargas e Ferreira (2014) também recaiu sobre esta relação entre a atividade física e a qualidade de vida dos idosos e, nesse sentido, realizaram um estudo objetivando descrever o perfil sociodemográfico e avaliar a relação de interdependência entre a qualidade de vida de idosos e atividade física. Para isso, contaram com a participação de 107 idosos no Interior de Minas Gerais e concluíram que, estes têm uma boa qualidade de vida e que esta é influenciada pela prática de atividades físicas regulares, ausência de depressão, maior capacidade cognitiva e por uma boa funcionalidade familiar.

Nos estudos acima enumerados verificou-se que no processo de envelhecimento, a qualidade de vida depende de diversos fatores que estão em constante interação. Neri (2006 citada em Romão, 2013) afirma que, Lawton no século XX criou um modelo da qualidade de vida no envelhecimento tendo em conta a multiplicidade de aspetos e influências inerentes a este fenómeno. A mesma autora definiu no seu estudo as quatro dimensões conceptuais do modelo:

- A competência comportamental está relacionada com a avaliação sócio normativa do funcionamento do idoso, relativamente à saúde, à condição física, à cognição, à atitude na sociedade e à utilização do tempo;
- As condições ambientais significam adaptação e compatibilidade do idoso ao meio ambiente, para que o idoso se sinta inserido no local onde se encontra;
- A qualidade de vida percebida está relacionada com a percepção da saúde, as doenças, o consumo de medicamentos, a dor e o desconforto;
- O bem-estar subjetivo diz respeito à avaliação pessoal sobre as três áreas anteriores e depende da continuidade do self, da capacidade do indivíduo para se adaptar às perdas; da sua capacidade para recuperar de eventos stressantes ou perturbantes do curso de vida individual e social. (p.22)

5. Educação ao Longo da Vida

5.1 Conceito

A concepção e a perspectiva da educação permanente têm origem nos atos constitutivos da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) após a 2ª Guerra Mundial, constituindo uma ideia mais ampla e ambiciosa face ao conceito de educação e alfabetização que até então se havia definido uma vez que, pressupunha uma nova concepção do indivíduo e o seu desenvolvimento em todo o curso da vida, no sentido do direito à educação e na obtenção da liberdade e da democracia. Esta perspectiva é consciente de que, o ser humano é um ser inacabado e como tal, para que possa evoluir necessita de aprender e ensinar. É evidente que esse percurso educativo acompanhe todo o ciclo de vida do indivíduo além de que a educação é um direito universal consagrado quer na Declaração Universal dos Direitos Humanos, quer na Constituição da República Portuguesa.

A UNESCO refinou a definição ao longo do tempo, constituindo uma resposta calibrada para as mudanças nas necessidades de aprendizagem e educação nos países.

Este conceito compreende todas as formas de educação e aprendizagem que visam assegurar que todos os adultos participem em suas sociedades e no mundo do trabalho. Ambas as formas denotam todos os processos de aprendizagem formal, não formal e informal, por meio do qual os indivíduos desenvolvem e enriquecem suas capacidades para viver e trabalhar, no que diz respeito aos interesses próprios e das comunidades e organizações nas quais estão inseridos (UNESCO, 2010). A mesma Organização afirma que a aprendizagem e a educação de adultos envolvem atividades e processos contínuos de aquisição, reconhecimento, intercâmbio e adaptação de capacidades.

De forma a compreender melhor o conceito, a Organização elaborou dois modelos com princípios fundamentais numa perspectiva de educação ao longo da vida. São eles o Relatório Faure – Relatório da Comissão Internacional para o Desenvolvimento da Educação, *Learning to Be: The World of Education Today and Tomorrow* (Faure et al., 1972) e o Relatório Delors – Relatório da Comissão Internacional sobre a Educação para o Século XXI, *Learning: The Treasure Within* (Delors et al., 1996). A Organização salienta que, ambos os relatórios apontam para a necessidade de uma educação acessível que englobe desde a educação formal, não-formal e informal; alegam que a educação não ocorre apenas ao longo da vida, mas “em

todas as esferas da vida” de um adulto, seja em casa, no trabalho ou na comunidade na qual está inserido.

Para Faure (1972 citado em UNESCO, 2010) o conceito de educação ao longo da vida abrange todo o processo educacional, do ponto de vista do indivíduo e da sociedade. O autor afirma que a educação ao longo da vida tem como missão:

Preparar o adulto futuro para as várias formas de autonomia e autoaprendizagem. Esta aprendizagem futura exige um amplo leque de estruturas educacionais e atividades culturais a serem desenvolvidas para adultos. Tais estruturas e atividades, embora existam para seus próprios fins, são também uma pré-condição para uma reforma da educação inicial. A educação ao longo da vida, assim, torna-se o instrumento e a expressão de uma relação circular que inclui todas as formas, expressões e momentos do ato educativo...”
(p.143)

O Relatório Educação: um tesouro a descobrir, é situado pela UNESCO e reforça o fortalecimento da política de educação para todos, apresentando os quatro pilares da educação: aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a conviver e aprender a ser. A Comissão Internacional defende que estes pilares são fundamentais para um ensino estruturado que permita uma aprendizagem teórico-prática ao longo da vida do indivíduo. No seguimento deste pensamento, o Relatório Delors critica o ensino formal uma vez que este se direciona, essencialmente, para o aprender a conhecer.

A política de educação de adultos reconhece o valor da aprendizagem ao longo da vida, assim como sua potencial influência sobre o desenvolvimento dos indivíduos nos mais diversos domínios: família, saúde, participação social, entre outros. De acordo com o Marco de Ação de Belém, políticas e medidas legislativas para a educação de adultos precisam ser “abrangentes, inclusivas, integradas na perspectiva de aprendizagem ao longo da vida, com base em abordagens setoriais e intersectoriais, abrangendo e conectando todos os componentes da aprendizagem e da educação” (UIL, 2010 citado em UNESCO, 2010).

Além disso, a UNESCO (2012) afirma que, a política de educação de adultos é uma declaração de intenções que “orienta as ações, estabelece princípios e cria as condições necessárias para promover oportunidades de aprendizagem, além de permitir que os estudantes adultos se beneficiem, independentemente das circunstâncias em que se encontrem.”

Constata-se que para compreender este conceito é necessário uma mudança de paradigma de sistema educacional e uma evolução constante, por exemplo, no mercado tecnológico como forma de complemento à educação ao longo da vida, uma vez que com a evolução tecnológica surgem equipamentos cada vez mais práticos, rápidos e modernos. Com base neste pensamento, nos termos da alínea g) do artigo 199.º da Constituição, o Diário da República (2016) decreta que as políticas de envelhecimento são baseadas nos princípios da independência, participação, dignidade, assistência e auto-realização, ao invés de assentar na resolução de necessidades pontuais deste grupo. Na mesma alínea são referidas as tendências das políticas sociais de envelhecimento como:

Assegurar os direitos das pessoas mais velhas, à igualdade de oportunidades e tratamento em todas as dimensões da existência humana bem como promover medidas orientadas para a sua integração plena na vida social e cultural através da aquisição de saber e conhecimento, considerando as especificidades da igualdade de género. (p.4232)

De modo a corresponder face aos objetivos das políticas sociais de um envelhecimento bem-sucedido, as Universidades seniores são fundamentais uma vez que proporcionam um bem-estar físico, mental e social e reforçam a inserção e a participação, contribuindo para uma melhoria das condições e qualidade de vida de quem as frequenta.

5.2 Universidades da Terceira Idade

Enquadradas no conceito da educação ao longo da vida, bem como nos princípios da gerontologia educativa, as Universidades da Terceira Idade (UTI) são um modelo de formação de seniores com grande sucesso a nível mundial que proporciona aos idosos um grande leque de atividades culturais, recreativas, científicas e de aprendizagem (Carvalho e Silva, 2015).

No ano de 1973, surgiu em França a Universidade de Toulouse através do professor Pierre Vellas, a fim de ocupar o tempo livre dos aposentados (Monteiro e Neto, 2008). Cachioni (1999, citado em Monteiro e Neto, 2008) refere que a criação da primeira universidade sénior, tencionou ir ao encontro de uma população que dispunha de tempo livre e de condições económicas. Após o primeiro movimento, as universidades seniores rapidamente se expandiram pelos mais variados cantos do mundo. No espaço de sete anos surgiram cinquenta e duas instituições similares no mesmo país assim como em países de influência francófona, o que terá levado a alguns a considerar aquele país como o “país-berço das UTI” (Pinto, 2003, p.470).

As UTI não pertencem às universidades de ensino formal, ainda que existam algumas instituições do ensino superior que trabalham em parceria com algumas universidades da terceira idade. As universidades seniores seguem os princípios básicos do ensino informal baseado em trocas de experiências, histórias de vida, entre outras. Está estipulado por lei que estas não podem avaliar nem certificar habilitações. Ainda sobre a avaliação Pinto (2003, p. 468) salienta que “os alunos das UTI não desejam ser avaliados porque já o foram ao longo das suas vidas e não pretendem continuar a sê-lo.”

A dinâmica e o funcionamento das UTI variam de país para país e até mesmo de localidade para localidade pelo que é possível existirem na mesma região duas UTI a procederem de maneira distinta: ora mais direcionadas para a vertente do convívio, ora assumindo um cariz mais formativo. A decisão da sua linha de atuação assim como a organização na qual se deve reger fica ao critério de cada universidade, sendo que, conforme afirma Jacob (2003 citado em Carvalho e Silva, 2015) as UTI serem universidades “da” terceira idade e não “para a” terceira idade e com isto, os seniores podem desempenhar nestas organizações até três papéis em simultâneo: o de aluno, professor e dirigente.

A maioria das UTI portuguesas inspirou-se no modelo inglês que assenta numa maior abertura à participação dos utentes, aproximando mais professores e alunos. Constitui-se como um modelo mais livre e independente no qual, além da vertente de ensino, os programas fomentam as vertentes sociais e recreativas.

Em Portugal, a Universidade Internacional da Terceira Idade de Lisboa foi a primeira UTI criada em 1976. Seguiram-se, em 1979, a Universidade Popular do Porto e a Academia de Cultura e Cooperação de Lisboa, fundada pela União das Misericórdias Portuguesas. No mesmo país, perto de 30% das UTIs foram criadas pelos próprios utilizadores seniores, o que torna estas organizações ainda mais louváveis, Pinto (2003) “em Portugal não foi o Estado, ao contrário do que se terá passado noutros países, que tomou a iniciativa de chamar a si a educação dos seniores inculcando, por exemplo à criação de programas universitários para essa população nas universidades públicas tradicionais”.

Na década de 70 surgiram as primeiras Universidades nas áreas de Lisboa e Porto, tendo permanecido durante muito tempo até surgirem noutras regiões do país. Quanto à gestão das universidades seniores portuguesas, Machado e Medina (2012) aponta que 59% estão ligadas a outra instituição (Santa Casa da Misericórdia, associações, centros paroquiais e centros sociais) e as restantes são dirigidas de forma autónoma. A Rede de Universidades da Terceira Idade – RUTIS (2016) conclui que as maiores UTIs são as de Almada, Seixal, Barreiro, Gaia, Amadora, Loures, algumas das quais com mais de 1.000 alunos. De acordo com a mesma Rede, os alunos das UTIs no ano de 2015 eram maioritariamente mulheres (76%), com idade entre os 60 e 70 anos, reformados ou domésticas (80%) e com habilitações desde a 4ª classe ao doutoramento.

Jacob (2013 citado em Carvalho e Silva, 2015) apresenta-nos dados que comprovam a verdadeira expansão desta resposta socioeducativa. Ocorreu no início do século XXI, alcançando, em 2011, as 192 e mobilizando cerca de 30.000 alunos. O mesmo autor acrescenta ainda que este aumento surgiu face:

- a) à consciencialização pelo Estado e pela sociedade do papel dos mais velhos;
- b) ao envelhecimento da população;
- c) a uma maior exposição nos média das UTI;
- d) à existência de uma rede organizada, a RUTIS.

No ano de 2015, Portugal contou com um número de universidades da terceira idade próximo das cinco dezenas que se localizam em muitas regiões, sendo em maior número no Norte e no Algarve (Calisto, 2015).

O Diário da República (2016), define Universidades Seniores como sendo “respostas socioeducativas que visam criar e dinamizar regularmente atividades nas áreas sociais, culturais, do conhecimento, do saber e de convívio, a partir dos 50 anos de idade, prosseguidas por entidades públicas ou privadas, com ou sem fins lucrativos.”

Apoia as universidades seniores que proporcionem aos seus utilizadores os seguintes serviços:

- a) Iniciativas teóricas e práticas de diversas áreas do conhecimento e saber;
- b) Seminários e cursos multidisciplinares;
- c) Passeios e viagens culturais;
- d) Grupos recreativos e artísticos;
- e) Divulgação e informação de serviços destinados aos seniores;
- f) Atividades sócio culturais em conformidade com os interesses dos utilizadores.

Nas UTIs “a maioria das disciplinas que encontramos são comuns a todas as universidades, variando o número de cada disciplina em função dos níveis de aprofundamento e dos tipos de materiais de pintura e de artes decorativas”, (Velo, 2012 citado em RUTIS, 2016). Estas academias têm disciplinas que variam de UTI para UTI, sendo as mais frequentes as atividades de artes, cidadania, informática, desporto e as ciências sociais e humanas. As mais populares passam pela informática, a saúde, história, inglês e cidadania. Para além das aulas, desenvolvem-se atividades paralelas como revistas e publicações regulares (RUTIS, 2016).

Determinar que, no seguimento das atividades realizadas, a Constituição no Diário da República (2016) reconhece e apoia o desenvolvimento de atividades e programas que visem:

- a) Criar oportunidades que proporcionem um envelhecimento ativo e saudável;
- b) Proporcionar atividades regulares de convívio, sociais, do conhecimento, do saber, desportivas, culturais, lazer e científicas;
- c) Incentivar a formação ao longo da vida e estimular a troca de conhecimentos;
- d) Promover a inclusão social, a participação e a cooperação cívicas;
- e) Prevenir o isolamento, desenvolvendo a participação social. (p.4232)

Relativamente aos professores que exercem na UTI, maioritariamente exercem a sua atividade em regime de voluntariado, contudo para determinadas atividades e/ou aulas poderão receber um honorário simbólico caso seja necessário. Pinto (2003) salienta que os professores não precisam de ter “formação pedagógica” destinada à população sénior para exercerem essa função e que, poderá ser caso de alguns alunos serem em simultâneo professores na sua área de formação.

Assim, contrariamente ao que é praticado em que é o estudante que se deve ajustar ao currículo pré-estabelecido, na educação de adultos é o currículo que é criado consoante o perfil e as experiências de vida do estudante (Páscoa e Gil, 2015).

6. Tecnologias de Informação e Comunicação

6.1 Conceito

Segundo Blanco e Silva (1993), o termo tecnologia vem do grego technê (arte, ofício) e logos (estudo de) e é referente à fixação dos termos técnicos, designando os utensílios, as máquinas, e as operações dos ofícios. Durante muitos milénios, foi considerada como uma tecnologia mais descritiva e enumerativa, não tendo tanta importância e prestígio social uma vez que o saber intelectual era mais relevante. Nos princípios do séc.XVIII ocorre a transformação deste pensamento técnico passando a se comprometer com a experimentação, a verificação e comprovação de dados e teorias, através do estreitamento dos laços entre a prática e a teoria.

Para Alves (2009) as Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) são “instrumentos que vêm contribuir para desenvolver competências nos alunos durante o processo de ensino-aprendizagem, bem como promover a democratização do ensino na formação de cidadãos participativos na construção de uma sociedade mais democrática.” (p.74)

A tecnologia sempre esteve no centro da relação do homem com a natureza embora esta mediação seja mais marcante na sociedade contemporânea, uma vez que o impulso tecnológico do século XX marca as instituições sociais e começa a interferir em todos os setores da atividade humana. Segundo Alves (2009), essas transformações ocorridas a partir desse período foram resultantes do desenvolvimento crescente e da aplicação constante das novas tecnologias de forma profunda e sistemática que conduziram à passagem de uma Sociedade Industrial para uma Sociedade de

Informação, uma sociedade de comunicação generalizada, marcada pelo predomínio dos meios de comunicação.

A partir de então, a tecnologia estuda de forma profunda e numa ordem sistemática como encontrar os meios de atingir um objetivo final a partir de princípios verdadeiros e de experiências seguras. Desta forma, a tecnologia passa a ser considerada como a aplicação de conhecimentos científicos na resolução de problemas de tal modo que nos dias de hoje é sinónimo de “ciência aplicada.” (Blanco e Silva, 1993).

6.2 A sociedade da Informação

No seguimento do atual paradigma do envelhecimento bem-sucedido, prevê-se que a utilização de tecnologias e recursos externos sejam capazes de minimizar o impacto do processo do envelhecimento sobre o indivíduo e a sociedade. O potencial oferecido pelas novas tecnologias sobretudo pelas TIC é cada vez mais encarado pelos decisores como um caminho possível e viável na resolução destes desafios que merece cada vez mais a sua atenção (Comissão Europeia, 2010).

Nos dias de hoje, com o rápido avanço tecnológico vivemos numa Sociedade da Informação. As instituições, as empresas e as associações procuram adequar o seu funcionamento às novas tecnologias da comunicação aliado ao processo de facilitação da aprendizagem. Atualmente, as TIC colocam a educação diante de um novo paradigma. Estas permitem novas formas de aquisição de conhecimento e de gerenciamento das informações por vários caminhos distintos e não sequenciais.

Assim, são consideradas como tendo grande potencial para melhorar o acesso dos adultos a uma variedade de oportunidades de aprendizagem e promover a equidade e a inclusão. Elas oferecem várias possibilidades inovadoras para a realização da aprendizagem ao longo da vida, reduzindo a dependência em estruturas formais tradicionais de educação e permitindo a aprendizagem individualizada. Por meio de dispositivos móveis, redes eletrónicas e cursos online, os educandos adultos podem ter acesso a oportunidades de aprendizagem a qualquer hora e em qualquer lugar. Além disso, têm capacidade considerável para facilitar o acesso à educação para as pessoas com deficiência, permitindo sua plena integração na sociedade, bem como para outros grupos marginalizados ou desfavorecidos (UNESCO, 2010).

Devemos estar atentos às mudanças da sociedade na qual estamos inseridos e sentirmo-nos capazes de acompanhar essas devidas mudanças. A integração das TIC na vida dos seniores melhora o paradigma do envelhecimento bem-sucedido quer a nível individual quer a nível coletivo. As TIC constituem um caminho notável e inevitável no campo da educação não formal, tornando-se uma componente obrigatória para o alcance de uma sociedade educativa, na qual os diferentes tempos e formas de aprendizagem sejam repensados e reformulados, isto é, trata-se do entendimento de que o desenvolvimento dessas tecnologias implica num repensar do lugar e da função dos sistemas educativos e por conseguinte, na perspetiva de uma educação prolongada pela vida fora (Delors, 1999).

A aprendizagem das TIC é uma “ligação para o novo século” e, além de combater a solidão, o isolamento e a exclusão social que muitos idosos vivenciam são um “veículo de comunicação” entre pessoas nos mais variados cantos do mundo (Páscoa e Gil, 2015).

6.3 Os idosos na Era Digital

No início do séc. XXI, a era digital tornou-se numa mais-valia à sociedade moderna criando um certo grau de dependência em tudo o que seja digital e eletrónico, apesar de ter tomado forma na década de 90. Apesar disso, com o avanço tecnológico e do ciberespaço, parte da população vive à margem desta realidade, sendo excluída das novidades e facilidades como o acesso à tecnologia. (Jantsch, Machado, Behar e Lima, 2012). Essas dificuldades são consequências de uma educação isenta de tecnologias, uma vez que foram educados numa época em que saber ler e efetuar cálculos matemáticos era quase o suficiente para se sentirem informados (Silva, 2008 citado em Pereira e Neves, 2011). Como afirmam Pereira e Neves (2011) perdem assim a oportunidade de conhecer um novo mundo com infinitas possibilidades ao nível da comunicação e da transformação do tempo em lazer, de convívio e de felicidade. Com esta evolução tecnológica chegou também a Internet que permite a partilha e gestão de informação/conhecimento além de encurtar distâncias através de um clique.

Nos dias de hoje, assistimos a uma reorganização sociocultural nas sociedades modernas, devido não só à concentração demográfica nas grandes cidades com vista na melhora das condições da vida, mas também às exigências profissionais, que se sobrepõem face à família. Desta forma, a tecnologia contribui também para a interação

entre as pessoas sendo que, no caso dos idosos, é uma mais-valia, tendo em conta que frequentemente possuem a mobilidade reduzida em função de problemas de saúde ou por questões de insegurança das cidades (Jantsch et al, 2012). Para os indivíduos nascidos na era digital, o domínio no manuseamento destas ferramentas torna-se relativamente simples. No entanto, apesar de alguns idosos apresentarem fragilidades e patologias, muitos são autónomos e produtivos, no que respeita á sua participação social e económica. Assim, a experiência com as TICs tem sido vivenciada também por idosos, os quais vêm enxergando a apropriação das tecnologias como uma nova possibilidade de crescimento e desenvolvimento individual e coletivo.

Os idosos que as utilizam têm acesso às mais variadas informações do seu interesse além do aumento de situações de comunicabilidade, convivência e troca de experiências entre amigos e familiares. No que diz respeito ao domínio social, Ely e Pasqualotti (2010) acreditam que “as tecnologias podem representar um complemento, suplemento ou até mesmo substituição da comunicação interpessoal face a face e formas ativas de contato interpessoal e participação social.” Nesta linha de pensamento, Amaro e Gil (2011 citado em Páscoa e Gil, 2015) acrescentam ainda que, a comunicação online tem um impacto positivo na comunicação, uma vez que proporciona uma “partilha intergeracional”.

A nível nacional, assiste-se ao aumento do interesse e da utilização das TIC por parte da população idosa. De um modo geral, o número de internautas com 55 ou mais anos é consideravelmente mais baixa quando comparada com faixas etárias mais jovens. Ainda assim, o número de idosos que acedem ao computador e à internet tem crescido nos últimos tempos. Em Portugal alguns estudos permitem-nos entender o acesso das pessoas mais velhas às tecnologias assim como avaliar o uso das TIC entre as diferentes faixas etárias. Em 2007, a Comissão das Comunidades Europeias (CE) lançou “Envelhecer bem na sociedade da informação” no quadro da iniciativa i2020. Este plano de ação tem como o objetivo acompanhar as pessoas idosas para que possam ter uma velhice mais segura e autónoma e favorecer o desenvolvimento das TIC, apontando para a necessidade de se desfragmentar o mercado digital destinado aos idosos através da partilha de experiências (CE, 2007 citado em Pereira e Neves, 2011). O estudo “A Internet em Portugal 2012” revela que 99.9% dos portugueses (dos 15 aos 74 anos) possui televisão, seguindo-se o telemóvel (88,5%). O aparelho de rádio é o equipamento

de tecnologias de informação e comunicação que 72,7% dos portugueses possui, seguido pelo telefone fixo (61,3%). Quanto aos computadores, 50,5% dos portugueses dispõem de um portátil, enquanto a taxa de posse para computador fixo é de 35,2% (OberCom, 2012).

Segundo Kachar (2000) “a apropriação da nova linguagem tecnológica e o domínio do computador possibilitam aos idosos expressarem-se sobre a vida através da conquista, superação de desafios e renascimento contínuo” (p. 18). Sobre este equipamento utilizado nas aulas de TIC das Universidades Seniores, a PORDATA (2016b) revela que, no ano de 2002, cerca de 8.1% dos indivíduos com idades compreendidas entre os 55-64 anos utilizavam os computadores, tendo este número aumentado gradualmente até ao ano de 2015, cujo valor rondava os 45.2%. O aumento desta percentagem também se deu na faixa etária dos 65-74 anos, marcando em 2002 um total de 2.6% e atingindo em 2015 um valor de 29%.

CAPÍTULO II

Procedimientos Metodológicos

II. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

No presente capítulo, dar-se-á ênfase em primeiro lugar à identificação do problema de investigação encontrado que origina uma questão de partida e, conseqüentemente, conduz aos objetivos do estudo. De seguida, enuncia-se o paradigma que fundamenta a metodologia adotada nesta investigação (estudo de caso), sendo esta de caráter qualitativo e quantitativo. Posteriormente, enumeram-se as técnicas utilizadas para a recolha de dados e de informação necessárias, salientando o tratamento e a análise dos dados.

2.1 Tema e objetivos da Investigação

Nos últimos anos, a concentração demográfica nas cidades com vista à procura de uma vida melhor assim como as exigências profissionais, que relegam para segundo plano a família e o afastamento das gerações faz com que surja a necessidade de perceber de que forma isso interfere com as pessoas, sobretudo as que se encontram mais vulneráveis: os idosos. De acordo com a opinião de Pereira e Neves (2011) assiste-se, então, a “uma reorganização sociocultural nas sociedades modernas cujos maiores prejudicados são os idosos devido às restrições causadas pela própria idade.”

Nos dias de hoje, é possível identificar um vasto leque de opções que permitem preencher os dias de todos aqueles que chegaram à idade da reforma: voluntariado, convívios, viagens, teatro, coros musicais, atividades físicas, entre outras. Uma outra opção que merece destaque está relacionado com o uso das tecnologias e da internet como forma de inclusão digital.

Bugalho (2005 citado em Pereira e Neves, 2011) defende a ideia de criar um conjunto de redes e serviços a nível local, geridas por um Plano Gerontológico Nacional, para que hajam respostas face às necessidades de cada idoso, de acordo com um diagnóstico previamente realizado.

A nível nacional, a utilização das TIC por parte da população idosa tem vindo a aumentar. E, para uma maior divulgação dos serviços que existem, nomeadamente aulas de informática, o papel das autarquias é fundamental, uma vez que são entidades próximas da população.

Desde 2008, a Câmara Municipal do Seixal em parceria com a Associação Rato desenvolveram “O Programa Teclar – Informática para Idosos”. A iniciativa procura dar

oportunidade aos munícipes seniores de aceder às TIC (Junta de Freguesia de Corroios, 2013).

De acordo com Novais (2016), o projeto "10 mil vidas" da Associação Nacional de Cuidado e Saúde (ANCS), pretende apoiar 10 mil idosos em Portugal, numa primeira fase, através de um novo modelo de teleassistência e telessaúde. Este projeto permite que os idosos possam ter acesso a serviços de emergência, de localização, controlo de indicadores de saúde, lembretes e/ou alarmes assim como gestão de medicamentos, através de equipamento tecnológico já existente ligado a uma plataforma informática.

Considerando a problemática apresentada no capítulo anterior foram definidos para esta investigação os seguintes objetivos gerais:

- I) Compreender o processo de aprendizagem relacionado com as TIC;
- II) Perceber de que forma é que o uso das TIC contribuem para a qualidade de vida dos idosos;
- III) Estabelecer a relação entre a aprendizagem ao longo da vida e as TIC na terceira idade.

Para a concretização de cada um dos objetivos gerais referidos foram definidos dois objetivos específicos:

- i) Identificar as estratégias utilizadas no ensino das TIC nas respetivas Academias Séniores;
Identificar necessidades e motivações para a aprendizagens das TIC;
- ii) Conhecer a forma e o modo de utilização das TIC por parte dos idosos;
Relacionar o uso das TIC e a inclusão social e digital;
- iii) Conhecer a importância do uso das TIC nos processos da aprendizagem ao longo da vida;
- iv) Relacionar a aprendizagem ao longo da vida com uma cidadania ativa e inclusiva.

2.2 Justificação dos métodos e técnicas

2.2.1 Paradigma

Segundo Bogdan e Biklen (1994), o conceito de paradigma consiste no “conjunto de conceitos ou proposições logicamente relacionados e que orientam o pensamento e a investigação. (...) Seja ou não explícita, toda a investigação se baseia numa fundamentação teórica, que permitirá recolher e analisar dados” (p.52).

O Paradigma desta investigação recai sobre o Paradigma Interpretativo-Construtivista. Este surgiu no séc. XIX e visa desenvolver e aprofundar o conhecimento de uma dada situação num dado contexto. Na perspetiva dos autores enumerados “em vez de se ter um conjunto de hipóteses a testar, procura-se compreender o comportamento dos participantes no seu contexto”, ou seja, pretende-se compreender as intenções e perspetivas que os sujeitos manifestam tendo em conta o seu contexto. Procura-se o que faz sentido e a forma como faz sentido na vida do sujeito que estamos a investigar.

2.2.2 Metodologia de investigação

Neste caso, a metodologia de investigação é de cariz quantitativo e qualitativo. Uma vez que a amostra em estudo era ampla, o método quantitativo permitiu o tratamento estatístico dos dados recolhidos através de inquéritos por questionário. Paralelamente, a utilização do método qualitativo foi uma mais valia neste estudo uma vez que o este se direccionou para todos os participantes tendo recorrido ao tratamento de entrevistas semi-diretivas aos professores.

A utilização do método quantitativo e qualitativo, paralelamente, dá-se o nome de método misto. Na opinião de Bell (2004) enquanto os “investigadores quantitativos recolhem os factos e estudam a relação entre eles”, os investigadores qualitativos “estão mais interessados em compreender as perceções individuais do mundo. Procuram compreensão, em vez de análise estatística. Contudo, há momentos em que os investigadores qualitativos recorrem a técnicas quantitativas, e vice-versa.” (pp. 19-20). Em concordância com este autor estão outros (Serrano, 2004; Denzen e Lincoln, 2006) que sugerem uma abordagem mista, reconhecendo a complementaridade entre ambos os métodos que, muito embora sigam perspetivas distintas permitem uma recolha mais alargada de dados.

Se por um lado, na investigação quantitativa segundo Briceño-Léon (2003) “o investigador atua de fora, construindo as hipóteses e os instrumentos, sem se envolver diretamente” fazendo com que as conclusões da investigação tenham um carácter mais científico uma vez que consiste na recolha de dados que se observam e quantificam.

Por outro lado, a investigação qualitativa rege-se por alguns aspetos essenciais que se adequam aos objetivos da presente investigação. Para os autores Bogdan e Biklen (1994) a investigação qualitativa obedece a características como:

- ✓ Compreende a realidade a partir da perspectiva e/ou crenças de todos os participantes envolvidos, sob diversos aspetos interpretativos, a fim de um melhor entendimento da situação em estudo.
- ✓ São descritivas e dessa forma os dados são recolhidos sob forma de transcrições de entrevistas, notas de campo, fotografias e/ou vários tipos de documentos.
- ✓ Consoante a recolha e a interpretação dos dados, os investigadores vão construindo um quadro teórico e assim desenvolvem uma teoria sobre o assunto que estão a estudar.

2.2.3 Estudo de caso

A estratégia de investigação por base desta dissertação assenta sobre o estudo de caso que, de acordo com os objetivos, se denomina um estudo de caso exploratório. Segundo Yin (2001, p.32) constitui uma “investigação empírica que investiga um fenómeno contemporâneo dentro de seu contexto da vida real, especialmente quando os limites entre o fenómeno e o contexto não estão claramente definidos.” Esta estratégia de pesquisa concebe um método abrangente – “com a lógica de planeamento incorporando abordagens específicas à coleta e à análise de dados.” (p.33). O estudo de caso é um método de investigação cada vez mais utilizado uma vez que permite inúmeras possibilidades de estudo, análise, compreensão e melhoria da realidade (Serrano, 2004). Segundo o autor, esta abordagem metodológica tem como objeto de investigação um caso particular e este mesmo poderá ser uma pessoa, um grupo, um acontecimento ou até mesmo uma organização.

Os objetivos e a natureza de algumas informações são as características que diferem os estudos de caso uns dos outros. Yin (2001) identifica 4 tipos: exploratórios, descritivos, explicativos e avaliativos. O presente estudo de caso é exploratório uma vez que segundo o autor (2001) se conhece pouco da realidade em estudo e os dados se dirigem ao esclarecimento e delimitação dos problemas ou fenómenos da realidade.

De acordo com Yin (2005) e Bogdan e Biklen (1994) o estudo de caso pode ser único e múltiplo assim como pode incluir tanto abordagens quantitativas quanto qualitativas.

2.2.4 Técnicas da Investigação

Assumem-se como técnicas de investigação, o “conjunto de processos operativos que nos permite recolher os dados empíricos que são uma parte fundamental

do processo de investigação.” (Sousa e Baptista, 2011). Nesta investigação foram utilizadas 3 técnicas de recolha de dados (análise documental, observação e entrevista) que serviram para operacionalizar a investigação qualitativa e, uma técnica de recolha de dados (inquérito) que serviu para operacionalizar a investigação quantitativa.

a) Pesquisa e análise documental

A pesquisa e análise documental consiste na utilização de materiais publicados tendo em conta os conceitos a abordar numa investigação e à respetiva fundamentação teórica. Isto permite ao investigador identificar outras perspetivas e/ou investigações acerca do tema que está a ser abordado. Esta técnica complementa informações obtidas através de outras técnicas (Gil, 2008; Sousa e Baptista, 2011).

As fontes bibliográficas utilizadas nesta investigação passam pela leitura de teses e dissertações, revistas científicas, obras de referência e pesquisa cibernética por repositórios fidedignos.

b) Observação

No estudo realizado por Selltiz et al. (1967 citado por Gil, 2008) observação é o uso dos sentidos para adquirir os conhecimentos necessários no dia-a-dia. Enquanto procedimento científico, os mesmos autores afirmam que a observação serve a um objetivo formulado de pesquisa, é sistematicamente planeada e submetida a verificação e controles de validade e precisão. Assim, a sua vantagem é de se perceber de forma direta os dados.

Segundo os meios utilizados, a observação poderá ser estruturada ou não estruturada. Tendo em conta a participação de quem está a observar poderá ser participante ou não participante. Nesta investigação foram realizadas observações estruturadas e não participantes.

O registo das observações fazem-se maioritariamente mediante diários de campo ou cadernos de notas. Segundo Gil (2008) também podem ser utilizados outros meios para registar a observação, tais como, gravadores, câmaras fotográficas, entre outros equipamentos. Porém, em muitas situações esses equipamentos não são os mais adequados porque podem comprometer o comportamento do indivíduo/grupo a ser observado. O mesmo autor acrescenta ainda que o momento adequado para registar é ao longo da ocorrência do que se está a observar.

c) Inquérito por Questionário

O questionário define-se como uma técnica de investigação composta por um conjunto de questões colocadas a um grupo representativo da população em estudo, a fim de obter informações sobre conhecimentos, sentimentos, valores, interesses, expectativas, comportamentos (Gil, 2008; Sousa e Baptista, 2011).

A construção de um questionário é influenciada por um conjunto de procedimentos técnicos que, Sousa e Baptista (2011) afirmam passar pela formulação do problema; definição dos objetivos; revisão bibliográfica; formulação das hipóteses; identificação das variáveis e indicadores; definição da amostra e pré-teste.

Gil (2008) define este procedimento como um “instrumento de coleta de dados que tem por objetivo assegurar-lhe validade e precisão.” O pré-teste evidencia possíveis falhas na redação do questionário como: complexidade das questões, imprecisão na redação do mesmo, questões pouco relevantes. Assim, torna-se fundamental aplicar a uma pequena parte da amostra que se tenciona inquirir. Após a elaboração do questionário, o pré-teste foi aplicado a 16 elementos da amostra.

Passados estes procedimentos e com o questionário elaborado, define-se três tipos de questionários: questionário aberto, fechado e misto.

O questionário aplicado nesta investigação é misto com questões de resposta fechada (o inquirido apenas seleciona a opção mais adequada) e aberta (permite ao inquirido uma resposta livre de acordo com a sua opinião).

d) Entrevista

A entrevista é uma das técnicas de recolha de dados mais utilizadas nas Ciências Sociais. No estudo de Ketele (1999 citado em Sousa e Baptista, 2011) a entrevista é:

Um método de recolha de informações que consiste em conversas orais, individuais ou de grupos, com várias pessoas cuidadosamente selecionadas, cujo grau de pertinência, validade e fiabilidade é analisado na perspetiva dos objetivos de recolha de informações. (p.79)

Este método pode dividir-se em entrevistas estruturadas, não-estruturadas e semi-estruturadas. Na presente investigação foram realizadas quatro entrevistas semi-estruturadas com questões abertas, em que o entrevistado tem a possibilidade de desenvolver a resposta de acordo com a sua opinião e com questões fechadas, em que o entrevistado responde diretamente sem justificar a sua opinião. Por entrevista semi-estruturada, Sousa e Baptista (2011) assumem uma entrevista que “tem guião, com um

conjunto de tópicos (...) dá liberdade ao entrevistado, embora não o deixe fugir muito do tema.”

O registo das entrevistas realizadas foi registado mediante o uso de um gravador com a devida autorização por parte de cada um dos entrevistados.

2.2.5 Análise de conteúdo

A análise de conteúdo surgiu no início do século XX nos Estados Unidos para análise de propaganda e de imprensa. Esta técnica que alcançou popularidade com Bardin, depressa se difundiu por outras áreas. Enquanto método, Bardin (2009) afirma que a análise de conteúdo, é “um conjunto de técnicas de análise das comunicações que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens.” Na mesma linha de pensamento, Silva, A. e Fossá, M. (2015), referem que a análise de conteúdo consiste no:

Conjunto de instrumentos metodológicos, em constante aperfeiçoamento, que se presta a analisar diferentes fontes de conteúdos (verbais ou não-verbais). É uma técnica refinada, que exige do pesquisador, disciplina, dedicação, paciência e tempo. Faz-se necessário também, certo grau de intuição, imaginação e criatividade, sobretudo na definição das categorias de análise. (p.3)

A análise de conteúdo pressupõe várias etapas de forma a se conferir a viabilidade dos dados recolhidos. Bardin (2011 citado em Silva, A. e Fossá, M., 2015) enumera 3 fases: pré-análise, exploração do material e tratamento dos resultados, inferência e interpretação.

Será importante destacar que, esta técnica sofreu alterações desde a altura em que surgiu uma vez que, atualmente, é influenciada pelo uso do computador no que diz respeito á organização de toda a informação e de todos os dados recolhidos.

Para esta investigação utilizou-se a análise de conteúdo nas entrevistas feitas aos formadores assim como nos questionários aplicados aos formandos da disciplina de informática a fim de encontrar indicadores conclusivos para responder à questão de partida e aos objetivos delineados para este trabalho.

2.2.6 Triangulação

A triangulação foi apresentada nos anos 50 e 60 do século XX e é um dos termos mais utilizados na literatura uma vez que combina métodos de recolha e análise de informação numa única informação.

Para Yin (2010), as teorias são consideradas válidas quando o investigador segue os seguintes princípios básicos: empregar múltiplas fontes importantes de informação, ou seja, triangular os dados; criar uma base de dados do estudo de caso; manter o encadeamento de evidências e usar dados de fontes fidedignas. O uso de múltiplas fontes fidedignas num estudo de caso permite que o pesquisador aborde uma variação maior de aspetos históricos e comportamentais, desenvolvendo linhas convergentes de investigação. (Bruchêz, Ciconet, Possamai, Remussi e Tondolo, 2016)

O estudo de Denzin e Lincoln (2006 citado em Bruchêz, Ciconet, Possamai, Remussi e Tondolo, 2016) apresentou como vantagens da triangulação:

A triangulação é a exposição simultânea de realidades múltiplas, refratadas. Cada uma das metáforas age no sentido de criar a simultaneidade, e não o sequencial ou o linear. Os leitores e as audiências são então convidados a explorarem visões concorrentes do contexto, a se imergirem e a se fundirem em novas realidades a serem compreendidas. (p. 20)

Denzin (1989 citado em Duarte, 2009) distingue quatro tipos de triangulação: Triangulação de dados, Triangulação do investigador, triangulação teórica e Triangulação metodológica.

Neste estudo foi utilizada a triangulação metodológica, uma vez que, foram feitas observações diretas pela investigadora e foram utilizados outros dados (realização de 4 entrevistas semi-estruturadas aos formadores e aplicação de um questionário aos formandos).

2.2.7 Diário de Campo

O diário de campo consiste numa forma de registar os dados recolhidos durante uma investigação. Esses dados poderão passar por observações, comentários e reflexões do investigador ao longo de todo o seu estudo. Para Falkembac (citado em Lima, Mioto e Prá, 2007), este ser organizado em três partes: descrição; interpretação da observação; registo das conclusões das dúvidas, imprevistos, desafios para os envolvidos. Assim, todos os pontos de vista do observador devem constar no seu diário de campo indicando a data, a hora e o local em que foram redigidos.

Lima, Mioto e Prá (2007) afirmam que as anotações feitas no diário de campo podem ser descritivas ou analítico-reflexivas. Enquanto descritivas, os autores defendem que as anotações transmitem com exatidão o que está a acontecer, o que leva a uma compreensão do fenómeno no seu contexto. As anotações analítico-reflexivas são mais complexas e visam explicar as causas dos fenómenos no seu contexto.

Nesta investigação, as anotações realizadas em diário de campo foram de cariz descritivo de forma a complementar os dados recolhidos através da metodologia quantitativa.

2.2.8 Participantes

Tendo em conta a finalidade deste trabalho, numa primeira fase a população em estudo incidu sobre 97 académicos seniores num total de 4 academias. Numa segunda fase, contou-se com a participação de um formador da disciplina de informática por cada uma das quatro Universidade Seniores selecionadas.

A seleção das Universidades teve como critérios:

1. A área geográfica – Sotavento Algarvio, sendo que dele fazem parte os municípios de Alcoutim, Castro Marim, Faro, Loulé, Olhão, São Brás de Alportel, Tavira e Vila Real de Santo António.
2. A disciplina de Informática.

Assim, após contactar cada uma das Universidades dos municípios anteriormente enumerados optou-se pela Universidade Sénior de Olhão, Academia Monet Oblectando – Faro, Universidade Sénior de Loulé e Universidade Sénior de São Brás de Alportel.

2.2.9 Delineamento do estudo: Procedimentos de recolha e análise

Numa fase posterior à seleção e construção dos instrumentos a utilizar foram agendadas datas para assistir às aulas de informática em cada uma das Universidades.

Respeitando a ética implícita a este tipo de investigação foi apresentada à amostra em questão uma pequena introdução onde foram enumerados os objetivos do estudo que se pretendia realizar e para que fins iriam ser utilizados os dados recolhidos. Além da recolha de dados através dos inquéritos por questionário, foi feita uma observação in loco, troca de impressões com os docentes e com os académicos sobre as condições de equipamentos e funcionamento das TIC. Todos eles foram distribuídos

pessoalmente aos académicos de cada Universidade para autopreenchimento e posteriormente recolhidos em mão por mim, investigadora.

O preenchimento dos questionários foi bem-sucedido numa primeira tentativa, tendo obtido um total de 97 respondentes, o que se considerou uma amostra suficiente para o estudo. Ainda nesta fase de recolha, foram agendadas e realizadas entrevistas semi-diretivas, por mim investigadora, a cada docente de cada uma das Universidades seleccionadas. Posteriormente foram transcritas de modo a dar início à análise de conteúdo segundo categorias de análise definidas.

A análise dos dados quantitativos foi realizada com recurso a um editor de folhas de cálculo (Microsoft Excel) presente no sistema operacional do Microsoft Office 2010.

CAPÍTULO III

Apresentação e análise dos resultados

III. APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

Neste capítulo apresentam-se e analisam-se os dados recolhidos tanto pelos inquiridos por questionário como pelas entrevistas semi-estruturadas.

Os inquiridos por questionário tinham como objetivo a caracterização demográfica e socioeconómica dos inquiridos, a utilização de equipamentos e o acesso à internet assim como a opinião dos académicos no que diz respeito ao funcionamento da Universidade Sénior que frequentam.

As entrevistas aos formadores tinham como objetivo a caracterização dos mesmos assim como as suas perspetivas face ao funcionamento e interação das aulas de informática.

3. Apresentação dos dados Quantitativos

3.1. Caracterização dos académicos

3.1.1 Aspetos demográficos

A amostra a que se refere o presente estudo é constituída por 97 académicos que frequentam as aulas de informática das Universidades Seniores onde estão inseridos. As idades dos inquiridos variam entre os 54 e os 80 anos, sendo que a maioria dos inquiridos encontra-se na faixa etária dos 66-70 anos. A faixa etária com, claramente, a minoria é a dos 50-55 anos. **(Ver a tabela 3.1)**

No que respeita à distribuição em relação ao género 72% dos académicos são do género feminino, sendo que os restantes 28% pertencem ao género masculino.

Relativamente ao estado civil pode-se verificar que 7% são solteiros, 58% são casados, 12% são divorciados, 2% união de facto e 21% são viúvos. Verifica-se tanto no género feminino quanto no masculino que o estado civil de casado, predomina. **(Ver a tabela 3.1)**

Variáveis	Categorias	Frequência	Percentagem
Idade	50-55	1	1,03%
	56-60	9	9,28%
	61-65	22	22,68%
	66-70	27	27,84%

	71-75	20	20,62%
	76 ou mais	18	18,56%
Género	Feminino	70	72%
	Masculino	27	28%
Estado Civil	Solteiro/a	7	7%
	Casado/a	56	58%
	Divorciado/a	12	12%
	União de Facto	2	2%
	Viúvo/a	20	21%

Tabela 3.1- Caracterização sociodemográfica dos formandos

3.1.2 Aspetos socioeconómicos

No que respeita às habilitações literárias dos formandos verifica-se que 20,62% concluíram o 1º Ciclo do Ensino Básico, 27,84% concluíram o 2º e 3º ciclo, 25,77% concluíram o Ensino Secundário, 8,25% concluíram o Bacharelato, 15,46% concluíram a Licenciatura e 1,03% concluiu o Doutoramento. Ressalva-se que, toda a amostra tem algum tipo de escolaridade. **(Ver tabela 3.2)**

Na tabela seguinte, a variável da última profissão exercida antes de entrar na UTI, 15,46% foi doméstico/a, 9,28% trabalhou em comércio, 10,31% em prestação de serviços, 3,09% em 14,43% em educação, 4,12% em saúde, 1,03% em agricultura/pesca, 7,22% em transportes, 18,56% na função pública, 5,15% em bancos e 11,43% em administração. **(Ver tabela 3.2)**

Variáveis	Categorias	Frequência	Percentagem
Habilitações Literárias	1º Ciclo do Ensino Básico	20	20,62%
	2º e 3º Ciclo do Ensino Básico	27	27,84%
	Ensino Secundário	25	25,77%
	Bacharelato	8	8,25%
	Licenciatura	15	15,46%
	Mestrado	1	1,03%

	Doutoramento	1	1,03%
Última Profissão antes de entrar na UTI	Doméstico/a	15	15,46%
	Comércio	9	9,28%
	Serviços	10	10,31%
	Construção civil	3	3,09%
	Educação	14	14,43%
	Saúde	4	4,12%
	Agricultura/Pesca	1	1,03%
	Transportes	7	7,22%
	Função Pública	18	18,56%
	Banco	5	5,15%
	Administração	11	11,34%

Tabela 3.2- Caracterização socioeconómica dos formandos

3.2.Utilização de equipamentos e acesso à Internet

3.2.1 Utilização de equipamentos

O gráfico seguinte representa os equipamentos que os idosos utilizam. Constatou-se com clareza que a totalidade dos 97 inquiridos (100%) utilizam algum equipamento. A amostra referiu em 93,81% que utiliza a televisão, 90,72% o computador portátil/fixo/tablet, 87,63% o telemóvel e/ou telefone, 80,41% a rádio, 38,14% o leitor e/ou gravador de DVD e 5,15% a consola de jogos. **(Ver gráfico 3.1)**

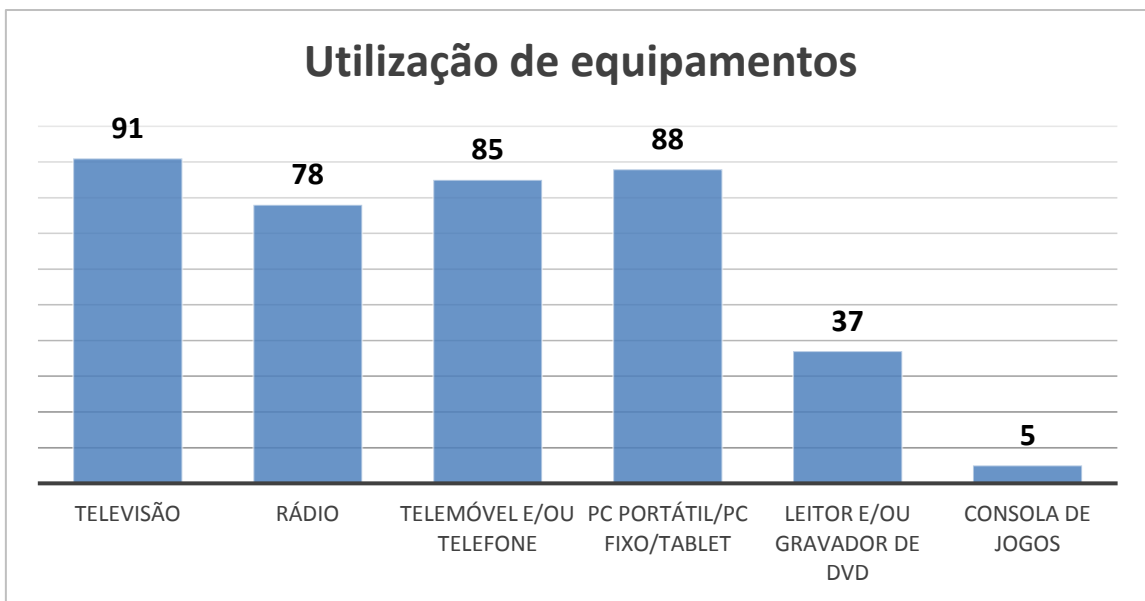


Gráfico 3.1 – Utilização de equipamentos

3.2.2 Acesso à Internet

O seguinte gráfico circular representa os dados de acordo com a utilização da Internet. Constatou-se com clareza que a maioria dos 97 inquiridos utilizam a Internet com um total de 84%, sendo que os restantes 16% não recorrem à Internet. (Ver gráfico 3.2)

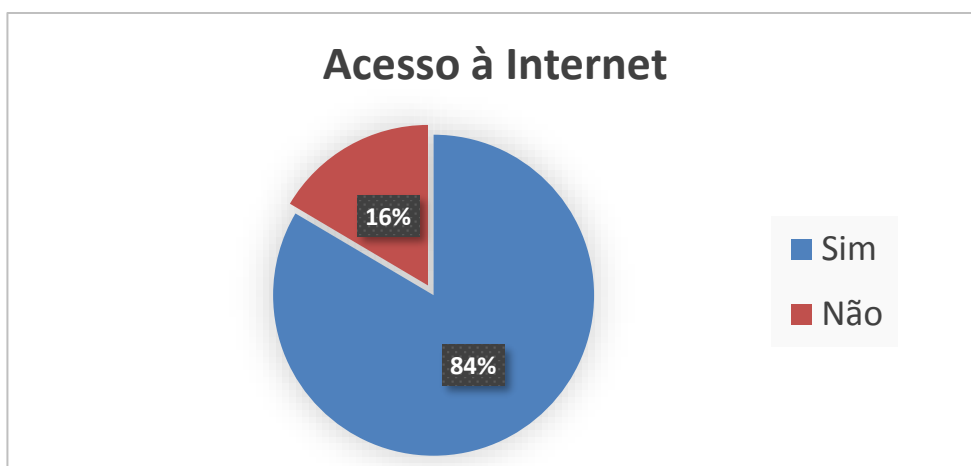


Gráfico 3.2- Acesso à Internet

3.2.3 Objetivo para a utilização da Internet

O seguinte gráfico pretende mostrar os dados de acordo com o objetivo dos inquiridos no que toca à utilização da Internet. As respostas incidiram em 37,11% (36 inquiridos) em Lazer, 78,35% (76 inquiridos) em Comunicação e em 77,32% (75 inquiridos) em Informação. (Ver gráfico 3.3)

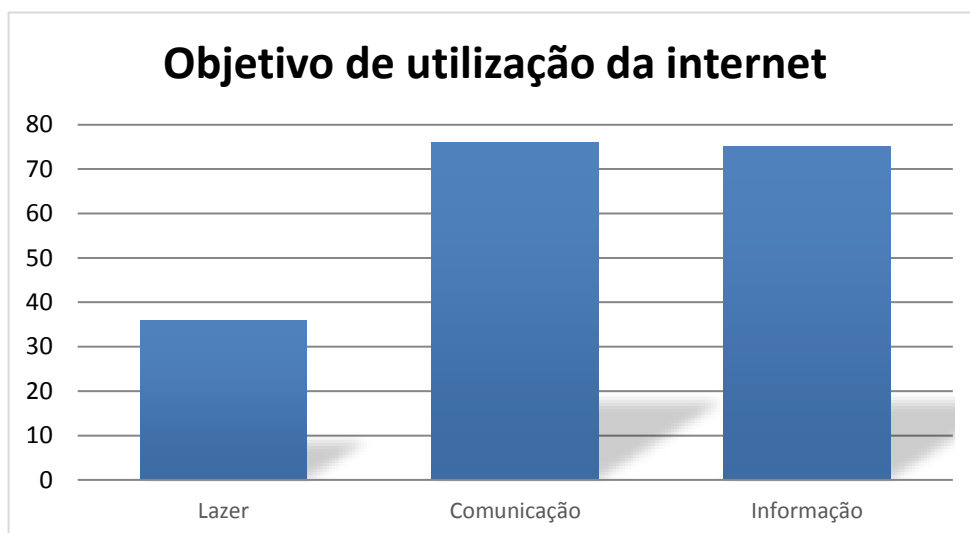


Gráfico 3.3- Objetivo de utilização da Internet

3.2.4 Acesso às redes sociais

O seguinte gráfico circular nomeia o acesso às redes sociais dos inquiridos. Repare-se que 67% (65 inquiridos) tem acesso às redes sociais pelo seu próprio perfil/conta, 27% (26 inquiridos) não tem acesso às redes sociais e 6% (6 inquiridos) tem acesso muito embora utilize o perfil/conta de terceiros. (Ver gráfico 3.4)

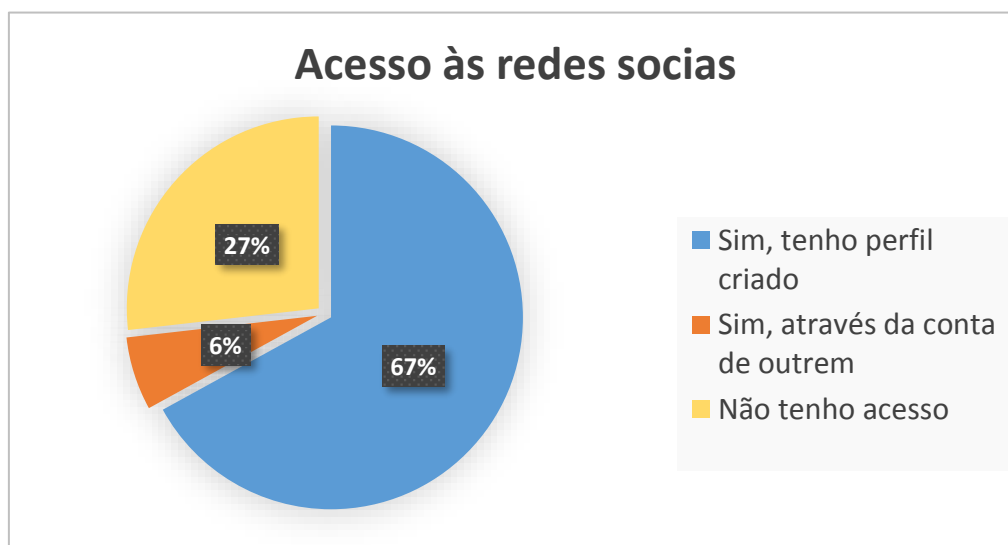


Gráfico 3.4 – Acesso às redes sociais

3.2.5 Funcionalidades que utiliza nas redes sociais

De uma forma gráfica constatam-se os dados recolhidos em relação às funcionalidades utilizadas nas redes sociais em que têm acesso. 72,32% (18 inquiridos) utilizam as redes sociais apenas para lazer, 57,73% (56 inquiridos) para comunicar, 23,71% (23 inquiridos) para divulgar eventos/causas sociais, 46,39% (45 inquiridos) para procurar e reencontrar amigos/familiares e 21,65% (21 inquiridos) para partilhar informação. (ver gráfico 3.5)



Gráfico 3.5 – Funcionalidades utilizadas nas redes sociais

3.2.6 Utilização autónoma das tecnologias por parte dos idosos

Face à afirmação “Os idosos conseguem sempre utilizar autonomamente as tecnologias”, 9% (9 inquiridos) discorda totalmente que os idosos são autónomos, 25% (24 inquiridos) discorda da afirmação, 38% (37 indivíduos) não concorda nem discorda, 25% (24 inquiridos) estão de acordo face à afirmação e 3% (3 inquiridos) afirma estar totalmente de acordo face à sua autonomia no que toca às tecnologias. (Ver gráfico 3.6)

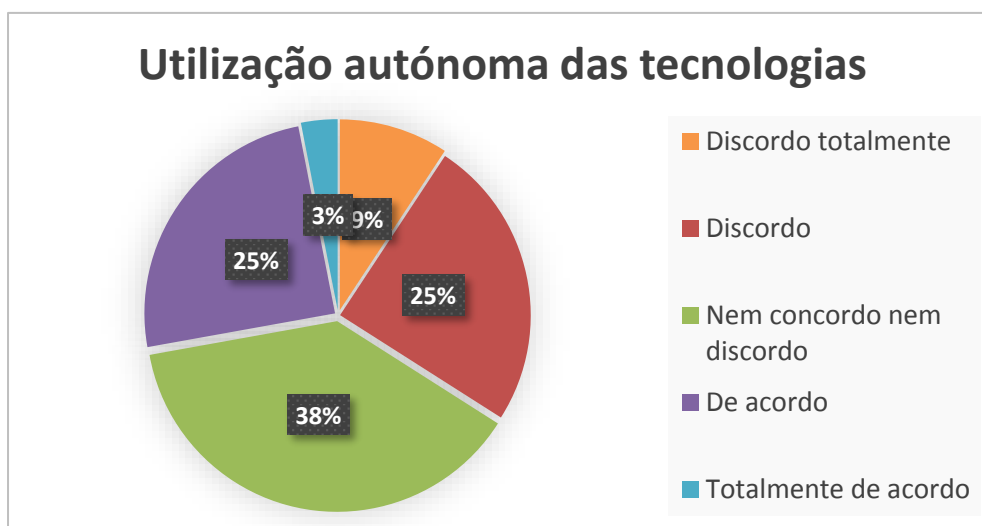


Gráfico 3.6 – Utilização autónoma das tecnologias por parte dos idosos

3.2.7 Utilização autónoma das tecnologias por parte dos idosos

Face à afirmação “Os elevados custos das tecnologias são um obstáculo à sua integração no processo de aprendizagem”, 6% (6 inquiridos) discordam totalmente, 17% (16 inquiridos) discordam, 15% (15 inquiridos) nem concordam nem discordam, 43% (42 inquiridos) concordam com a afirmação e 19% (18 inquiridos) estão totalmente de acordo. (Ver gráfico 3.7)

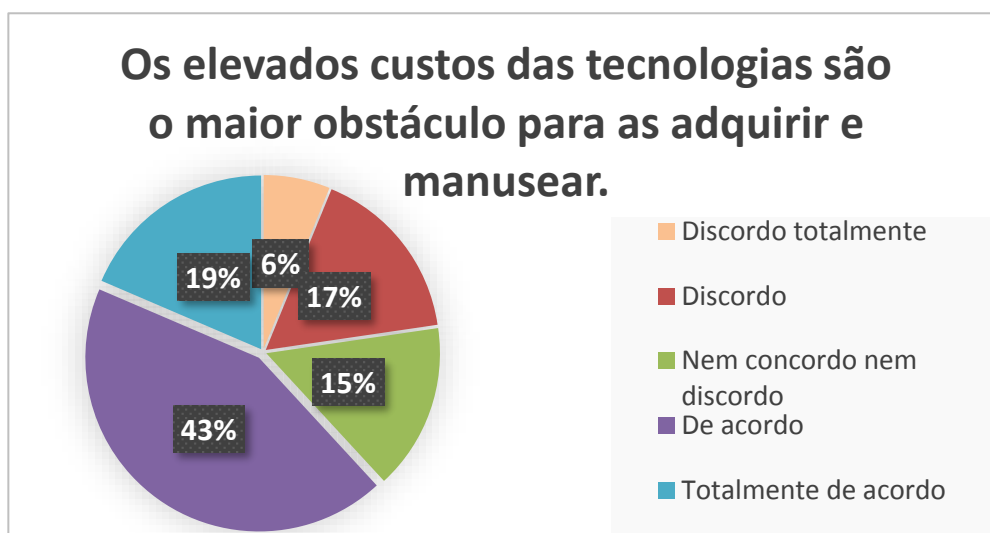


Gráfico 3.7 – Elevados custos das tecnologias como obstáculo

3.3. Funcionamento das Universidades/Academias Sénior

3.3.1 Motivação para frequentar a Universidade Sénior

Considerando a opinião individual acerca da motivação que lhes leva diariamente a frequentar a Universidade Sénior, 89,69% (87 inquiridos) respondeu a aprendizagem como a maior motivação, seguindo-se do lazer com 68,04% (66 inquiridos) e em 3º lugar com 56,70% (55 inquiridos), o convívio. (ver gráfico 3.8)

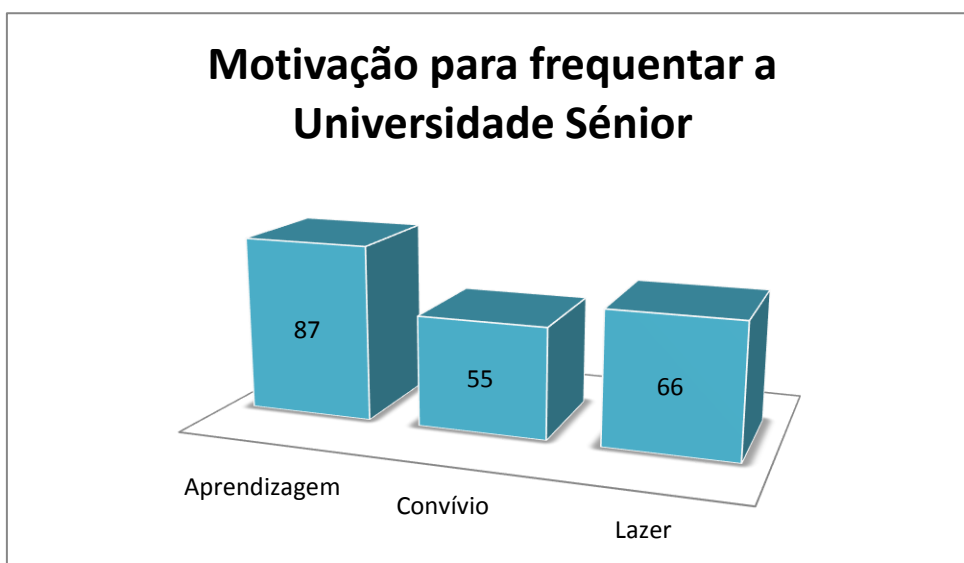


Gráfico 3.8- Motivação para frequentar a Universidade Sénior

3.3.1 Motivação para frequentar a Universidade Sénior

O próximo gráfico circular tem como particularidade os dados referentes ao tempo de inscrição de cada um. Repare-se que, 26% (25 inquiridos) dos seniores frequenta a instituição há menos de um ano, 11% (11 inquiridos) há um ano, 18% (17 inquiridos) há dois anos, 16% (16 inquiridos) há 3 anos, 8% (8 inquiridos) há 4 anos e 21% (20 inquiridos) há 5 ou mais anos. (Ver gráfico 3.9)

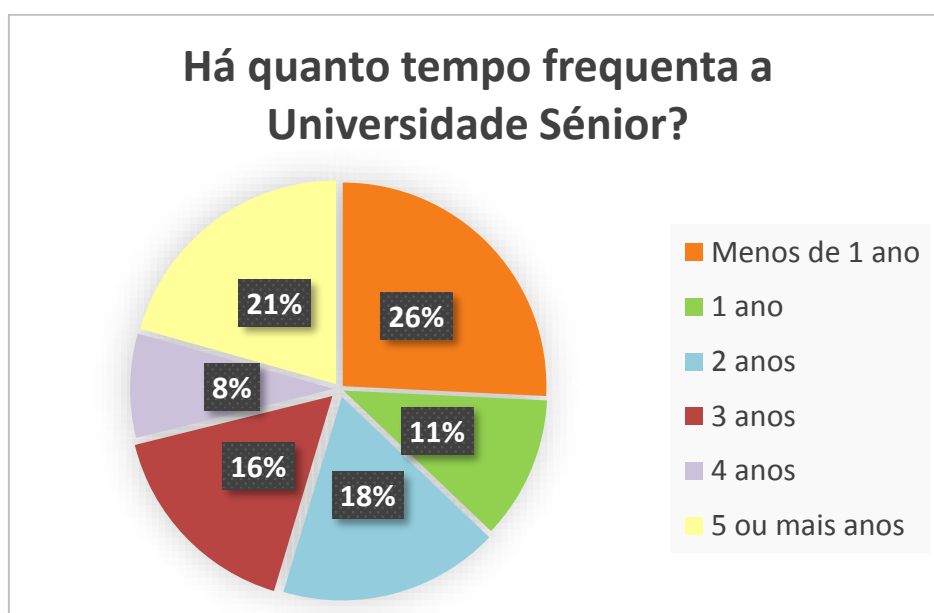


Gráfico 3.9- Tempo na Universidade Sénior

3.3.2 Motivos de adesão à disciplina de informática

Considerando outra questão acerca dos motivos de adesão à disciplina de Informática, verifica-se que 26,80% (26 inquiridos) se inscreveu na disciplina apenas para reforçar conhecimentos na área em questão, (15 inquiridos) para fortalecer laços que já existem com amigos, (10 inquiridos) por incentivo de terceiros e 46% para adquirir novos conhecimentos. (Ver gráfico 3.10)

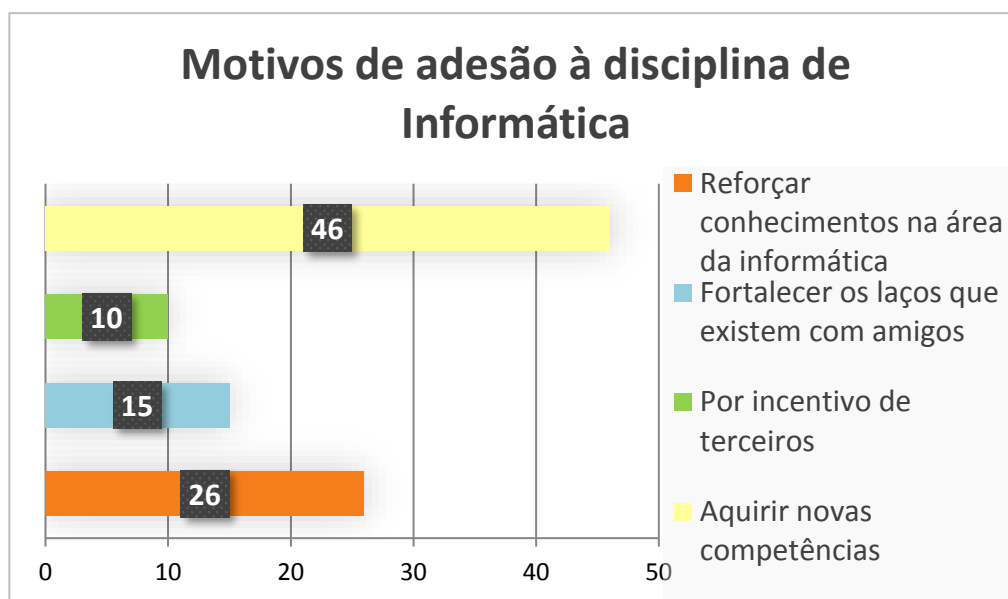


Gráfico 3.10- Motivos de adesão à disciplina de Informática

3.3.3 Aspectos MAIS valorizados da Universidade que frequenta

Considerando os aspectos mais valorizados na Universidade que frequenta, 1,03% (1 inquirido) não consegue enumerar um aspecto relevante, 8,25% (8 inquiridos) aponta a diversidade de disciplinas, 34,02% (33 inquiridos) o convívio entre todos e 56,70% (55 dos inquiridos nomeia a partilha de experiências/aprendizagens. (Ver gráfico 3.11)

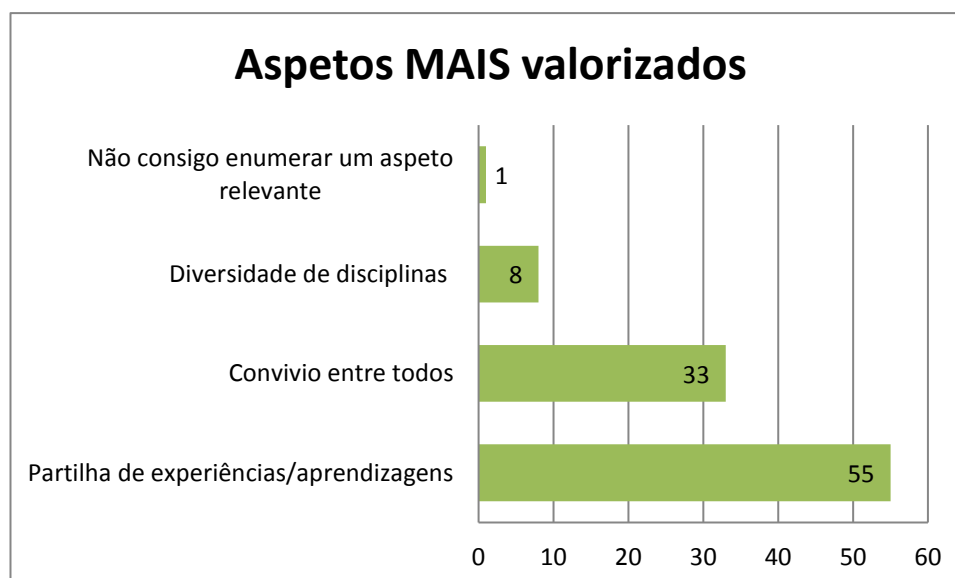


Gráfico 3.11- Distribuição dos inquiridos segundo os aspetos mais valorizados

3.3.4 Aspetos MENOS valorizados da Universidade que frequenta

Considerando os aspetos menos valorizados na Universidade que frequenta, Considerando os aspetos menos valorizados na Universidade que frequenta, 49,48% (48 inquiridos) não consegue enumerar um aspeto relevante, 27,84% (27 inquiridos) aponta as instalações como um aspeto menos favorável, 16,49% (16 inquiridos) o desinteresse por parte de entidades e a falta de apoio logístico, 5,15% (5 inquiridos) a pouca diversidade de disciplinas e 1,03% (1 inquirido) os conteúdos programáticos desinteressantes. (Ver gráfico 3.12)

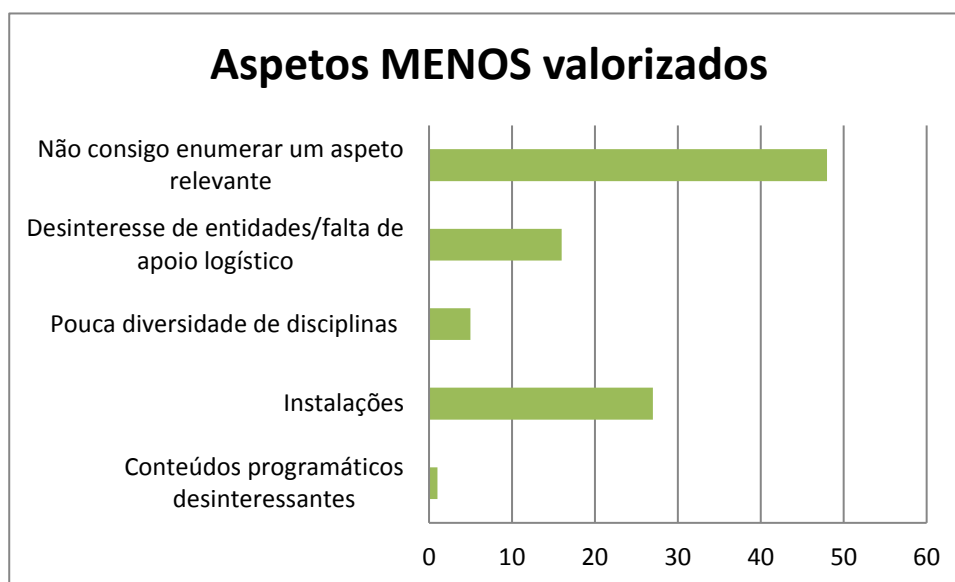


Gráfico 3.12- Distribuição dos inquiridos segundo os aspetos mais valorizados

3.3.5 Sugestões de melhoramento para um melhor funcionamento da Universidade

De acordo com a opinião de cada académico, considerando as sugestões dadas é de realçar que 37,11% (36 inquiridos) recomenda o melhoramento das instalações, 31,96% (31 inquiridos) não tem sugestões a dar, 12,37% (12 inquiridos) sugere mais material prático, 7,22% (7 inquiridos) um período mais alargado de aulas e outros 7,22% (7 inquiridos) gostaria de ver cumpridos os horários estabelecidos para as aulas e atividades exteriores. (Ver gráfico 3.13)

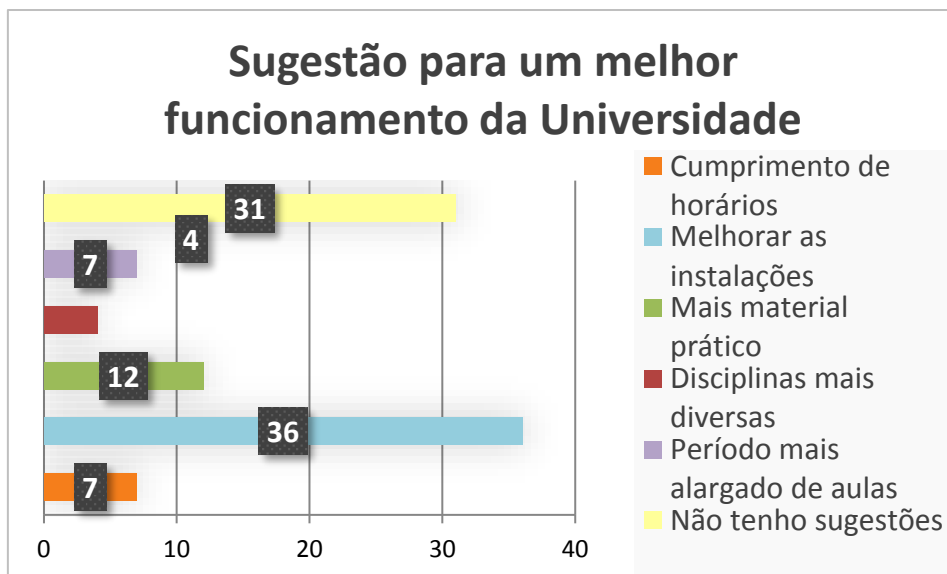


Gráfico 3.13 – Sugestão dada pelos académicos para um melhor funcionamento da UTI

4. Apresentação dos dados Qualitativos

4.1 Interpretação das Observações Diretas

Neste ponto é redigida uma análise reflexiva acerca das observações diretas e não-participantes realizadas em 4 dias distintos, sendo cada dia agendado para cada aula de informática lecionada nas 4 Universidades Seniores seleccionadas. **(Ver anexo II- Diários de Campo)**

4.4.1 Universidade Sénior de Olhão

No dia 6 de Dezembro de 2017 das 10h às 11h, na Universidade Sénior de Olhão foi agendada a minha presença para assistir a uma aula de informática, tendo sido feita uma observação direta e não participante.

O espaço era amplo, bem iluminado e dotado de 5 computadores fixos e um quadro além das mesas e cadeiras. O ambiente era calmo e acolhedor com a simpatia de todos os presentes.

A turma revelou espírito de grupo, entre ajuda, respeito e integração face aos alunos estrangeiros. Os alunos revelaram ainda uma relação de proximidade, respeito e em alguns casos, amizade para com a professora.

Em geral, os académicos revelaram alguma autonomia e, deparados com alguma dúvida, perguntavam oralmente à professora para que todos ouvissem. De ressaltar que 2 dos alunos mais avançados, ajudavam outros com mais dificuldade num canto da sala de forma a não atrasar o ritmo dos restantes.

Os académicos mostraram-se sempre interessados e participativos, colocando dúvidas e dando sugestões.

Os conteúdos foram do interesse geral dos formandos além de que, enquadrados nas dificuldades que apresentaram nas aulas anteriores.

A metodologia utilizada é adequada ao tipo de alunos, a professora coloca a voz num tom mais alto e de forma expressiva e escreve detalhadamente os passos das atividades no quadro para que todos possam copiar para os cadernos e revejam quando sentirem necessidade. **(Ver tabela 3.3)**

3.4.2 Academia Sénior da Cruz Vermelha – Faro

No dia 7 de Dezembro de 2017 das 9h30 às 12h40, na Universidade Sénior da Cruz Vermelha – Faro foi agendada a minha presença para assistir a duas aulas de informática, tendo sido feita uma observação direta e não participante em ambas.

O espaço era amplo, bem iluminado, dotado de 14 computadores fixos, um retroprojetor e uma tela para facilitar a visualização e a disposição das mesas eram em U o que permitia aos alunos estarem de frente uns para os outros. O ambiente era agradável embora agitado.

A turma mostrou dinâmica, respeito e muita ajuda entre si. Os alunos revelaram uma relação de proximidade, respeito e carinho pelo professor.

Em geral, os alunos mostraram-se pouco autónomos e pouco confiantes, dependentes do professor para a confirmação de alguns passos detalhados numa ou noutra atividade prática.

Os alunos revelaram-se bastante interessados e participativos, dotados de conhecimento na área da informática.

Os conteúdos foram do interesse de todos os presentes, tendo sido úteis para a utilidade básica relativamente ao manuseamento de um computador.

A metodologia utilizada pelo professor passa por exemplificar na prática enquanto explica detalhadamente auxiliado pelo material didático, aumento do tamanho dos ícones nos computadores, utilização de termos técnicos seguidos de uma linguagem mais simples para esses mesmos termos. **(Ver tabela 3.3)**

3.4.3 Universidade Sénior de Loulé

No dia 17 de Maio de 2018 das 15h às 16h, na Universidade Sénior de Loulé foi agendada a minha presença para assistir a uma aula de informática, tendo sido feita uma observação direta e não participante.

O espaço era muito pequeno, a disposição das mesas faz com que os alunos fiquem de costas voltadas uns para os outros e de frente para a parede, a sala dispõe de 6 computadores fixos, um quadro e de uma pequena janela. O ambiente era calmo.

A turma revelou alguma entre ajuda e respeito uns com os outros. A relação com o professor mostrou cordialidade e respeito.

Em geral, os alunos revelaram alguma autonomia nas atividades de seu interesse.

Os académicos demonstraram interesse e participação nas atividades do seu interesse sendo que, nas restantes embora atentos revelaram um ar confuso.

Os conteúdos nem sempre foram de interesse dos presentes uma vez que se revelaram muito técnicos e relativos às especificações do computador.

A metodologia utilizada pelo professor passa por escrever no quadro os termos técnicos e os passos detalhados para que os alunos revejam quando sentirem necessidade, a voz é colocada de forma calma e num tom alto. **(Ver tabela 3.3)**

3.4.4 Universidade Sénior de São Brás de Alportel

No dia 23 de Maio de 2018 das 12h às 12h30, na Universidade Sénior de Olhão foi agendada a minha presença para assistir a uma aula de informática, tendo sido feita uma observação direta e não participante.

O espaço é amplo, bem iluminado, dotado de computadores fixos e a disposição das mesas é em filas. O ambiente era calmo e de concentração.

A turma mostrou respeito e pouca entre ajuda no decorrer da aula. No final mostraram-se cúmplices.

A turma demonstraram pouca autonomia e algum individualismo, procurando esclarecer dúvidas com o professor e não com colegas.

Os alunos revelaram interesse e participaram prontamente nas atividades sugeridas.

Os conteúdos estiveram de acordo com os interesses e conhecimentos dos presentes.

A metodologia utilizada pelo professor passa por uma explicação oral de forma detalhada, calma e simples, mostrando depois na prática como se faz. De ressaltar que o professor elabora pequenos manuais e/ou retira uns pequenos textos explicativos para que os alunos possam estudar e levar para casa como auxiliar. (Ver tabela 3.3)

4.2 Interpretação das Entrevistas Semi-Estruturadas

Com o intuito de obter mais informações acerca das perspectivas dos professores de cada uma das Universidades Seniores foram realizadas quatro entrevistas semi-estruturadas. Da análise de conteúdo dessas mesmas entrevistas resultaram as quatro categorias e respectivas subcategorias:

Categoria 1 - Caracterização dos entrevistados

- Formação
- Experiência Profissional na Universidade Sénior
- Situação profissional

Categoria 2 – Ensino/Aprendizagem das TIC

- Metodologias utilizadas
- Apreciação global
- Relação com os académicos seniores

Categoria 3 – Utilização das TIC

- Capacidade de utilização de computadores
- Tempo gasto

Categoria 4 – Educação ao longo da vida e as TIC

- Influência da idade no processo de aprendizagem
- Evolução da tecnologia
- O quotidiano e as TIC

Categoria 1 – Caracterização dos entrevistados

Nesta categoria foram tidos em conta dados acerca da formação de cada indivíduo, experiência profissional e a situação profissional na Universidade Sénior onde leciona.

- **Subcategoria “Formação”**

A formação dos profissionais que se dispõem a partilhar conhecimentos numa determinada área é essencial para que consigam corresponder às expectativas e necessidades da população com que trabalham. Estas competências implicam que os professores estejam em constante atualização e a par e passo com a evolução da sociedade na qual estão inseridos.

Os dados recolhidos apuraram que três dos formadores entrevistados completaram o 12º ano numa especialização tecnológica na área da informática, sendo que uma formadora completou a licenciatura. Contudo, note-se que os quatro entrevistados não têm formação específica com os idosos.

“Licenciada em Gestão e Gestão de Comércio e Serviços. Tenho duas licenciaturas.” (Alexandra)

“Ah ... Universitário incompleto, portanto 12º completo.” (Rui)

“Eu tenho o 12º ano e tenho o curso Profissional de Técnico de Informática.” (Deni)

“Especialização Tecnológica em Informática.” (João)

- **Subcategoria “Desafio da Universidade Sénior”**

As formações de cada um dos entrevistados fez com que a oportunidade de dar aulas na área da informática surgisse. Dois dos inquiridos foram convidados para fazer parte do leque de formadores da Universidade Sénior e os outros dois inquiridos foram propostos a lecionar uma vez que são funcionários a tempo inteiro.

“ (...) fui convidada ... não havia professor de informática e como eu tenho competências ao nível de informática acabei por ser convidada para dar aulas.” (Alexandra)

“ (...) eu fiz parte aqui do pessoal e começamos aqui a pensar nesta história de abirmos a academia e estando eu neste ramo da informática (...) acabei por aceitar esse desafio de realmente ...ensinar.” (Rui)

“(...) para adquirir experiência e gosto de comunicar o meu conhecimento aos mais velhos porque eles têm dificuldades na ... na parte da informática.” (Deni)

“(...) Eu sou funcionário da Câmara, pronto. E uma das funções que me atribuíram na altura foi poder lecionar. Como eu já tinha dado aulas no secundário de programação então aceitei dar aulas de informática para a Universidade Sénior.” (João)

- **Subcategoria “Situação Profissional”**

A situação profissional dos inquiridos revelou que dois dos formadores se encontram numa situação de voluntariado e os outros dois formadores estão a exercer entre outras, a função de lecionar uma vez que um é funcionário da Câmara Municipal e outro é funcionário da Cruz Vermelha. Além disso, as horas semanais despendidas variam consoante o inquirido sendo o formador de Loulé o que despende menos tempo à Universidade Sénior, contrariamente ao formador de São Brás de Alportel que ocupa mais horas semanais a lecionar.

“Não tenho situação profissional. Eu sou voluntária (...)” (Alexandra)

“Três horas semanais” (Alexandra)

“Sou funcionário da Cruz Vermelha a tempo inteiro” (Rui)

“(...) uma manhã e uma tarde .. são 6h.” (Rui)

“Eu sou voluntário” (Deni)

“Ao total são duas horas. São dois dias uma hora. Uma hora á quarta e outra hora á quinta-feira.” (Deni)

“Trabalho mesmo.. Normalmente os meus colegas trabalham em regime de voluntariado mas eu não.” (João)

“Horas semanais ora ... (...) 7h30 por semana.” (João)

Categoria 2 – Ensino/Aprendizagem das TIC

Esta categoria teve em conta aspetos relativamente ao processo de ensino/aprendizagem no que diz respeito às metodologias adotadas pelos formadores, às suas apreciações globais sobre as dificuldades dos académicos e funcionamento das aulas assim como a relação que estabelecem com os seus alunos.

- **Subcategoria “Metodologias utilizadas”**

As metodologias adotadas pelos formadores são de acordo com as dificuldades sentidas pelos académicos. Nas UTIs, o ensino/aprendizagem é em regime não-formal, sem certificações e no contexto de uma educação ao longo da vida.

“Tento que eles vejam o computador como uma brincadeira que eles podem aprender (...) se souberem mexer com o computador vão poder interagir com os netos também.” (Alexandra)

“Depois tem que ser alto porque eles são surdos, muitos deles... devagar para que percebam, escrever todos os passos (...) ” (Alexandra)

“ (...) estou a ensinar uma coisa que para já domino e que gosto de ensinar portanto não me canso de repetir mil e uma vezes a mesma coisa (...) é ser paciente, ir devagarinho, repetindo com eles (...) eles têm que mexer e fazer por eles próprios (...) porque se a gente faz por eles, eles acham aquilo muito interessante (...) mas não aprendem. (Rui)

“trabalho um pouco de tudo com eles” (Rui)

“Gosto de dar... de explicar aos alunos mais velhos, gosto de transmitir os meus conhecimentos e também com eles aprendo um pouco.” (Deni)

“(...) eles têm dificuldades em memorizar as explicações. Há aulas que não escrevo no quadro, há aulas que sim para facilitar mais o trabalho (...) ” (Deni)

“Utilizo muito o método expositivo e ativo, ou seja, mostrar no ecrã como é que se faz e eles fazerem o exercício no computador, sempre a mexer.” (João)

“ (...) eles têm dificuldade em visualizar no computador onde está. Eu às vezes não utilizo só o ecrã, eu às vezes falo para eles irem a determinado sítio. (...) Algumas pessoas têm dificuldade só ouvindo e não vendo.” (João)

- **Subcategoria “Apreciação Global”**

Os professores entrevistados fizeram uma apreciação global sobre o funcionamento das aulas e enumeraram as dificuldades mais evidentes que os seus académicos seniores revelam. Essas dificuldades sentidas passam pelos problemas inerentes à idade dos académicos como a surdez, a falta de memória, tremores nas mãos, entre outros.

“Dos meus alunos talvez 20% sejam autónomos (...) um rato que é uma coisa horrível para domar. Até que eles consigam domar um rato é um problema.”
(Alexandra)

(...) trabalham muito pouco em casa porque não têm computador (...) tenho seniores cujos filhos são Informáticos e eles têm que estar nas aulas porque em casa ninguém os ajuda....não têm tempo (...) Comigo eles têm tempo de aprender.” (Alexandra)

“São interessados. (...) muitos seniores querem muito aprender a falar através da internet para poderem falar com os filhos que residem no estrangeiro. Quando conseguem ver o filho e conversar ... ficam muito felizes.” (Alexandra)

“É um desafio ver esta malta que consideram isto um bicho-de-sete-cabeças e transformar essa ideia de se sentirem um pouco postos de parte e dominarem estas tecnologias e isso gosto bastante disso.” (Rui)

“O computador para eles não é para trabalhar. Essa fase já passou. O computador para eles, eu encaro como uma ferramenta para combater a solidão que eles têm (...) para fazer as suas pesquisas e ver o que isto tem de interessante.” (Rui)

“Dificuldades nos programas, no office, às vezes como até o ligar o computador (...) eu vejo medo em descontrolar o sistema ” (Deni)

“ (...) as pessoas que têm menos habilitações são aquelas que têm mais dificuldades (...) Alguns têm medo de tocar com medo de estragar.” (João)

- **Subcategoria “Relação com os académicos”**

O ambiente de uma certa informalidade que se faz sentir nas Universidades Seniores ainda que sem obrigatoriedades, se cumpram regras para um processo de ensino/aprendizagem em que a prática e o conhecimento sejam adquiridos com simpatia, descontração e com uma relação de proximidade entre os envolvidos.

“As aulas são super divertidas, eles estão sempre bem-dispostos e ajudam-se sempre uns aos outros e depois contam piadinhas e depois dizem coisas engraçadas” (Alexandra)

“Eu tenho uma boa relação com eles. (...) há muitos que me conhecem desde que sou pessoa (...) No natal e no final do ano do ano eles fazem questão de irem todos almoçar comigo” (Alexandra)

“Fiz anos o ano passado (...) Quando cheguei tinha um bolo, um ramo de flores. Eles descobriram que eu fazia anos porque alguns são meus amigos no facebook ((risos)) e então prepararam tudo (...) acho que é a forma que eles têm de agradecer o voluntariado.” (Alexandra)

“Eles realmente ajudam-se entre si e isso é bom, e é bom eles perguntarem uns aos outros.” (Rui)

“ (...) é uma família para mim (...) acabamos por estar ali todos num grupo onde a gente partilha as nossas dificuldades e as nossas aventuras neste ramo da informática.” (Rui)

“Entre eles há sempre um afastamento, tem a ver com a afinidade.” (Deni)

“ (...) é uma relação mais profissional (...) há confiança total.” (Deni)

“(...) também fazem grupinhos mas em termos gerais existe boa dinâmica” (João)

“Não digo que será uma relação de pura amizade mas de estar próximo (...) uma relação mais de afeto deles que se calhar alguns deles veem-me como um neto ou como um filho.” (João)

Categoria 3 – Utilização das TIC

No que respeita à utilização das tecnologias, esta categoria teve em conta dois aspetos: a capacidade de utilização das TIC pelos professores e pelos académicos, originando duas subcategorias.

- **Subcategoria “Utilização das TIC por parte dos formadores”**

O professor enquanto transmissor de conteúdos tem que ter a preocupação de estar em constante atualização não só de conhecimento mas das melhores ferramentas/estratégias para que os alunos aprendam o que quer transmitir. Para isso, foram questionados sobre a sua capacidade de utilização das TIC.

“Todos dias, de hora a hora ((risos)) porque estou sempre a tirar material, fazer pesquisas, estudar” (Alexandra)

“eu sou utilizador convicto dos recursos informáticos mas normalmente .. não faço projeções de coisas, faço nas aulas de informática com os seniores quando fazemos trabalhos em conjunto mas nas outras aulas não. Aqui uso os recursos todos que tenho ao meu dispor para que lhes possam ajudar por exemplo com fichas.” (Alexandra)

“Um professor tem que ser curioso porque faz parte de ensinar, aprender e a gente só aprende se tiver curiosidade.” (Alexandra)

“(...) não há nenhuma máquina que me metam à frente que eu não consiga aprender com ela.(...) são quase 10h por dia” (Rui)

“Se os professores têm essa tecnologia disponível têm que saber usá-la, caso contrário não é assim tão valiosa.” (Rui)

“(...) não tenho problemas nenhuns na utilização mas esta vertente da informática temos que estar sempre atualizados (...).” (Deni)

“ (...) em termos de software ou em termos de máquina, tenho que estar sempre a evoluir” (João)

“Nesta disciplina não se conseguiria dar a aula sem o computador. Para eles seria muito complicado aprender. (...) Eu tenho alguns manuais que ou tiro da internet por estarem feitos e tiro ou alguns que faço” (João)

- **Subcategoria “Utilização das TIC por parte dos idosos”**

Inicialmente os idosos revelam receios quando confrontados com as tecnologias e alguns chegam mesmo a recusar qualquer contacto. As justificações possíveis para que isso aconteça poderão passar por um período de inatividade face às tecnologias e com a evolução das mesmas, as mudanças de softwares e aplicações, fazem com que as temam. Por outro lado, os idosos que ao longo das suas vidas não manusearam qualquer equipamento eletrónico, não têm curiosidade nem pré-disposição para aprender.

“(...) até prefiro não utilizar tecnologias porque eles têm um bocado a tendência de se dispersar mais (...) se tiver a fazer os mesmíssimos gráficos e interagir com eles enquanto estou a fazer os gráficos, eles estão sempre com atenção ” (Alexandra)

“A gente usa para aprender, para fazer pesquisas, para estudar e também para a parte lúdica. Eles (os seniores) só usam para a parte lúdica.” (Alexandra)

“Aqueles que começaram nisso (...) já estão ligados como nós. É engraçado ver essa evolução neles que conseguem chegar a esse mesmo nível e compreenderem “já estou a perceber porquê que eles estão ligados” (...) mas há sempre aqueles que não querem aprender.” (Rui)

“ (...) facebook, farmville .. Aquilo cativou tanta gente que as pessoas chegavam a não dormirem, virem de diretas para aqui porque passaram a noite toda a jogar àquilo.” (Rui)

“O meu maior desafio é ter utilizadores que sabem mexer bem com um programa e outros que sabem trabalhar com outro e eu tenho que saber gerir isto tudo.” (Deni)

“eles estão habituados a um processo mecânico e isto aqui é um processo mais eletrónico digamos assim e é a dificuldade deles em perceber como é que isto funciona.” (João)

“O skype que eles queriam muito para falarem com os filhos, então expliquei como é que o skype funciona e utiliza.” (João)

Categoria 4 – Educação ao longo da Vida e as TIC

Esta categoria enumera aspetos relevantes no que diz respeito à educação ao longo da vida. A influência da idade no processo de aprendizagem, a evolução da tecnologia e o quotidiano e as TIC constituem aspetos importantes para, junto dos inquiridos, termos uma perceção das dificuldades, das preferências e de que forma é que as tecnologias interferem no quotidiano dos seniores em estudo.

- **Subcategoria “Influência da idade no processo de aprendizagem”**

Nesta subcategoria foram tidas em consideração as opiniões pessoais sobre a influência da idade no processo de aprendizagem. Os inquiridos revelam que os seniores têm de facto muitas dificuldades em adquirir novos conhecimentos e usam as tecnologias de forma lúdica e para comunicar com familiares e amigos.

“ (...) juntamo-nos às pessoas que são mais parecidas connosco e os que não utilizam, não querem saber e têm raiva a quem sabe, não se sentem infoexcluídos porque os amigos deles são iguais” (Alexandra)

A gente usa para aprender, para fazer pesquisas, para estudar e também para a parte lúdica. Eles só usam para a parte lúdica” (Alexandra)

“Não é à toa que a gente aprende tudo...as coisas mais importantes digamos assim, em pequeninos. Os seniores têm muito mais dificuldade em aprender.”

“ (...) esta malta da camada mais idosa usam já o computador para estarem mais informados e não para se fiarem nos jornais e no que a televisão diz...já alguns dizem...nas redes sociais então..” (Rui)

“ (...) quanto mais idade mais dificuldade têm para aprender.” (Deni)

“um aluno mais novo tem uma capacidade de absorção e conhecimento maior do que ... quer a gente queira quer não, do que uma pessoa idosa.” (João)

“Aqui já há uma pré disposição para tomarem atenção para ver o que é que a pessoa está a explicar” (João)

- **Subcategoria “Evolução da tecnologia”**

A tecnologia está em constante evolução. Para as pessoas mais velhas, esta evolução é muitas vezes encarada com receios e inúmeras questões. Os inquiridos revelam que, para os idosos cujas carreiras profissionais implicavam o manuseamento de máquinas, a aprendizagem é mais acessível uma vez que a barreira inicial foi outrora quebrada, para os que estiveram afastados das máquinas, o primeiro impacto com as tecnologias numa idade mais avançada compromete a forma como estas são vistas, chegando mesmo a recusar manuseá-las.

“Bem mais grave do que seniores não utilizarem a tecnologia são pessoas mais novas não a utilizarem” (Alexandra)

“Classes de médicos, enfermeiros (...) essa malta, eu digo uma vez mesmo aqueles que tão numa parte inicial e nem preciso de dizer duas vezes, desenrascam-se bem. Agora nos outros, as profissões que tiveram... foram moldados de forma diferente” (Rui)

“ (...) o antigamente também tinha aparelhos e eles tinham que se adaptar e hoje em dia é a mesma coisa.” (Deni)

“É diferente dar aulas hoje do que há uns anos atrás (...) que os programas vão evoluindo, temos que aprender a mexer com esses programas, outros programas deixam de ser tão influentes (...) é um processo de aprendizagem tanto para o aluno como para o professor” (Deni)

“ Condiciona em termos de software ou em termos de máquina, tenho que estar sempre a evoluir (...) então a maior parte das pessoas faz uma pequena confusão” (João)

- **Subcategoria “O quotidiano e as TIC”**

As tecnologias têm como principal objetivo facilitar a vida do Homem. Neste sentido, quando nos apercebemos da multiplicidade de tarefas que uma máquina nos pode oferecer, não a largamos mais. De acordo com os inquiridos, os idosos utilizam as funcionalidades das TIC para facilitar tarefas do seu quotidiano de forma mais rápida, organizada e eficaz. Essas tarefas passam pela organização de despesas num documento no excel, comunicação com os filhos, parte lúdica, entre outras.

“ (...) os que vão falar com os filhos por skype, os que vão aprender a trabalhar com o facebook (...) Só não interfere quando não têm computador em casa” (Alexandra)

“Realmente interfere naquilo que faziam regularmente. Eram mais...não tinham muita atividade e com aquilo começaram a ter, começaram também a comunicar mais com as pessoas desde que essas pessoas adotem as novas tecnologias, caso contrário esquece” (Rui)

“ (...) se eles acham interessante aquilo que eu estou a explicar e a transmitir para as suas vidas, como têm os seus computadores até podem abdicar de alguma coisa que têm por fazer” (Deni)

“ (...) ensino-lhes a utilizar a internet, o mail, dou o processador de texto para eles enviarem coisas escritas, já dei o excel também e o Picasa. Ah! O skype que eles queriam muito para falarem com os filhos (...) Disto tudo, alguma coisa há-de interferir” (João)

4.3.1 Universidade Sénior de Olhão

Segundo o testemunho da professora, os alunos não conseguem alcançar a autonomia pelo medo que têm em manusear um computador. A minha opinião vai de encontro a isso mesmo. A idade acarreta algumas adversidades e nem sempre o estado de saúde permite aos alunos seniores verem bem, terem precisão na mão, a memória já não corresponde, o que dificulta a aprendizagem. Por outro lado, a falta de acompanhamento em casa poderá ser um fator negativo para este processo. Os familiares, na azáfama do seu quotidiano não investem nas relações e nas necessidades dos seus familiares.

A minha opinião sobre os académicos desta Universidade é bastante positiva. São um bom exemplo do espírito de grupo, de entre ajuda, de afetos. Enalteço a atitude diária de dois alunos que dotados de alguns conhecimentos informáticos, despendem do seu tempo não a aprender mas a ensinar os colegas com mais dificuldades para que a aula decorra com normalidade. De facto, somos felizes em fazer os outros felizes.

A gratidão impera nesta instituição. Todos recebem conhecimento, todos partilham experiências. Afinal de contas, profissionais felizes e realizados atraem formandos empenhados e participativos.

O dinheiro não compra afetos, a simplicidade dos gestos dos seus alunos e o sorriso com que fala deles, “paga” o vencimento mensal desta professora.

A professora segue atentamente os avanços tecnológicos e usufrui deles enquanto auxiliar para material a utilizar nas suas aulas muito embora evite utilizar muitos equipamentos para que os alunos não dispersem. Estou parcialmente de acordo uma vez que enquanto os desenhos ou a escrita no quadro está a decorrer os idosos conseguem acompanhar. Por outro lado, pressupõe um gasto maior de tempo no decorrer de uma aula curta.

O medo assombra muitos idosos no que se refere à tecnologia mas se tiverem conhecimento do que se pode fazer com um equipamento eletrónico de certo que mudam de opinião. Não concordo com a professora quando afirma que os idosos apenas utilizam a tecnologia para a parte lúdica. Acrescentaria também para comunicar. Muitos deles pretendem comunicar, navegar pela internet, pesquisar alguma curiosidade... Claro que as faixas etárias utilizam-nas mais para estudar e/ou auxiliar nas carreiras mas nos dias de hoje, poucos são os que se sentem infoexcluídos.

O ser humano tem que ser curioso com o que está à sua volta para evoluir e aprender, independentemente da idade, todos aprendem, cada um ao seu ritmo.

4.3.2 Academia Sénior da Cruz Vermelha- Faro

Os idosos inicialmente têm receio de manusear um equipamento eletrónico e isso faz com que, sozinhos, não tentem aprender. Os familiares e os profissionais têm um papel fulcral no que diz respeito à desmistificação desta ideia de complexidade e desconhecimento face às diversas potencialidades de um equipamento eletrónico.

Para alguns seniores, o computador e outros equipamentos não são de todo desconhecidos uma vez que, no decorrer das suas carreiras profissionais, utilizaram um ou outro. Na idade da reforma, apesar de estarem desatualizados, uma vez que o avanço tecnológico avança a passos largos, acabam por ter mais facilidades de aprendizagem.

Os académicos desta instituição são a imagem de um grupo participativo, interessado, cooperante embora nem sempre autónomo. Segundo apurei, cobram ao professor as vezes que auxilia os colegas então, de forma a contornar isso, o professor ajuda-os de acordo com a disposição das mesas, começa numa ponta e termina noutra, repetindo.

A relação entre os académicos e o professor poderá fazer com que isto aconteça. Sentem algum ciúme devido à proximidade.

4.3.3 Universidade Sénior de Loulé

De acordo com as dificuldades e dúvidas dos alunos, o professor adapta o programa que tem estipulado. Entre uma partilha de informação, encontram-se barreiras no processo ensino/aprendizagem como o estado de saúde dos alunos (falta de vista, tremor no corpo, falta de memória). Isto faz com que o programa por vezes possa não ser cumprido na íntegra.

Os alunos são curiosos e interessados nos conteúdos. Enquanto grupo, apesar das afinidades conseguem ter espírito de ajuda e respeito. Com o professor, têm uma relação mais profissional, com respeito e confiança.

A informática é, em grande parte, uma disciplina em que a prática é fundamental não descartando a teoria, esta não tem um peso tão importante uma vez que saber fazer, pressupõe mexer. Um dos desafios do professor além de procurar manter-se atualizado é, adaptar o programa de acordo com as dificuldades e conhecimentos dos seus alunos.

Com o avanço tecnológico a caminhar em passos largos, a capacidade de adaptação dos mais velhos é fundamental para o poder acompanhar. Na verdade, para os que trabalharam com máquinas ao longo das suas carreiras profissionais, este processo de adaptação é mais rápido e mais facilitado.

O ser humano está em constante aprendizagem se for curioso e conviver. Assim, além dos alunos, os professores devem procurar também se manterem atualizados.

4.3.4 Universidade Sénior de São Brás de Alportel

A metodologia mais adequada para os alunos em idade avançada passa por dizer como se faz e fazer com que os alunos executem a mesma tarefa uma vez que, dadas as condicionantes da idade em que se encontram, é a melhor forma de reter a informação. As condicionantes passam pelo estado de saúde principalmente.

Os formandos com interesse em aprender assistem a todas as aulas, sendo que os que não têm interesse ou não mostram agrado pelos conteúdos, não terminam o ano letivo na disciplina. O grupo é dinâmico e participativo e mantém uma relação de proximidade para com o professor talvez se deva à diferença de idades e ao carinho pelo formador.

O professor enquanto transmissor de conteúdos tem que ter a preocupação de estar em constante atualização não só de conhecimento mas das melhores ferramentas/estratégias para que os alunos aprendam o que quer transmitir. Para isso, João, tira da net alguns manuais e chega mesmo a fazer uns pequenos materiais para que os alunos possam consultar sempre que sentirem necessidade. Além disso, tem sempre em atenção o que os alunos querem e sentem dificuldade em aprender.

A aprendizagem depois da reforma permite uma pré disposição para adquirir conhecimentos de uma forma mais consciente, interessada e interativa que, nem sempre existe no processo de aprendizagem com faixas etárias mais novas, ainda que a sua capacidade de absorção seja maior nas idades jovens.

5. Síntese Reflexiva – Discussão dos resultados

Em seguida irá ser elaborada uma síntese reflexiva acerca dos resultados apresentados, evidenciando os aspetos mais relevantes.

A amostra a que se refere o presente estudo é constituída por 97 inquiridos com idades compreendidas entre os 54 e os 80 anos (maioria encontra-se na faixa etária dos 66-70 anos), com prevalência do sexo feminino (72%), o que corresponde à tendência da esperança média de vida ser maior nas mulheres. De acordo com os dados do INE (2011) sabe-se que, o grupo etário dos 65 ou mais anos no concelho de Faro é preponderante nas mulheres (56,5%) face aos homens (43,5%).

Relativamente ao estado civil pode-se verificar que tanto no género feminino quanto no masculino, o estado civil de casado predomina.

A situação socio profissional dos inquiridos predomina em profissões nas áreas da educação, administração e função pública. Na região do Algarve, Faro distingue-se pela especialização em atividades financeiras, imobiliárias e serviços às empresas (INE, 2011).

Segundo dados do INE (2012) 69,5% dos alojamentos são de residência habitual e que as famílias de menor dimensão têm vindo a ganhar cada vez mais peso ao longo dos anos, onde a maioria, com duas pessoas, totaliza 32,9%. Igualmente neste estudo, se verifica que a quase totalidade dos idosos vivem em casa própria (81,7%), referindo, ainda, que coabitam com o cônjuge (55,0%).

As estatísticas do INE (2015) indicam que 7 em cada 10 pessoas com idade entre 16 e 74 anos utilizam a internet e acrescentam que 70% dos utilizadores de internet em Portugal participam em redes sociais, essencialmente através do computador e do telemóvel. Neste estudo constatou-se que 84% dos inquiridos utilizam a internet e o total da amostra utiliza algum equipamento: 93,81% utiliza a televisão, 90,72% o computador e/ou o tablet, 87,63% o telemóvel e/ou telefone, 80,41% a rádio, 38,14% o leitor e/ou gravador de DVD e 5,15% a consola de jogos. Concordando com as estatísticas, a amostra deste estudo indicou que 78,35% dos inquiridos utilizam a internet para comunicar, 77,32% para se informarem e 37,11% para lazer.

Considerando a opinião individual acerca da motivação para frequentar as Universidades/Academias Seniores, identificou-se a aprendizagem com 89,69% (87 inquiridos), seguindo-se de lazer com 68,04% (66 inquiridos) e o convívio com 56,70% (55 inquiridos). Constatou-se que, as respostas obtidas através das entrevistas aos professores estiveram em concordância com as respostas obtidas através dos inquéritos efetuados aos idosos. Além disso, os motivos apontados por ambos, vão ao encontro aos estudos de Irigaray e Schneider (2008) Martins de Sá (2006). Verificou-se ainda que, independentemente do nível de escolaridade, as motivações não se alteraram significativamente.

A presença dos seniores numa UTI constitui uma forma de integração social uma vez que sentem um sentimento de pertença ao grupo, contribuindo para minimizar a solidão e o isolamento, além de permitir uma aprendizagem o que por si só já é uma forma de integração social.

Relativamente ao uso das tecnologias como forma de lazer, os inquiridos afirmaram que as suas atividades passam por “ouvir música”, “comentar publicações”, “ver vídeos”, “jogar”. A diversidade de respostas sugere que as pessoas em idades avançadas se sentem confortáveis a manusear os equipamentos. Jacob (2007) afirmou que a qualidade de vida dos idosos depende de atividades lúdicas com alguma regularidade.

Todos os inquiridos revelaram que sentiram alterações ao nível do seu bem-estar e consequentemente, da sua qualidade de vida desde que frequentam a instituição.

Considerando os aspetos mais valorizados na Universidade que frequenta, 1,03% (1 inquirido) não consegue enumerar um aspeto relevante, 8,25% (8 inquiridos) aponta a diversidade de disciplinas, 34,02% (33 inquiridos) o convívio entre todos e 56,70% (55 dos inquiridos) nomeia a partilha de experiências/aprendizagens. Considerando os aspetos menos valorizados na Universidade que frequenta, 49,48% (48 inquiridos) não consegue enumerar um aspeto relevante, 27,84% (27 inquiridos) aponta as instalações como um aspeto menos favorável, 16,49% (16 inquiridos) o desinteresse por parte de entidades e a falta de apoio logístico, 5,15% (5 inquiridos) a pouca diversidade de disciplinas e 1,03% (1 inquirido) os conteúdos programáticos desinteressantes. Assim, afirma-se que os alunos apresentam expectativas e motivações de cariz social, relacionamento e saber, reconhecendo a importância das Universidades Seniores nas suas vidas..

Luz (2017) considera que a Gerontologia necessita de profissionais que, pela multidisciplinariedade da sua visão e dos seus conhecimentos, consigam agregar as diferentes áreas do indivíduo, de modo a proporcionar uma qualidade de vida melhor aos idosos. Sendo o envelhecimento um processo tão complexo e multidisciplinar, o contributo de profissionais de diversas áreas é fundamental desde que se complementem e desenvolvam estratégias de forma articulada.

Portugal promove a Gerontologia enquanto formação, com duas instituições de ensino superior a facultarem uma formação inicial nesta área - uma licenciatura. Assim, espera-se que os gerontólogos sejam reconhecidos pelo seu trabalho, sendo legítimo esperar reajustamentos ao nível do capital real e simbólico dos profissionais nesta área (Pereira, 2008). Segundo o mesmo autor, a formação em gerontologia assenta em “três pilares básicos: uma médica/cuidados de saúde; uma componente psicológica; e uma componente social/organizacional”. Assim, um gerontólogo estará mais capacitado para elaborar e desenvolver atividades relacionadas com o envelhecimento numa perspectiva holística do ciclo de vida. No caso das UTI, constatou-se que nenhum dos entrevistados possuem formação específica na área da Gerontologia. A formação dos entrevistados passou pela área da Informática, ainda que não tenham lecionado a idosos até iniciarem a formação na UTI.

Na categoria da apreciação global do funcionamento das aulas, os professores entrevistados enumeraram os aspetos intrínsecos e os aspetos extrínsecos. Em relação aos aspetos intrínsecos, os entrevistados ressaltaram o quanto é gratificante trabalhar com idosos e contribuir para a melhoria da qualidade de vida destes. Em relação aos aspetos extrínsecos salientaram que os conhecimentos e vivências dos idosos são muito heterogéneos. Os entrevistados referiram que os seniores são alunos interessados, afetuosos e comunicativos.

Essas dificuldades sentidas passam pelos problemas inerentes à idade dos académicos como a surdez, a falta de memória, tremores nas mãos, entre outros.

No intuito de conhecer os receios que os idosos revelam quando confrontados com as tecnologias percebe-se que, os idosos que passam por um período de inatividade face às tecnologias, temem não serem capazes. Por outro lado, os idosos que ao longo das suas vidas não manusearam qualquer equipamento eletrónico, não têm curiosidade nem pré-disposição para aprender. O sentimento de utilidade, de pertença, a procura em saber mais, em se distrair faz com que sejam motivados a pertencer a uma UTI. De acordo com o Memorando sobre a Aprendizagem ao longo da vida (2000), a motivação individual para aprender e a disponibilização de várias oportunidades educativas são os principais factores para uma aprendizagem ao longo da vida.

Como está escrito no Memorando sobre a Aprendizagem ao Longo da Vida (2000), os professores e formadores tornam-se guias, mentores e mediadores. Isto acontece nas UTI, nas quais foram recolhidos os dados deste estudo uma vez que os professores e os seniores mantêm uma relação com alguma afinidade e confiança o que permite alguma facilidade na interação e conseqüentemente no processo ensino-aprendizagem.

As estratégias utilizadas pelos inquiridos para ensinar os seniores passam por “levantar a voz”, “falar pausadamente”, “repetir várias vezes”, “comparando situações com o dia a dia”, “aumentar as letras dos visores”, entre outras. As técnicas de ensino assentes nas TIC permitem a inovação dos métodos de ensino-aprendizagem e devem adaptar-se às circunstâncias de mudança em que as pessoas organizam e gerem as suas vidas. Este aspecto é importante para a concretização da igualdade de géneros, contribuindo para uma terceira idade cada vez mais activa. (Memorando sobre a Aprendizagem ao longo da vida, 2000).

Relativamente às limitações, seria expectável replicar o estudo com uma amostra maior de forma a obter resultados mais fiáveis porque inicialmente foi feito um levantamento de um número de alunos inscritos e, infelizmente, esse número varia consoante os dias.

Como forma de conclusão, considera-se este estudo pertinente e importante, uma vez que permitiu identificar as perspetivas dos professores e dos alunos sobre o processo ensino-aprendizagem numa idade mais avançada. É certo que, com a esperança média de vida cada vez maior é importante adotar estratégias de promoção de um envelhecimento bem-sucedido assim como desenvolver estudos neste campo.

CAPÍTULO IV

Conclusão

IV. CONCLUSÃO

No presente capítulo, irá ser elaborada uma reflexão de forma a se perceber se os objetivos foram ou não alcançados e apresentar as conclusões referentes deste estudo tais como a importância para a Gerontologia, para as pessoas/instituições que dependem do voluntariado para realizarem as suas propostas. Além disso, irão ser referidas as dificuldades sentidas e as melhorias para futuros seguintes.

O presente trabalho surgiu do interesse em investigar duas tendências que têm vindo a aumentar na sociedade: o envelhecimento da população e a evolução das Tecnologias de Informação e Comunicação. De modo a sustentar teoricamente os seus objetivos foram definidos e analisados conceitos relacionados com a temática do estudo.

A adoção e o uso da tecnologia têm sido alvo de estudos nas últimas décadas ainda que aplicada em contextos educacionais e organizacionais. Os estudos focados no uso das tecnologias pelas pessoas idosas não são assim tão frequentes como seriam expectáveis uma vez que a tendência do envelhecimento é cada vez maior.

A revisão da literatura permitiu clarificar que a educação está intrinsecamente ligada ao ser humano, tendo este que estar numa constante aprendizagem para evoluir. Além disso, deixou claro o papel determinante das Tecnologias de Informação e Comunicação na resolução de muitas limitações inerentes ao processo de envelhecimento. Para que isto aconteça, é fundamental que se conheçam as necessidades deste grupo heterogéneo.

As UTI não só propiciam o bem-estar e qualidade de vida como reforçam a inserção e a participação social com atividades de índole intelectual, física e social (melhoria das capacidades de aprendizagem, aumento da cultura geral, prática de exercício físico, hábitos de alimentação saudável e a sociabilização com os seus pares, familiares e amigos). Desta forma, seria desejável que esta resposta socioeducativa e social se estendesse para além das cidades, se tornasse menos elitista uma vez que há pessoas que não conseguem pagar a mensalidade (20€). Apesar de ser um valor simbólico, as reformas de muitas pessoas mais velhas não permitem gastos além da alimentação, habitação e saúde.

Acredito que a aprendizagem ao longo da vida seja do interesse de cada um e infelizmente ainda não está ao acesso dos que vivem em zonas rurais, dos que têm menos posses. Nestas condições seria útil o manuseamento de equipamentos eletrónicos como forma de comunicar, de lazer e sobretudo de pedir auxílio para os que vivem isolados e/ou em zonas de difícil acesso. Para as pessoas mais velhas que têm a possibilidade de frequentar as UTIs, a disciplina de Informática é uma das mais procuradas uma vez que a utilização do motor de pesquisa GOOGLE, a navegação na internet, a troca de correspondência eletrónica e as videochamadas fazem as delícias de todos os que se interessam pelas Tecnologias de Informação e Comunicação. Mais uma vez se justifica o investimento de conteúdos em que se utilize a internet. Sugere-se às UTIs que estabeleçam parcerias com as autarquias na dinamização de aulas de informática para os seniores das suas freguesias de modo a que estas sejam acessíveis para todos o que, futuramente, possa fazer com que mais seniores decidam inscrever-se nas Universidades Seniores.

As limitações desta investigação prendem-se com a disponibilidade temporal da investigadora e pelo facto de terem sido contactadas Academias/Universidades Seniores no concelho em estudo e não se ter obtido resposta por parte das mesmas o que faz com que a amostra seja mais reduzida do que o esperado.

A colaboração por parte de instituições em estudos relacionados com a dinâmica das mesmas é uma mais-valia quer para o investigador quer para as entidades uma vez que acarreta um reconhecimento para as mesmas, fazendo com que profissionais tenham interesse em se juntar à equipa e fortalece os laços com todos aqueles que fazem parte da instituição, uma vez que o estudo é realizado de uma forma coletiva.

A Gerontologia Social tem como finalidade a sensibilização e intervenção no processo de envelhecimento. Torna-se imprescindível continuar a construir conhecimentos através de investigações, adotar estratégias de intervenção com base na ciência e capacitar profissionais no sentido de se perceber com maior exatidão as necessidades e/ou prioridades deste grupo etário.

Os resultados desta investigação revelam que, o trabalho realizado nas Universidades/Academias Seniores do concelho de Faro é o reflexo de práticas quanto ao bem-estar, à participação social e melhoria da qualidade de vida de todos os envolvidos que resultam do trabalho de um corpo significativo de voluntários, regidos por normas definidas. Os voluntários não são remunerados. Os funcionários recebem um vencimento. Na minha opinião, a diferença entre ambos os cargos faz com que um voluntário possa não assumir responsabilidades necessárias uma vez que os afazeres mais desgastantes ou burocráticos podem não ter tanto interesse por parte do voluntário. Assim, uma organização e/ou uma instituição ao vincular-se apenas com pessoas em regime de voluntariado está dependente da disposição e afazeres a que estes se disponham o que pode não garantir sustentabilidade. Para os destinatários, os voluntários poderão ser mais disponíveis e atenciosos, uma vez que dedicam parte do seu tempo em prol de algo ou de alguém.

Ressalva-se que os objetivos deste estudo foram alcançados, muito embora futuramente fosse importante que obter uma amostra maior, a fim de serem recolhidos dados que permitisse desenvolver como consequência estratégias mais específicas. Assinala-se ainda, o quanto seria desejável estender este estudo a outras regiões do país de forma a se obter uma avaliação mais global relativamente ao tema das TIC pois, como os indicadores mostram, Portugal é um dos países com um índice de envelhecimento elevado.

Propostas de Intervenção

A aprendizagem deve ser contínua e ao longo da vida e, desse modo, a formação deverá estar acessível para todas as faixas etárias. Neste âmbito, as instituições têm um papel importante, nomeadamente as Universidades/Academias Seniores cujos objetivos visam promover o envelhecimento ativo e adotar medidas para combater o isolamento. Falamos, por exemplo, em promover uma maior inclusão dos idosos, ensinando-os a dominar os variados dispositivos eletrónicos e a utilizar a internet.

Para atingir estes objetivos deverão ser implementadas formações em Informática que integrem as bases da disciplina assim como tenham em atenção o que as pessoas sentem curiosidade e interesse em aprender, com profissionais das áreas de Informática, Gerontologia Social, Animação Sociocultural e Sociologia. Estas equipas multi e interdisciplinares, podem proporcionar ainda, seminários, encontros onde poderão ser partilhadas vivências e testemunhos entre profissionais e idosos sobre a temática das novas tecnologias.

Referências Bibliográficas

I. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Alves, M. C. (2017). *Envelhecimento, Rede Social e Funcionalidade na Vida Diária: Um estudo nos Centros de Dia e Universidade Sénior de Guimarães* (Tese de Mestrado). Recolhido em Repositório Científico Instituto Politécnico de Viana do Castelo. <http://hdl.handle.net/20.500.11960/1899>
- Alves, T. (2009). *Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) nas escolas: da idealização à realidade. Estudos de casos múltiplos avaliativos realizado em escolas públicas do Ensino Médio do interior paraibano brasileiro* (Tese de Mestrado). Recolhido no Repositório Científico Lusófona.
- Bardin, L. (2009). *Análise de Conteúdo*. Lisboa: Edições 70.
- Bell, J. (2004). *Como realizar um projecto de investigação* (3ª edição). Lisboa: Gradiva.
- Blanco, E. & Silva, B. (1993). *Tecnologia Educativa em Portugal: conceito, origens, evolução, áreas de intervenção e investigação*. Acedido em Outubro 28, 2017 in <http://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/521>
- Bogdan, R. & Biklen, S. (1994). *Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos*. Portugal: Porto Editora
- Briceño-Léon, R. (2003). Quatro Modelos de Integração de Técnicas Qualitativas e Quantitativas de Investigação nas Ciências Sociais. In Goldenberg, P., Marsiglia, R. & Gomes, M. (Org.), *O Clássico e o Novo. Tendências, objetos e abordagens em ciências sociais e saúde* (pp. 157-183). Rio de Janeiro: Editora Fiocruz.
- Bruchêz, A., Ciconet, B., Possamai, L., Remussi, R. & Tondolo, V. (2016). Análise da utilização do estudo de caso qualitativo e triangulação na Brazilian Business Review. *Espacios*, 37(05), p.24.
- Calisto, J. (2015). *Universidades da Terceira Idade e Envelhecimento Ativo. A academia dos saberes de Aveiro e a Universidade Sénior de Cacia* (Tese de Mestrado). Recolhido em Repositório Institucional da Universidade de Aveiro
- Campos, A., Cordeiro, E., Resende, G., Vargas, A., & Ferreira, E. (2014). Qualidade de vida de idosos praticantes de atividade física no contexto da estratégia saúde da família. *Texto & Contexto Enfermagem*, 23(4), 889-897. <http://dx.doi.org/10.1590/0104-07072014002060013>

- Carvalho, L., & Silva, M. (2015). Universidades de Terceira Idade: dimensão educativa e social. *Revista da Escola Superior de Educação Aprender*. 36, 48-62.
- Comissão Europeia (2010). *ICT & Ageing, European Study on Users, Markets and Technologies*. Compilation Report on Ethical Issues. Acedido em Outubro 28, 2017 in http://www.themavision.fr/upload/docs/application/pdf/2012-03/union_europeenne_2010_-_ict_and_ageing_-_final_report.pdf
- Costa, P. (2013). Promoção da Saúde Mental em Idosos. Projeto de Intervenção na Depressão com base na Animação Sociocultural. Coimbra: Escola Superior de Tecnologia da Saúde de Coimbra.
- Delors, J. (org.), 1999. Educação: Um tesouro a descobrir. Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI. 2ª edição, São Paulo, Cortez, p.288.
- Denzin, N. & Lincoln, Y. e col. (2006). O planeamento da pesquisa qualitativa. Teorias e abordagens. 2ª edição. Bookman.
- Diário da República Eletrónico (2016). Resolução do Conselho de Ministros nº76/2016, p.4232. Acedido em Outubro 26, 2017 in <https://dre.pt/web/guest/pesquisa/-/search/105276961/details/maximized?dreId=105276959>
- Duarte, T. (2009). As possibilidades da investigação a 3: reflexões sobre triangulação (metodológica). CIES e Working paper N.60.
- Ely, J. & Pasqualotti, A. (2010). Reflexões acerca das contribuições das tecnologias no desenvolvimento de atividades, relações e identidades sociais de idosos. Recolhido em *Intexto, Portal de Periódicos Científicos UFRGS*. 2(23), 120-132.
- Fernandes, M. (2012). *Qualidade de vida e atividade: um estudo em idosos de Vila Nova de Cerveira* (Tese de Mestrado). Porto: Universidade Católica Portuguesa.
- Fernandes, M., Silva, A., Loureiro, L., & Medeiros, A. (2011). Indicadores e condições associadas ao Envelhecimento Bem-Sucedido: Revisão Integrativa da Literatura. *Cogitare Enfermagem, Universidade Federal do Paraná Curitiba - Paraná, Brasil* 16 (3), 543-548.
- Fernández-Ballesteros, R. (2008). *Active Aging. The contribution of Psychology*. [Envelhecimento Ativo: A contribuição para a Psicologia] Gottingen: Hogrefe & Huber.

- Fernández-Ballesteros, R., Caprara, M., & García, L. (2004). Vivir con vitalidad: un programa europeo multimedia. *Intervención Social*. [Viver com vitalidade: um programa europeu de multimédia. *Intervenção social*.] 13(1), 65-84.
- Fleck, M. (2000). O instrumento de avaliação de qualidade de vida da Organização Mundial da Saúde (WHOQOL-100): características e perspectivas. *Ciência & Saúde Coletiva*. Vol.5. N.1. Brasil: Rio de Janeiro
- Fonseca, A. (2006). *O Envelhecimento. Uma abordagem psicológica*. O bem-estar psicológico e o processo de envelhecimento. Lisboa: Universidade Católica Editora.
- Gil, A. (2008). *Métodos e técnicas de pesquisa social*. Sexta Edição. São Paulo: Editora Atlas
- Gil, H. (2013). A educação e a aprendizagem ao longo da vida pelos adultos idosos através das TIC: Reflexões e propostas de implementação. *Adultos Idosos e Educação* ISBN: 978-969-8525-27-7. Acedido em Junho 8, 2017, in <https://repositorio.ipcb.pt/bitstream/10400.11/3100/1/A%20Educa%C3%A7%C3%A3o%20e%20a%20aprendizagem%20ao%20longo%20da%20vida.pdf>
- Gonçalves, L. (2007). O campo da gerontologia e os seus desafios. *Rev.Saúde.Com*. 3(1), 12-19.
- Guimarães, C. (2013). *Tomando o Envelhecimento Bem-sucedido como Desenvolvimento Psicológico: Efeito da TOM e da Inteligência* (Tese de Mestrado). Recolhido em Repositório Institucional da Universidade do Minho
- Guiomar, V. (2010). *Compreender o Envelhecimento Bem-Sucedido a partir do suporte social, qualidade de vida e bem-estar social dos indivíduos em idade avançada*. Instituto Politecnico de Beja.
- INE (2015). *Sociedade da Informação e do Conhecimento. Inquérito à Utilização de Tecnologias da Informação e da Comunicação pelas Famílias*.
- Instituto Nacional de Estatística (2002). O Envelhecimento em Portugal: Situação demográfica e socio-económica recente das pessoas idosas. *Revista de Estudos Demográficos*, 1, 185-208. Acedido em Outubro 9, 2017, in http://censos.ine.pt/xportal/xmain?xpid=CENSOS&xpgid=ine_censos_estudo_det&menuBOUI=13707294&contexto=es&ESTUDOSest_boui=106370&ESTUDOSmodo=2&selTab=tab1

- Instituto Nacional de Estatística (2012). Censos 2011. Resultados definitivos. Região - Algarve. Portugal: Lisboa
- Irigaray, T. Q. & Schneider, R. H. (2008). Participação de Idosas em uma Universidade da Terceira Idade: Motivos e Mudanças Ocorridas. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Acedido em 24 Junho, 2018 em http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-37722008000200011&script=sci_arttext.
- Jacob, L. (2007). *Animação de Idosos*. Porto: Âmbar.
- Jacob, L. (2012). *Universidade seniores: criar novos projetos de vida*. III Congresso Mundial Do Envelhecimento Ativo. Acedido em Outubro, 27, 2017 in http://www.asas.chrome.pt/doc/criarnovosprojectosdevida_luisjacob.pdf
- Jantsch, A., Machado, L., Behar, P. & Lima, J. (2012). As Redes Sociais e a Qualidade de Vida: os Idosos na Era Digital. *IEEE-RITA*. 7(4). 173-179.
- Junta de Freguesia de Corroios (2013). *Informática para idosos*. Acedido em Novembro 28, 2017 in <http://www.jf-corroios.pt/noticias-f/79-informacoes/867-informatica-para-idosos>
- Kachar, V. (2000). A terceira idade e o computador: interação e transformações significativas. *A terceira idade, Sesc/São Paulo*, 11 (19).
- Kluthcovsky, A., & Kluthcovsky, F. (2009). O WHOQOL-bref, um instrumento para avaliar qualidade de vida: uma revisão sistemática. *Revista de Psiquiatria do Rio Grande do Sul*. Vol.31. N.3.
- Lima, T., Miotto, R. & Prá, K. (2007). A documentação no cotidiano da intervenção dos assistentes sociais: algumas considerações acerca do diário de campo. *Revista Textos & Contextos Porto Alegre*. 6 (1), 93-104.
- Luz (2017). Ser Gerontólogo – uma profissão do presente, para o Futuro. *Revista 4 Sênior. Mais atividade, mais vida*. 7ª Edição.
- Machado F., & Medina, T. (2012). As Universidades Seniores: Motivações e repercussões de percursos. *Revista Educação, Sociedade e Culturas*. Nº37, 151-167.
- Martins de Sá, J. (2006). O conhecimento em sua dimensão vitalizadora: o prazer de aprender na maturidade da vida. Martins de Sá, J., Panhoca, I. & Pacheco, J. L. (Orgs), *Na Intimidade da velhice: versão acadêmica*. Holambra. pp. 23-32.
- Memorando sobre a Aprendizagem ao Longo da Vida (2000). Comissão das Comunidades Europeias. Lisboa.

- Ministério da Saúde. (2009). Estatuto do Idoso. 2ª Edição. 3ª Reimpressão. Brasília: Editora do Ministério da Saúde.
- Monteiro, N., & Félix, Neto (2008). *Universidade da Terceira Idade: Da solidão à motivação*. Porto: Livpsic. Edição electrónica
- Novais, P. (2016, Fevereiro, 25). Terceira Idade. Projeto de teleassistência pretende apoiar 10 mil idosos em Portugal. *O Observador*.
- OberCom. (2012). *Sociedade em Rede. A Internet em Portugal 2012*. Lisboa, *Publicações Obercom*, 2-35.
- Oliveira, I. (2011). *Qualidade de vida dos idosos do Centro de Convívio de Canidelo*. Porto: Universidade Fernando Pessoa. Acedido em Outubro 14, 2017, in http://bdigital.ufp.pt/bitstream/10284/2847/3/T_13044.pdf
- Organização Mundial da Saúde. (1999). A life course perspective of maintaining independence in older age. [Uma perspetiva de vida em manter a independência na velhice]. WHO's Ageing and Health: Geneva.
- Organização Mundial de Saúde. (2005). Envelhecimento Activo: uma política de saúde. Brasil. Acedido em Outubro 20, 2017, in http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/envelhecimento_ativo.pdf
- Páscoa, G. & Gil, H. (2015). As TIC como antídoto para a solidão e isolamento do cidadão sénior: uma plataforma essencial para alcançar o seu bem-estar mental e social. 5(2), 65-77.
- Patricio, R., & Osório, A. (2012). Lifelong learning. Intergenerational relationships and LCT: Perceptions of children and other adults. In proceedings of ELOA Elderely, education, intergenerational relationships and social developments. 224-232. Acedido em Junho 8, 2017 in <https://bibliotecadigital.ipb.pt/bitstream/10198/7061/1/etoa2011.pdf>
- Paúl, C., Fonseca, A., Martín, I. & Amado, J. (2005). A satisfação e a qualidade de vida: um estudo em idosos portugueses. In Paúl, C. & Fonseca, A. (Eds), (2005). *Envelhecer em Portugal*. Lisboa: Climepsi Editores.
- Pereira, C. & Neves, R. (2011). Os idosos na aquisição de competências TIC. *Educação, Formação e Tecnologias*. 4 (2). 15-24.
- Pereira, C. & Neves, R. (2011). Os idosos na aquisição de competências TIC. *Educação, Formação e Tecnologias*. 4 (2). 15-24.
- Pereira, F. (2008). VI Congresso Português de Sociologia. Gerontólogo: A construção de uma nova profissão na área da saúde. Universidade Nova de Lisboa. 1-10.

- Pereira, F., Mata, M., & Pimentel, M. (2012). *A emergência da gerontologia como profissão e o seu reconhecimento social em Portugal*. Recolhido em Atas do V Encontro do CIED. (978-989-95733-3-8)
- Pereira, M. (2016). *Envelhecimento e avaliação gerontológica multidimensional: Um estudo de base comunitária no município de Vizela* (Tese de Mestrado). Recolhido em Repositório Politécnico de Viana do Castelo.
- Pinto, M (2003). As Universidades da Terceira Idade em Portugal: das origens aos novos desafios do futuro. *Revista da Faculdade de Letras - Línguas e Literatura*, XX(II), 467-478.
- Pires, M. (2009). *Fatores de risco da doença coronária e qualidade de vida. Estudo exploratório no concelho de Odivelas* (Tese de Mestrado). Universidade Aberta.
- POR DATA. (2016b). *Indicadores de Envelhecimento + Indivíduos que utilizam a Internet em % do total de indivíduos: por grupo etário*. Acedido em Outubro 29, 2017 in <http://www.pordata.pt/DB/Portugal/Ambiente+de+Consulta/Tabela>
- PORDATA. (2016). *Indicadores de envelhecimento*. Acedido em Outubro, 7, 2017, in <https://www.pordata.pt/Portugal/Indicadores+de+envelhecimento-526>
- Praça, M. (2012). *Qualidade de vida relacionada com a saúde: a perspectiva dos utentes que frequentam os Centros de Saúde do ACES Trás-os-Montes I Nordeste* (Tese de Mestrado). Recolhido em Instituto Politécnico de Bragança
- Rede de Universidades Seniores. (2016). *Caracterização Sumária das Universidades Séniores Portuguesas*. Acedido em Outubro, 28 de 2017 in <http://rutis.keyweb.pt/assets/stores/1175/userfiles/Caracteriza%C3%A7%C3%A3o%20sum%C3%A1ria%20das%20utis.pdf>
- Repetto, M., & Trentin, G. (2008). ICT and lifelong learning for senior citizens. *Journal of e-Learning and Knowledge Society*, 4, 189-198.
- Romão, R. (2013). *A importância do lazer na promoção do Envelhecimento Bem-Sucedido* (Tese de Mestrado). Recolhido em Sapientia: Repositório da Universidade do Algarve
- Santos, S. R. Dos, Santos, I. B. D. C., Fernandes, M. D. G. M., & Henriques, M. E. R. M. (2002). Qualidade de vida do idoso na comunidade: aplicação da Escala de Flanagan. *Revista Latino-Americana de Enfermagem*, 10(6), 757-764. <https://doi.org/10.1590/S0104-11692002000600002>

- Schaie, W., & Willis, S. (2003). *Psicología de la edad adulta y la vejez*. [Psicologia da idade adulta e da velhice]. Madrid: Pearson.
- Serrano, G. (2004). *Investigación cualitativa. Retos e interrogantes – I.Métodos*. Madrid: Ed. La Muralla.
- Silva, A. & Fossá, M. (2015). Análise de conteúdo: exemplo de aplicação da técnica para análise de dados quantitativos. *Qualit@s revista eletrónica*, 17 (1), 3-5.
- Simões, A. (2005). Envelhecer bem? - Um modelo. *Revista Portuguesa de Pedagogia.*, 39 (1), 217-227.
- Simões, A. (2011). Um modelo mal sucedido de envelhecimento bem sucedido? *Psicologia, Educação e Cultura-* Colégio Internato dos Carvalhos, 15(1), 7-27.
- Sousa, M. & Baptista, C. (2011) Como fazer investigação, dissertações, teses e relatórios. Pactor. Lisboa
- UNESCO (2010). Terceiro Relatório Global sobre aprendizagem e Educação de Adultos. Brasília.
- World Health Organization (1946). *Constitution of the World Health Organization. Basic Documents*. [Constituição da Organização Mundial da Saúde. Documentos Básicos]. WHO: Genebra
- World Health Organization (2002). *Active Ageing: a policy framework*. [Envelhecimento ativo. Uma estrutura de políticas]. Espanha: Madrid. Acedido em Outubro 26, 2017 in http://apps.who.int/iris/bitstream/10665/67215/1/WHO_NMH_NPH_02.8.pdf
- Yin, R. (2001). *Estudo de caso: planeamento e métodos*. 2a ed. Porto Alegre: Bookman
- Yin, R. (2010). *Estudo de caso: planeamento e métodos*. 4a ed. Porto Alegre: Bookman.

ANEXOS

Anexo I – Carta explicativa do estudo aos idosos da amostra e consentimento autorizado e informado

O meu nome é Rita Pereira Traquino, sou aluna da Escola Superior de Educação e Comunicação na Universidade do Algarve e, nesse contexto gostaria de contar com a sua participação num estudo que estou a desenvolver através da recolha de dados, para conclusão do grau de Mestre em Gerontologia Social. Esse estudo é centrado na problemática da aprendizagem e do uso das Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) nos idosos, tendo como objetivos gerais delineados:

1. Compreender o processo de aprendizagem relacionado com as TIC;
2. Perceber de que forma é que o uso das TIC contribuem para a qualidade de vida dos idosos;
3. Estabelecer a relação entre a aprendizagem ao longo da vida e as TIC na terceira idade.

A participação neste estudo é voluntária, não acarretando qualquer prejuízo para os que nele participem. Os dados recolhidos serão usados apenas nesta investigação, sendo que as respostas são anónimas e absolutamente confidenciais.

Se decidir participar no estudo poderá abandonar o mesmo em qualquer momento sem ter que fornecer qualquer tipo de explicação.

Os dados serão recolhidos através do preenchimento de um questionário.

Assim sendo, na qualidade de um elemento de amostra, aceito a participação no estudo, tomando conhecimento dos objetivos do mesmo, tendo sido esclarecido sobre todos os aspetos que considero importantes.

_____, ____ de _____ de 20____

(Assinatura)

Anexo II – Diários de Campo

1.1 Informação geral sobre a 1ª observação

Dia e hora: 6 de Dezembro de 2017 das 10h às 11h

Local: Universidade Sénior de Olhão

Disciplina: Informática

Aula composta por: 16 alunos (11 mulheres, 5 homens), 1 professora, 2 ajudantes da professora

Resumo: Observação estruturada não participante; Registo fotográfico

1.2 Comentários sobre a observação

O relógio marcava as 9h50 quando fui recebida pelo abraço acolhedor da professora Alexandra na sala onde iria decorrer a aguardada aula de informática. Um espaço amplo, bem iluminado, composto por inúmeras cadeiras com prancheta, sete mesas à frente perto de um quadro branco. A pouco e pouco, os académicos séniores começaram a marcar presença e com eles traziam os seus equipamentos tecnológicos pessoais. Os equipamentos que foram utilizados foram: um tablet, um telémovel android e oito computadores portáteis. A primeira atividade foi a escolha de uma imagem (Torre de Belém), copiá-la e enviá-la por e-mail a alguém acompanhada de uma mensagem. A professora seleciona essa atividade uma vez que os alunos demonstram dificuldade em consegui-la. Os académicos ouvem atentamente as orientações da professora que as diz oralmente e escreve no quadro. Apesar disso, a maioria dos alunos não são autónomos o que faz com que seja necessário a colaboração de dois alunos. Esses “ajudantes da professora” como os próprios se intitulam dividem-se: um fica a ajudar a professora nos alunos que trazem os equipamentos pessoais, outro fica com um grupo de 5 alunos junto dos computadores fixos presentes na sala. Observou-se uma relação próxima e descontraída para com a professora.

2.1 Informação geral sobre a 2ª observação

Dia e hora: 7 de Dezembro de 2017 das 9h30 às 11h

Local: Academia Cruz Vermelha - Faro

Disciplina: Informática

Aula composta por: 11 alunos (10 mulheres, 1 homem) e 1 professor

Resumo: Observação estruturada não participante; Registo fotográfico

2.2 Comentários sobre a observação

Eram 9h25 quando cheguei às instalações da Cruz Vermelha- Faro e, enquanto o professor Rui ligava os 14 computadores fixos e o retroprojektor, os académicos começaram a chegar. Uma sala com ótimas condições: muito ampla, bem iluminada, com a disposição das mesas em U o que permite os alunos estarem frente a frente uns para os outros e de fácil visibilidade para a projeção e o quadro.

A primeira atividade consiste na criação de uma pasta denominada “Carros”, de seguida pretende-se que copiem e colem 9 imagens de carros de várias cores para essa mesma pasta e por fim, é-lhes pedido para que criem uma outra pasta denominada “Amarelos” e copiem para essa mesma pasta apenas os carros amarelos. Ao longo deste processo, os académicos seguiam atentamente as instruções do professor e ao mesmo tempo iam seguindo os passos que o professor executava no seu computador pessoal através do retroprojektor. Este método mais interativo é uma mais valia uma vez que como são passos seguidos que requerem alguns detalhes, o professor facilita a aprendizagem dos académicos mostrando como se faz. Para isso adota pequenas estratégias para que a informação seja mais clara e direta como a colocação da voz num tom mais alto, aumento do tamanho dos ícones nos computadores, utilização de termos mais técnicos e de seguida utilização de uma linguagem menos técnica para esses mesmos termos.

Observou-se que os alunos são pouco autónomos muito embora se ajudassem uns aos outros sem recorrer tanto ao professor. O docente constantemente passava junto de cada académico para verificar eventuais falhas e/ou dificuldades para se certificar de que todos estariam no mesmo passo.

A segunda atividade teve como objetivo dar a conhecer a Internet e, conseqüentemente, o GOOGLE. O professor deu uma breve explicação sobre as funções gerais do mesmo assim como pequenas regras para se escrever na barra de

endereços. Não foi possível avançar muito mais porque o tempo estipulado para a aula estava no limite.

3.1 Informação geral sobre a 3ª observação

Dia e hora: 7 de Dezembro de 2017 das 11h às 12h40

Local: Academia Cruz Vermelha - Faro

Disciplina: Informática

Aula composta por: 13 alunos (12 mulheres, 1 homem) e 1 professor

Resumo: Observação estruturada não participante; Registo fotográfico

3.2 Comentários sobre a observação

Ainda no meio da agitação do término da aula anterior, os académicos deram entrada na sala de informática da academia, descrita no diário de campo anterior.

A aula teve início com questões acerca da Internet e, conseqüentemente, do GOOGLE. O professor deu uma breve explicação sobre as funções gerais do mesmo assim como pequenas regras para se escrever na barra de endereços. Além disso, mostrou alguns sites para justificar o significado das siglas “www” e “.org”, “.pt”, “.com”, “.fr”, entre outras. Os académicos foram muito participativos e curiosos em relação a esta temática, colocando questões ao professor e dando contributos relacionados com o assunto.

Para uma primeira atividade, o professor escreveu nomes no quadro como “facebook, instagram, rtp, tvi, jornal público, twitter” e pediu para os académicos descobrirem o endereço eletrónico correspondente a essas páginas. Prontamente surgiram respostas certas como “www.facebook.com”, outras precisaram de confirmar na internet. Terminaram a atividade rapidamente e desta forma, chegou ao fim mais uma aula de informática desta academia.

4.1 Informação geral sobre a 4ª observação

Dia e hora: 17 de Maio de 2018 das 15h às 16h00

Local: Universidade Sénior de Loulé

Disciplina: Informática

Aula composta por: 3 alunos (2 homens, 1 mulher) e 1 professor

Resumo: Observação estruturada não participante; Registo fotográfico

4.2 Comentários sobre a observação

Os académicos deram entrada na sala de informática da academia antes do horário da mesma para que, quando o professor iniciasse a aula já estar tudo pronto e atento.

A aula teve início por volta das 16h07. Primeiramente, o professor esclarece umas dúvidas acerca do Gmail a uma aluna que trouxe o seu próprio computador, sendo que os restantes utilizam os da Universidade. Num momento posterior, inicia as tarefas da aula e expõe qual o programa para aquela hora: “Iremos dividir a aula em duas fases. A primeira “Saber identificar o sistema”, a segunda “Instalar e desinstalar programas.”

Para iniciar a primeira tarefa, começa por escrever no quadro os passos para que cada aluno siga consoante o windows que o computador que está a usar possui. Os passos são claros e detalhados. De seguida são enumerados os tipos de processadores assim como a história e a evolução dos mesmos. Com o entusiasmo por parte do professor, são abordados o disco rígido e as memórias RAM. Os alunos revelam um ar atento embora confuso.

Numa segunda parte da aula, o professor explica como se instala e desinstala um programa consoante os windows diversos presentes nos computadores. Os alunos revelam-se participativos e interessados nesta atividade.

Após a prática de desinstalar um programa, a aula termina.

5.1 Informação geral sobre a 5ª observação

Dia e hora: 23 de Maio de 2018 das 12h às 12h30

Local: Espaço Internet de São Brás de Alportel

Disciplina: Informática

Aula composta por: 8 alunos (6 mulheres, 2 homens) e 1 professor

Resumo: Observação estruturada não participante; Registo fotográfico

5.2 Comentários sobre a observação

A aula decorria normalmente há cerca de 30min quando cheguei. Os alunos mostraram-se empenhados com a tarefa que estava a decorrer. Nem todos se mostraram autónomos neste dia e, dessa forma o professor esteve sempre a esclarecer dúvidas e questões aos alunos. Durante este período, notou-se um certo individualismo e os alunos não procuraram a ajuda do colega do lado mas sim, do professor.

No final da aula, os alunos mostraram-se cúmplices e saíram a conversar uns com os outros.

Anexo III- INQUÉRITO POR QUESTIONÁRIO I

Utilização das Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC)

Caro/a Aluno/a,

O presente questionário encontra-se integrado num estudo para a obtenção do grau de Mestre em Gerontologia Social de Rita Pereira Traquino, aluna da Escola Superior de Educação e Comunicação na Universidade do Algarve, sob a orientação do Professor Doutor Joaquim Matias Pastagal do Arco.

O estudo tem como objetivos caracterizar os formandos no sentido demográfico, socioeconómico e perceber quais as suas experiências e opiniões, relativamente ao funcionamento das aulas de Informática em que está inscrito na Universidade Sénior à qual pertence.

O questionário é anónimo e os dados recolhidos serão tratados de forma confidencial e utilizados apenas para a investigação “O Envelhecimento e as Tecnologias de Informação e Comunicação”.

Nome da Instituição: _____

Nº do Inquérito (preenchido pela responsável do estudo) _____

SECÇÃO 1 - Caracterização dos académicos da Universidade/Academia

1- Género:

Feminino ()

Masculino ()

2- Idade:

50-55 anos ()

66-70 anos ()

56-60 anos ()

71-75 anos ()

61-65 anos ()

+75 anos ()

3- Estado Civil:

Solteiro/a ()

Casado/a ()

Divorciado/a ()

União de Facto ()

Viúvo/a ()

4- Quais são as suas habilitações literárias? (Escolha uma das seguintes opções)

Sem escolaridade ()

- 1º Ciclo do Ensino Básico ()
- 2º e 3º Ciclo do Ensino Básico ()
- Ensino Secundário ()
- Bacharelato ()
- Licenciatura ()
- Mestrado ()
- Doutoramento ()

5- Última profissão exercida antes de entrar para a UTI? (Escolha uma das seguintes opções)

- | | |
|-----------------------|--------------------|
| Doméstico () | Agricultura () |
| Comércio () | Pesca () |
| Serviços () | Transportes () |
| Construção Civil () | Função Pública () |
| Educação () | Banco () |
| Saúde () | Administração () |
| Outra () Qual? _____ | |

SECÇÃO 2 – Utilização de equipamentos e acesso à Internet
--

6- Dos seguintes equipamentos, quais os que utiliza?

- Televisão ()
- Rádio ()
- Telemóvel e/ou telefone ()
- Computador fixo e/ou portátil ()
- Leitor e/ou gravador ()
- Consola de jogos - Xbox, Playstation ()
- Tablet ()

7- Tem acesso à internet? (Caso a resposta seja negativa, passe para a questão número 13)

- Sim, tenho acesso ()
- Não, não tenho acesso ()

8- Com que objetivo utiliza a Internet?

Lazer Entretenimento (jogar, ver vídeos), Música ()

Comunicação (Utilizar as redes sociais, Comunicar com amigos e familiares) ()

Informação (Consultar enciclopédias online, Procurar informação sobre coisas do meu interesse, Procurar ocupações, Ler blogues, Manter-me atualizado sobre as notícias ()

9- Tem acesso às redes sociais? (Caso a resposta seja negativa, passe para a questão número 11)

Sim, tenho perfil criado ()

Sim, através da conta de outrém ()

Não tenho acesso ()

10- Nos sites de redes sociais em que tem perfil criado, que funcionalidades utiliza?

Lazer ()

Comunicar ()

Divulgar eventos/causas sociais ()

Procurar amigos/familiares ()

Partilhar informação ()

11- Assinale com X, na alternativa correspondente, a sua resposta.

	Nunca	Raramente	Algumas vezes	Quase sempre	Sempre
a) Costuma aderir a foruns?					
b) Participa em movimentos sociais que tem conhecimento nas redes sociais?					
c) Utiliza a informação a que tem acesso através das TIC para uma participação mais ativa e crítica?					

12- Assinale com X, na alternativa correspondente, a sua resposta.

	Discordo totalmente	Discordo	Nem concordo nem discordo	De acordo	Totalmente de acordo
d) Os idosos têm sempre muitas dificuldades no manuseamento das tecnologias.					
e) Os idosos conseguem sempre utilizar autonomamente as tecnologias.					

f) As TIC possibilitam o desenvolvimento de novas estratégias cognitivas e promovem a aprendizagem em cooperação e interação.					
g) Os elevados custos das tecnologias são um obstáculo à sua integração no ensino/aprendizagem.					

SECÇÃO 3 – Funcionamento das Universidades/Academias

13- Quais as motivações para a frequência desta instituição? (pode assinalar mais que uma opção)

Convívio (Conhecer pessoas novas, Combate á solidão) ()

Lazer (Ocupação de tempos livres) ()

Aprendizagem (Partilha de aprendizagens/experiências, Interesse em dominar as TIC

Participar em atividades físicas, Interesse em aprender/dominar outro idioma) ()

14- Há quanto tempo frequenta esta Universidade/Academia?

Menos de 1 ano ()

1 ano ()

2 anos ()

3 anos ()

4 anos ()

5 ou mais anos ()

15- Quais os motivos para ter aderido à disciplina de Informática?

Reforçar conhecimentos na área da informática ()

Fortalecer os laços que existem com amigos ()

Por incentivo de terceiros ()

Aquirir novas competências ()

16- De que modo a Universidade Sénior alterou a sua maneira de encarar a vida e o mundo?

Nunca é tarde demais para aprender ()

Não mudou nada ()

- Crescimento pessoal ()
- Esquecer a solidão ()
- Estar informado ()
- Felicidade ()
- Fuga à inatividade ()
- Permite-me ver/conhecer coisas novas ()
- Troca de experiências ()
- Valorização da dignidade de qualquer um ()
- Ser mais tolerante/Aceitar opiniões de terceiros ()

17- Quais os aspetos MAIS valorizados na Universidade que frequenta?

- Conteúdos programáticos desinteressantes ()
- Instalações ()
- Pouca diversidade de disciplinas ()
- Desinteresse de entidades/falta de apoio logístico ()
- Não consigo enumerar um aspeto relevante ()

18- Quais os aspetos MENOS valorizados na Universidade que frequenta?

- Conteúdos programáticos desinteressantes ()
- Instalações ()
- Pouca diversidade de disciplinas ()
- Desinteresse por parte de entidades/falta de apoio logístico ()
- Não consigo enumerar um aspeto relevante ()

19- Que sugestões de melhoramento recomenda para um melhor funcionamento da Universidade que frequenta?

- Cumprimento de horários ()
- Melhorar as instalações ()
- Mais material prático ()
- Disciplinas mais diversas ()
- Período mais alargado de aulas ()
- Não tenho sugestões ()

20- As aulas de informática na Academia Sénior mudaram a minha vida porque

GRATA PELA SUA COLABORAÇÃO!

Anexo IV - Guião de entrevista dirigida aos professores da UTI

Bloco A- Validação da Entrevista

O meu nome é Rita Pereira Traquino, sou aluna do Mestrado em Gerontologia Social na Escola Superior de Educação e Comunicação na Universidade do Algarve.

A fim de obter o grau de Mestre, estou a desenvolver uma investigação centrada na problemática da aprendizagem e do uso das Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) nos idosos.

Esta entrevista tem como principal objetivo compreender de uma forma mais detalhada o impacto que as TIC têm na vida dos idosos, de modo a triangular a informação obtida de todos os dados anteriormente recolhidos.

Desta forma, solicito a sua autorização para proceder à videogravação da entrevista para permitir recolher a informação desejada de forma mais fidedigna e concisa, salvaguardando a sua identidade.

Os dados recolhidos nesta entrevista são única e exclusivamente para o estudo em questão.

Bloco B- Caracterização pessoal

- Importa-se de me dizer a sua idade?
- Qual o seu estado civil?
- Quais são as suas habilitações literárias?
- Há quanto tempo dá aulas na academia? Porque decidiu começar?
- Quantas horas semanais trabalha em sala de aula?
- Qual é a sua situação profissional na UTI?

Bloco C – Ensino/aprendizagem das TIC

- Ao longo da sua carreira profissional realizou alguma formação (curso, workshop) ligada à utilização de computadores? Se não o fez, por que razão?

- Como se descreve enquanto professor?

- Quais são as metodologias que utiliza para uma melhor aprendizagem por parte dos académicos?

- Os académicos seniores conseguem manusear e utilizar autonomamente as tecnologias? Quais são as dificuldades que encontram?

- Face às dificuldades dos idosos em adquirir conhecimentos inerentes ao uso das tecnologias, que estratégias adota para uma melhor aprendizagem?

- Como caracteriza o interesse e a participação dos académicos em sala de aula?

- Como descreve o ambiente e a interação entre os académicos em sala de aula?

- Que relação estabelece com os seus académicos seniores? Na sua opinião, teria a mesma relação com académicos de outras faixas etárias?

Bloco D- Utilização das TIC

- Como classificaria a sua capacidade de utilização de computadores?

- Em média, com que frequência utiliza o computador?

- Sempre que o utiliza, tem acesso à internet?

- A utilização do computador em sala de aula altera a dinâmica de uma aula.

Concorda?

Bloco E- Educação ao longo da vida e as TIC

- Na sua opinião, qual é a razão para que muitos idosos não se sintam confiantes no uso das tecnologias?

- Que influência tem a idade dos educandos no processo de aprendizagem?

- De que forma é que a evolução da tecnologia condicionou o processo ensino/aprendizagem?

- De que forma é que os conhecimentos adquiridos em sala de aula interferem na vida quotidiana dos académicos?

Ânexo V- Interpretação das Observações e das Entrevistas

Categorias	Análise de Observação
<p>Espaço e Ambiente</p>	<ul style="list-style-type: none"> • O espaço era amplo, bem iluminado e dotado de 5 computadores fixos e um quadro além das mesas e cadeiras. O ambiente era calmo e acolhedor com a simpatia de todos os presentes. (Uni. Sénior de Olhão) • O espaço era amplo, bem iluminado, dotado de 14 computadores fixos, um retroprojektor e uma tela para facilitar a visualização e a disposição das mesas eram em U o que permitia aos alunos estarem de frente uns para os outros. O ambiente era agradável embora agitado. (Acad. Sénior da Cruz Vermelha- Faro) • O espaço era muito pequeno, a disposição das mesas faz com que os alunos fiquem de costas voltadas uns para os outros e de frente para a parede, a sala dispõe de 6 computadores fixos, um quadro e de uma pequena janela. O ambiente era calmo. (Uni. Sénior de Loulé) • O espaço é amplo, bem iluminado, dotado de computadores fixos e a disposição das mesas é em filas . O ambiente era calmo e de concentração. (Espaço Internet São Brás de Alportel)
<p>Relações interpessoais</p>	<ul style="list-style-type: none"> • A turma revelou espírito de grupo, entre ajuda, respeito e integração face aos alunos estrangeiros. Os alunos revelaram ainda uma relação de proximidade, respeito e em alguns casos, amizade para com a professora. (Uni. Sénior de Olhão) • A turma mostrou dinâmica, respeito e muita

	<p>entre ajuda. Os alunos revelaram uma relação de proximidade, respeito e carinho pelo professor. (Acad. Sénior da Cruz Vermelha- Faro)</p> <ul style="list-style-type: none"> • A turma revelou alguma entre ajuda e respeito uns com os outros. A relação com o professor mostrou cordialidade e respeito. (Univ. Sénior de Loulé) • A turma revelou respeito e pouca entre ajuda no decorrer da aula. No final mostraram-se cúmplices. (Espaço Internet São Brás de Alportel)
<p>Autonomia</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Em geral, os académicos revelaram alguma autonomia e, deparados com alguma dúvida, perguntavam oralmente à professora de forma a que todos ouvissem. De ressaltar que 2 dos alunos mais avançados, ajudavam outros com mais dificuldade num canto da sala de forma a não atrasar o ritmo dos restantes. (Uni. Sénior de Olhão) • Em geral, os alunos mostraram-se pouco autónomos e pouco confiantes, dependentes do professor para a confirmação de alguns passos detalhados numa ou noutra atividade prática. (Acad. Sénior da Cruz Vermelha - Faro) • Em geral, os alunos revelaram alguma autonomia nas atividades de seu interesse. (Univ. Sénior de Loulé) • A turma revelou pouca autonomia e algum individualismo, procurando esclarecer dúvidas com o professor e não com colegas. (Espaço Internet São Brás de Alportel)
	<ul style="list-style-type: none"> • Os académicos mostraram-se sempre

<p>Interesse e Participação</p>	<p>interessados e participativos, colocando dúvidas e dando sugestões. (Uni. Sénior de Olhão)</p> <ul style="list-style-type: none"> • Os alunos revelaram-se bastante interessados e participativos, dotados de conhecimento na área da informática. (Acad. Sénior da Cruz Vermelha- Faro) • Os académicos demonstraram interesse e participação nas atividades do seu interesse sendo que, nas restantes embora atentos revelaram um ar confuso. (Uni. Sénior de Loulé) • Os alunos revelaram interesse e participaram prontamente nas atividades sugeridas. (Espaço Internet São Brás de Alportel)
<p>Conteúdos Programáticos</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Os conteúdos foram do interesse geral dos formandos além de que, enquadrados nas dificuldades que apresentaram nas aulas anteriores. (Uni. Sénior de Olhão) • Os conteúdos foram do interesse de todos os presentes, tendo sido úteis para a utilidade básica relativamente ao manuseamento de um computador. (Acad. Sénior da Cruz Vermelha- Faro) • Os conteúdos nem sempre foram de interesse dos presentes uma vez que se revelaram muito técnicos e relativos às especificações do computador. (Acad. Sénior de Loulé) • Os conteúdos estiveram de acordo com os interesses e conhecimentos dos presentes. (Espaço Internet São Brás de Alportel)
	<ul style="list-style-type: none"> • A metodologia utilizada é adequada ao tipo de alunos, a professora coloca a voz num tom mais

<p style="text-align: center;">Metodologia dos formadores</p>	<p>alto e de forma expressiva e escreve detalhadamente os passos das atividades no quadro para que todos possam copiar para os cadernos e revejam quando sentirem necessidade. (Uni. Sénior de Olhão)</p> <ul style="list-style-type: none"> • A metodologia utilizada pelo professor passa por exemplificar na prática enquanto explica detalhadamente auxiliado pelo material didático, aumento do tamanho dos ícones nos computadores, utilização de termos técnicos seguidos de uma linguagem mais simples para esses mesmos termos. (Acad. Sénior da Cruz Vermelha- Faro) • A metodologia utilizada pelo professor passa por escrever no quadro os termos técnicos e os passos detalhados de forma a que os alunos revejam quando sentirem necessidade, a voz é colocada de forma calma e num tom alto. (Univ. Sénior de Loulé) • A metodologia utilizada pelo professor passa por uma explicação oral de forma detalhada, calma e simples, mostrando depois na prática como se faz. De ressaltar que o professor elabora pequenos manuais e/ou retira uns pequenos textos explicativos para que os alunos possam estudar e levar para casa como auxiliar. (Espaço Internet São Brás de Alportel)
--	---

Tabela 3.3 - Interpretação das Observações Diretas

Entrevistados: Professores das 4 Universidades		
Categorias	Unidades de Significação	Interpretação da Investigadora
Ensino/ Aprendizagem das TIC	<p><u>Testemunho referente à Uni. Olhão</u></p> <p>“Dos meus alunos talvez .. 20% sejam autónomos (...) um rato que é uma coisa horrível para domar. Até que eles consigam domar um rato é um problema.” (l.35)</p> <p>“O 1º ano de aprendizagem deles é sempre doloroso, de tal forma que uns acabam por desistir, achando que não são capazes ou que não estão para passar vergonhas em frente aos outros seniores.” (ll. 39-45)</p> <p>“(…) trabalham muito pouco em casa porque não têm computador (...) tenho seniores cujos filhos são Informáticos e eles têm que estar nas aulas porque em casa ninguém os ajuda.. não têm tempo (...) Comigo eles têm tempo de aprender.” (ll. 56-65)</p> <p>“Tento que eles vejam o computador como uma brincadeira que eles podem aprender(...) se souberem mexer com o computador vão poder interagir com os netos também.” (ll.71-77)</p> <p>“São interessados. (...) muitos seniores querem muito aprender a falar através da internet para poderem falar com os filhos que residem no estrangeiro. Quando conseguem ver o filho e conversar .. ficam muito felizes.” (ll. 92-96)</p>	<p>Segundo o testemunho da professora, os alunos não conseguem alcançar a autonomia pelo medo que têm em manusear um computador.</p> <p>A minha opinião vai de encontro a isso mesmo. A idade acarreta algumas adversidades e nem sempre o estado de saúde permite aos alunos seniores verem bem, terem precisão na mão, a memória já não corresponde, o que dificulta a aprendizagem.</p> <p>Por outro lado, a falta de acompanhamento em casa poderá ser um fator negativo para este processo. Os familiares, na azáfama do seu quotidiano não investem nas relações e nas necessidades dos seus familiares.</p>
	<p><u>Testemunho referente à Acad. Faro</u></p> <p>“É um desafio ver esta malta que consideram</p>	<p>Os idosos inicialmente têm receio de manusear um</p>

	<p>isto um bicho de sete cabeças e transformar essa ideia de se sentirem um pouco postos de parte e dominarem estas tecnologias e isso gosto bastante disso.” (Il.33-35)</p> <p>“trabalho um pouco de tudo com eles” (Il.58-60)</p> <p>“(…) outros não têm computador em casa. Acabam por comprar.. eu acho isso bastante engraçado” (Il.108-109)</p> <p>“Há muita gente que trabalhou com computadores durante a sua vida profissional, reformam-se, largam os computadores e depois quando voltam a mexer (...) todo o sistema com que eles trabalharam é tudo diferente” (Il.136-140)</p> <p>“O computador para eles não é para trabalhar. Essa fase já passou. O computador para eles, eu encaro como uma ferramenta para combater a solidão que eles têm (...) para fazer as suas pesquisas e ver o que isto tem de interessante.”(Il.144-148)</p> <p>“é ser paciente, ir devagarinho, repetindo com eles (...) eles têm que mexer e fazer por eles próprios (...) porque se a gente faz por eles, eles acham aquilo muito interessante (...) mas não aprendem.” (Il.170-178)</p>	<p>equipamento eletrónico e isso faz com que, sozinhos, não tentem aprender. Os familiares e os profissionais têm um papel fucral no que diz respeito à desmistificação desta ideia de complexidade e desconhecimento face às diversas potencialidades de um equipamento eletrónico.</p> <p>Para alguns seniores, o computador e outros equipamentos não são de todo desconhecidos uma vez que, no decorrer das suas carreiras profissionais, utilizaram um ou outro. Na idade da reforma, apesar de estarem desatualizados, uma vez que o avanço tecnológico avança a passos largos, acabam por ter mais facilidades de aprendizagem.</p>
	<p><u>Testemunho referente à Uni. Loulé</u></p> <p>“Gosto de dar.. de explicar aos alunos mais velhos, gosto de transmitir os meus conhecimentos e também com eles aprendo um pouco.” (Il.31-33)</p> <p>“(…) não consigo dar um programa do inicio</p>	<p>De acordo com as dificuldades e dúvidas dos alunos, o professor adapta o programa que tem estipulado. Entre uma partilha de informação, encontram-se barreiras no</p>

	<p>até ao fim..” (l.41)</p> <p>“(…) eles têm dificuldades em memorizar as explicações. Há aulas que não escrevo no quadro, há aulas que sim para facilitar mais o trabalho (...)” (ll.60-62)</p> <p>“Dificuldades nos programas, no office, às vezes como até o ligar o computador (...) eu vejo medo em descontrolar o sistema ” (ll.80-83)</p> <p>“Acredito que com persistência eles chegam lá.” (l.97)</p>	<p>processo ensino/aprendizagem como o estado de saúde dos alunos (falta de vista, tremor no corpo, falta de memória). Isto faz com que o programa por vezes possa não ser cumprido na íntegra.</p>
	<p><u>Testemunho referente à Uni. São Brás de Alportel</u></p> <p>“Utilizo muito o método expositivo e ativo, ou seja, mostrar no ecrã como é que se faz e eles fazerem o exercício no computador, sempre a mexer.” (ll.35-36)</p> <p>“(…) as pessoas que têm menos habilitações são aquelas que têm mais dificuldades (...) Alguns têm medo de tocar com medo de estragar.” (ll.40-45)</p> <p>“(…) eles têm dificuldade em visualizar no computador onde está. Eu às vezes não utilizo só o ecrã, eu às vezes falo para eles irem a determinado sitio. (...) algumas pessoas têm dificuldade só ouvindo e não vendo.” (ll.47-50)</p>	<p>A metodologia mais adequada para os alunos em idade avançada passa por dizer como se faz e fazer com que os alunos executem a mesma tarefa uma vez que, dadas as condicionantes da idade em que se encontram, é a melhor forma de reter a informação. As condicionantes passam pelo estado de saúde principalmente.</p>

Participação e interação	<p><u>Testemunho referente à Uni. Olhão</u></p> <p>“São interessados mas há pessoas que entram na aula e me dizem “eu só venho cá aprender 3 ou 4 coisas. Assim que eu as souber vou me embora e pode entrar outra pessoa no meu lugar”</p> <p>“um dos seniores que eu lá tenho como ajudante diz que está lá só para os outros não se desmotivarem e não se irem embora (...) eu com 20 pessoas em sala não consigo chegar a todos. (ll.131-135)</p> <p>“As aulas são super divertidas, eles estão sempre bem dispostos e ajudam-se sempre uns aos outros e depois contam piadinhas e depois dizem coisas engraçadas” (ll.142-144)</p> <p>eu tenho uma boa relação com eles. (...) há muitos que me conhecem desde que sou pessoa (...) No natal e no final do ano do ano eles fazem questão de irem todos almoçar comigo.” (ll.164-174)</p> <p>“fiz anos o ano passado (...) Quando cheguei tinha um bolo, um ramo de flores. Eles descobriram que eu fazia anos porque alguns são meus amigos no facebook ((risos)) e então prepararam tudo (...) acho que é a forma que eles têm de agradecer o voluntariado.”</p>	<p>A minha opinião sobre os académicos desta Universidade é bastante positiva. São um bom exemplo do espírito de grupo, de entre ajuda, de afetos. Enalteço a atitude diária de dois alunos que dotados de alguns conhecimentos informáticos, despendem do seu tempo não a aprender mas a ensinar os colegas com mais dificuldades de forma a que a aula decorra com normalidade. De facto, somos felizes em fazer os outros felizes.</p> <p>A gratidão impera nesta instituição. Todos recebem conhecimento, todos partilham experiências. Afinal de contas, profissionais felizes e realizados, atraem formandos empenhados e participativos.</p> <p>O dinheiro não compra afetos, a simplicidade dos gestos dos seus alunos e o sorriso com que fala deles, “paga” o vencimento mensal desta professora.</p>
	<p><u>Testemunho referente à Acad. Faro</u></p>	<p>Os académicos desta instituição são a imagem de</p>

	<p>“Muito raros são aqueles que se desinteressam. (...) Tento fazer das aulas o mais prático e o mais interessante para eles. (Il.212-214)</p> <p>“Eles realmente ajudam-se entre si e isso é bom, e é bom eles perguntarem uns aos outros.” (Il.253-254)</p> <p>“(…) é uma família para mim (...) acabamos por estar ali todos num grupo onde a gente partilha as nossas dificuldades e as nossas aventuras neste ramo da informática.” (Il.37-41)</p> <p>“São muito mais participativos, é verdade. A experiência e a bagagem que eles têm .. agora quando se trata da matéria .. hum .. isto é tudo novo para eles.”(Il.353-354)</p>	<p>um grupo participativo, interessado, cooperante embora nem sempre autónomo. Segundo apurei, cobram ao professor as vezes que auxilia os colegas então, de forma a contornar isso, o professor ajuda-os de acordo com a disposição das mesas, começa numa ponta e termina noutra, repetindo.</p> <p>A relação entre os académicos e o professor poderá fazer com que isto aconteça. Sentem algum ciúme devido à proximidade.</p>
	<p><u>Testemunho referente à Uni. Loulé</u></p> <p>“(…) eles são mesmo curiosos e estão interessados mesmo na aprendizagem (...)” (Il.100-101)</p> <p>“(…) Entre eles há sempre um afastamento, tem a ver com a afinidade. (Il.110-111)</p> <p>“(…) é uma relação mais profissional (...) há confiança total.” (Il.117-120)</p>	<p>Os alunos são curiosos e interessados nos conteúdos. Enquanto grupo, apesar das afinidades conseguem ter espírito de ajuda e respeito. Com o professor, têm uma relação mais profissional, com respeito e confiança.</p>
	<p><u>Testemunho referente à Uni. São Brás de Alportel</u></p> <p>“Têm interesse. Quem tem interesse vai desde o início até ao fim. (l.70)</p> <p>“(…) também fazem grupinhos mas em termos gerais existe boa dinâmica” (l.77)</p> <p>“Não digo que será uma relação de pura amizade mas de estar próximo (...)uma relação</p>	<p>Os formandos com interesse em aprender assistem a todas as aulas, sendo que os que não têm interesse ou não mostram agrado pelos conteúdos, não terminam o ano letivo na disciplina.</p>

	<p>mais de afeto deles que se calhar alguns deles veêm-me como um neto ou como um filho. (ll.83-89)</p>	<p>O grupo é dinâmico e participativo e mantém uma relação de proximidade para com o professor talvez se deva à diferença de idades e ao carinho pelo formador.</p>
--	---	---

Utilização das TIC	<p><u>Testemunho referente à Uni. Olhão</u></p> <p>“Todos dias, de hora a hora ((risos)) porque estou sempre a tirar material, fazer pesquisas, estudar” (Il. 211-212)</p> <p>“eu sou utilizador convicto dos recursos informáticos mas normalmente .. não faço projeções de coisas, faço nas aulas de informática com os seniores quando fazemos trabalhos em conjunto mas nas outras aulas não. Aqui uso os recursos todos que tenho ao meu dispor para que lhes possam ajudar por exemplo com fichas.” (Il.218-224)</p> <p>“(…) até prefiro não utilizar tecnologias porque eles têm um bocado a tendência de se dispersar mais (...) se tiver a fazer os mesmíssimos gráficos e interagir com eles enquanto estou a fazer os gráficos, eles estão sempre com atenção ” (Il.234-236)</p> <p>“Um professor tem que ser curioso porque faz parte de ensinar, aprender e a gente só aprende se tiver curiosidade.” (Il.334-335)</p> <p>“A gente usa para aprender, para fazer pesquisas, para estudar e também para a parte lúdica. Eles (os seniores) só usam para a parte lúdica” (Il.255-257)</p>	<p>A professora segue atentamente os avanços tecnológicos e usufrui deles enquanto auxiliar para material a utilizar nas suas aulas muito embora evite utilizar muitos equipamentos de forma a que os alunos não dispersem. Estou parcialmente de acordo uma vez que enquanto os desenhos ou a escrita no quadro está a decorrer os idosos conseguem acompanhar. Por outro lado, pressupõe um gasto maior de tempo no decorrer de uma aula.. curta.</p>
	<p><u>Testemunho referente à Acad. Faro</u></p>	<p>Assim que desmistificam</p>

	<p>“Aqueles que começaram nisso (...) já estão ligados como nós. É engraçado ver essa evolução neles que conseguem chegar a esse mesmo nível e compreenderem “já estou a perceber porquê que eles estão ligados” (...) mas há sempre aqueles que não querem aprender.” (Il.445451)</p> <p>“(...) facebook, farmville .. Aquilo cativou tanta gente que as pessoas chegavam a não dormirem, virem de diretas para aqui porque passaram a noite toda a jogar àquilo.” (Il.525-538)</p> <p>“(...) não há nenhuma máquina que me metam à frente que eu não consiga aprender com ela.(...) são quase 10h por dia” (Il.402-404)</p> <p>“Se os professores têm essa tecnologia disponível têm que saber usá-la, caso contrário não é assim tão valiosa.” (Il.429-431)</p>	<p>algumas ideias, os idosos conseguem reconhecer as potencialidades e o vasto leque de tarefas que podem usufruir dentro das TIC e, como afirma o professor, ficam igualmente ligados às tecnologias.</p> <p>A utilização das TIC segundo este testemunho passa pelo lazer e pela comunicação.</p> <p>O professor domina os equipamentos uma vez que é curioso e procura atualizar-se constantemente.</p>
	<p><u>Testemunho referente à Uni. Loulé</u></p> <p>“(...) não tenho problemas nenhuns na utilização mas esta vertente da informática temos que estar sempre atualizados (...).” (Il.125-126)</p> <p>“O meu maior desafio é ter utilizadores que sabem mexer bem com um programa e outros que sabem trabalhar com outro e eu tenho que saber gerir isto tudo. (Il.178-180)</p>	<p>A informática é, em grande parte, uma disciplina em que a prática é fundamental não descartando a teoria, esta não tem um peso tão importante uma vez que saber fazer, pressupõe mexer.</p> <p>Um dos desafios do professor além de procurar manter-se atualizado é, adaptar o programa de acordo com as dificuldades e conhecimentos dos seus alunos.</p>
	<p><u>Testemunho referente à Uni. São Brás</u></p>	<p>O professor enquanto</p>

	<p><u>de Alportel</u></p> <p>“(…) em termos de software ou em termos de máquina, tenho que estar sempre a evoluir” (Il.125-126)</p> <p>“nesta disciplina não se conseguiria dar a aula sem o computador. Para eles seria muito complicado aprender. (...) Eu tenho alguns manuais que ou tiro da internet por estarem feitos e tiro ou alguns que faço” (Il.100-105)</p> <p>“eles estão habituados a um processo mecânico e isto aqui é um processo mais eletrónico digamos assim e é a dificuldade deles em perceber como é que isto funciona.” (Il.109-111)</p> <p>“O skype que eles queriam muito para falarem com os filhos, então expliquei como é que o skype funciona e utiliza.” (Il.139-140)</p>	<p>transmissor de conteúdos tem que ter a preocupação de estar em constante atualização não só de conhecimento mas das melhores ferramentas/estratégias para que os alunos aprendam o que quer transmitir. Para isso, João, tira da net alguns manuais e chega mesmo a fazer uns pequenos materiais para que os alunos possam consultar sempre que sentirem necessidade.</p> <p>Além disso, tem sempre em atenção o que os alunos querem e sentem dificuldade em aprender.</p>
<p>Educação ao longo da vida</p>	<p><u>Testemunho referente à Uni. Olhão</u></p> <p>“Eles têm um bocado de ... receio mas eu acho que há muitos que nem tentam.” (l.235)</p> <p>“ (...) juntamo-nos às pessoas que são mais parecidas connosco e os que não utilizam, não querem saber e têm raiva a quem sabe, não se sentem infoexcluídos porque os amigos deles são iguais” (Il.269-272)</p> <p>“Não é à toa que a gente aprende tudo.. as coisas mais importantes digamos assim, em pequeninos. Os seniores têm muito mais</p>	<p>O medo assombra muitos idosos no que se refere à tecnologia mas se tiverem conhecimento do que se pode fazer com um equipamento eletrónico de certo que mudam de opinião. Não concordo com a professora quando afirma que os idosos apenas utilizam a tecnologia para a parte lúdica. Acrescentaria para comunicar. Muitos deles pretendem comunicar, navegar pela internet, pesquisar alguma curiosidade .. Claro que as</p>

	<p>dificuldade em aprender.” (Il.283-285)</p> <p>“Bem mais grave do que seniores não utilizarem a tecnologia são pessoas mais novas não a utilizarem” (Il.296-297)</p> <p>“ (...) os que vão falar com os filhos por skype, os que vão aprender a trabalhar com o facebook (...) Só não interfere quando não têm computador em casa” (Il.348-353)</p>	<p>faixas etárias utilizam-nas mais para estudar e/ou auxiliar nas carreiras mas nos dias de hoje, poucos são os que se sentem infoexcluídos.</p> <p>O ser humano tem que ser curioso com o que está à sua volta para evoluir e aprender, independentemente da idade, todos aprendem, cada um ao seu ritmo.</p>
	<p><u>Testemunho referente à Acad. Faro</u></p> <p>“Classes de médicos , enfermeiros (...) essa malta, eu digo uma vez mesmo aqueles que tão numa parte inicial e nem preciso de dizer duas vezes, desenrascam-se bem. Agora os outros, nas profissões que tiveram... foram moldados de forma diferente” (Il.476-480)</p> <p>“(...) esta malta da camada mais idosa usam já o computador para estarem mais informados e não para se fiarem nos jornais e no que a televisão diz.. já alguns dizem.. nas redes sociais então..” (Il.489-492)</p> <p>“Realmente interfere naquilo que faziam regularmente. Eram mais.. não tinham muita atividade e com aquilo começaram a ter, começaram também a comunicar mais com as pessoas desde que essas pessoas adotem as novas tecnologias, caso contrário esquece” (Il.550-553)</p>	<p>Do que foi possível apurar, os idosos cujas carreiras profissionais que pressupõem mais atividade física e intelectual são aqueles que têm o processo de aprendizagem mais facilitado ainda que, na reforma não tenham tanta ocupação, possuem alguma destreza e capacidade de memorização.</p> <p>O dia-a-dia destas pessoas passou a ser mais preenchido uma vez que, encontraram nas TIC variadíssimas tarefas que poderiam não ter antes, comunicam com pessoas que sem o avanço tecnológico não seria tão fácil e rápido.</p>

	<p><u>Testemunho referente à Uni. Loulé</u></p> <p>“(…) o antigamente também tinha aparelhos e eles tinham que se adaptar e hoje em dia é a mesma coisa.” (Il.144-145)</p> <p>“(…) quanto mais idade mais dificuldade têm para aprender.” (l.151)</p> <p>“É diferente dar aulas hoje do que há uns anos atrás (…) que os programas vão evoluindo, temos que aprender a mexer com esses programas, outros programas deixam de ser tão influentes (…) é um processo de aprendizagem tanto para o aluno como para o professor” (Il.160-164)</p> <p>“(…) se eles acham interessante aquilo que eu estou a explicar e a transmitir para as suas vidas, como têm os seus computadores até podem abdicar de alguma coisa que têm por fazer” (Il.172-174)</p>	<p>Com o avanço tecnológico a caminhar em passos largos, a capacidade de adaptação dos mais velhos é fundamental para o poder acompanhar. Na verdade, para os que trabalharam com máquinas ao longo das suas carreiras profissionais, este processo de adaptação é mais rápido e mais facilitado.</p> <p>O ser humano está em constante aprendizagem se for curioso e conviver. Assim, além dos alunos, os professores devem procurar também se manterem atualizados.</p>
	<p><u>Testemunho referente à Uni. São Brás de Alportel</u></p> <p>“um aluno mais novo tem uma capacidade de absorção e conhecimento maior do que .. quer a gente queira quer não, do que uma pessoa idosa.” (Il.114-116)</p> <p>“Aqui já há uma pré disposição para tomarem atenção para ver o que é que a pessoa está a explicar” (Il.120-121)</p> <p>“(…) ensino-lhes a utilizar a internet, o mail, dou o processador de texto para eles enviarem</p>	<p>A aprendizagem depois da reforma permite uma pré disposição para adquirir conhecimentos de uma forma mais consciente, interessada e interativa que, nem sempre existe no processo de aprendizagem com faixas etárias mais novas, ainda que a sua capacidade de absorção seja maior nas idades jovens.</p>

	<p>coisas escritas, já dei o excel também e o Picasa. Ah! O skype que eles queriam muito para falarem com os filhos (...)</p> <p>Disto tudo, alguma coisa há-de interferir” (ll.137-141)</p> <p>“ Condiciona em termos de software ou em termos de máquina, tenho que estar sempre a evoluir (...) então a maior parte das pessoas faz uma pequena confusão” (ll.125-131)</p>	
--	---	--